

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MATHEUS SANTIAGO GONÇALVES

INDIVIDUALISMO EM TEMPOS DE CRISE: A PROPAGAÇÃO DA
SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL NA PRODUÇÃO DE 2020 DO CANAL
DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA *O PRIMO RICO*

BAURU
2023

MATHEUS SANTIAGO GONÇALVES

**INDIVIDUALISMO EM TEMPOS DE CRISE: A PROPAGAÇÃO DA
SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL NA PRODUÇÃO DE 2020 DO CANAL
DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA *O PRIMO RICO***

Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, na linha de pesquisa Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do professor Doutor Maximiliano Martin Vicente.

**BAURU
2023**

Matheus, Santiago Gonçalves.

Individualismo em tempos de crise: A propagação da subjetividade neoliberal na produção de 2020 do canal de educação financeira O Primo Rico / Matheus Santiago Gonçalves, 2023

120 f. : il.

Orientador: Maximiliano Martin Vicente

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2023

1. Comunicação. 2. Neoliberalismo. 3. Midiatização. 4. Redes sociais. 5. Educação financeira I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Matheus Santiago Gonçalves, discente do Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Câmpus de Bauru.

Aos 06 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 10:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MATHEUS SANTIAGO GONÇALVES, intitulada **INDIVIDUALISMO EM TEMPOS DE CRISE: A PROPAGANDA DA SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL NA PRODUÇÃO DE 2020 DO CANAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA O PRIMO RICO**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAXIMILIANO MARTIN VICENTE (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / UNESP/Câmpus de Bauru, Professor Doutor ARLINDO REBECHI JUNIOR (Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru, Prof^a. Dr^a. CRISTINA GONZÁLEZ OÑATE (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciencias de La Comunicación / Universitat Jaume I. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professo Associado MAXIMILIANO MARTIN VICENTE

Moscow, 12/12/19

IMPACTO POTENCIAL DESSA PESQUISA

Esta dissertação busca refletir sobre a forma como a conjuntura de ascensão neoliberal somada à midiatização contribui na construção de uma comunicação e subjetividade sob os pilares do neoliberalismo, acarretando em implicações políticas e sociais prejudiciais para os processos comunicacionais e práticas sociais na contemporaneidade.

Àqueles que não se conformaram.

AGRADECIMENTOS

À Deus, esperança em meio à crise;

À minha família e amigos, que souberam entender as ausências nesse período;

Ao meu orientador, prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente, pelas orientações, contribuições, incentivo e paciência;

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp/Bauru), pelos momentos de aprendizagem;

Aos funcionários e funcionárias do Departamento de Ciências Humanas e Comunicação Social da mesma instituição;

Àqueles que de alguma forma contribuíram com a realização desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho analisa a produção do canal de YouTube *O Primo Rico* no ano de 2020, com o intuito de identificar o modo como os elementos de uma subjetividade neoliberal são apresentados em seu conteúdo, observando, também, de que forma o contexto da pandemia da Covid-19 afeta a sua mensagem. A caracterização do neoliberalismo e seus desdobramentos, que impulsionam a produção de uma identidade pautada pela lógica do mercado, e do ambiente comunicacional da midiaticização, um espaço em que as interações digitais estão submetidas aos processos de reprodução do capital, constituem o fundamento teórico para a interpretação do material. A concepção de que toda crise é uma oportunidade para aqueles que se preparam estrategicamente e de que o sujeito é o único responsável por seu sucesso pessoal, evidenciam os efeitos nefastos do ideário neoliberal sobre a sociedade. Dessa forma, *O Primo Rico* atua como um radical e suas ideias são as mesmas daqueles grupos que têm atentado contra a democracia em prol de um *laissez faire* radical. É no pensamento crítico sobre a comunicação e seu papel fundamental na construção do sujeito, que alguns caminhos podem ser engendrados para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Comunicação, neoliberalismo, midiaticização, educação financeira, *O Primo Rico*, democracia.

ABSTRACT

This study assesses the production of the YouTube channel *O Primo Rico* in the year 2020, aiming at identifying how elements from a neoliberal subjectivity are shown in its contents, and also observing in which way the Covid-19 pandemics affects its message. The characterizations of neoliberalism and its branches, that propels the production of an identity based on the market logics, and of the communicational environment of mediatization, a space where digital interactions are subject to processes of capital reproduction, comprise the theoretical basis for the interpretation of the material. The ideas that every crisis means opportunity for those who are strategically prepared and that the individual is solely responsible for his personal success are clear evidences of the evil effects from neoliberal ideology on the society. Thus, *O Primo Rico* acts as a radical and its ideas are pretty much the same as those of groups that attempt against democracy to defend a radical *laissez faire*. It is in critical thinking about communication and its main role in molding the individual that lays the possibility to establish some paths to build a more egalitarian society.

Keywords: Communication, neoliberalism, mediatization, financial education, *O Primo Rico*, democracy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Vídeo de apresentação – Canal O Primo Rico</i>	75
Figura 2 – Trecho do vídeo: <i>A melhor oportunidade da década?</i>	83
Figura 3 – Trecho do vídeo: <i>Como investir bem na crise!</i>	85
Figura 4 – Trecho do vídeo: <i>3 técnicas que qualquer pessoa pode usar para ganhar dinheiro</i>	87
Figura 5 – Trecho do vídeo: <i>Como sair do salário mínimo e juntar 10 mil reais! (de forma prática)</i>	90
Figura 6 – Trecho do vídeo: <i>O mundo derretendo e o Ibovespa bombando, o que aprendi com a crise de 2020</i>	93
Figura 7 – Trecho do vídeo: <i>Como investir para viver de renda com fundo imobiliário</i>	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Modelo de mediação	50
Gráfico 2 – Acesso à Internet para uso pessoal em 2021	56
Gráfico 3 – Domicílios em que havia conexão por banda larga na utilização da Internet, segundo o tipo de banda larga (%)	57
Gráfico 4 – Domicílios em que funciona serviço de telefonia móvel celular (%)	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de análise	78
Tabela 2 – Vídeos explorados na análise parcial	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 NEOLIBERALISMO: ALÉM DA ECONOMIA	16
1.1 Origens históricas do neoliberalismo	18
1.2 Uma dimensão mais profunda do neoliberalismo	28
1.3 O <i>homem empresa</i> : esquadrinhando a subjetividade neoliberal	33
2 MIDIATIZAÇÃO: COMUNICAÇÃO E CAPITALISMO NO PRESENTE	40
2.1 O desenvolvimento das TICs e a construção de um debate sobre comunicação digital	42
2.2 Midiatização: uma análise crítica da comunicação contemporânea	47
2.3 Midiatização no Brasil: panorama do uso da Internet no país	54
3 INDIVIDUALISMO EM TEMPOS DE CRISE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CANAL <i>O PRIMO RICO</i> EM 2020	60
3.1 O produto da comunicação midiatizada: redes sociais, YouTube e a comunicação como “propaganda de si”	61
3.2 Educação financeira no Brasil e a trajetória de Thiago Nigro na Internet	72
3.3 O <i>homem empresa</i> em meio à crise: a defesa da subjetividade neoliberal no canal <i>O Primo Rico</i>	77
3.3.1 Análise: <i>A melhor oportunidade da década?</i>	81
3.3.2 Análise: <i>Como investir bem na crise!</i>	84
3.3.3 Análise: <i>3 técnicas que qualquer pessoa pode usar para ganhar dinheiro</i>	86
3.3.4 Análise: <i>Como sair do salário mínimo e juntar 10 mil reais! (de forma prática)</i>	89
3.3.5 Análise: <i>O mundo derretendo e o Ibovespa bombando, o que aprendi com a crise de 2020</i>	91
3.3.6 Análise: <i>Como investir para viver de renda com fundo imobiliário 31/12</i>	94
4 O <i>PRIMO RICO</i> É UM RADICAL? RACIONALIDADE NEOLIBERAL E AUTORITARISMO NA ATUALIDADE	98
4.1 O <i>Primo Rico</i> radical: aproximações entre neoliberalismo e autoritarismo no presente	99
4.2 O que pensam as novas direitas brasileiras?	106
4.3 “Por uma outra comunicação”	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Brasil experimentou o crescimento do número de políticos comprometidos com projetos neoliberais. Desde as Manifestações de Junho de 2013¹, que revelaram a insatisfação generalizada da população com o Estado brasileiro, diversos movimentos defensores da direita política expandiram no país. Esses grupos ganharam as ruas, as redes sociais e as mentes de boa parte da população com um projeto que pode ser resumido por meio da expressão “liberal na economia e conservador nos costumes”². A consolidação dessas ideias culminou com a crise do modelo social-liberal dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), no poder desde 2003. E após a queda de Dilma Rousseff, em 2016, o Estado brasileiro convergiu em um projeto bastante alinhado aos princípios do neoliberalismo. No governo de Michel Temer, a defesa das privatizações, a proposta de uma reforma previdenciária e, principalmente, a reforma trabalhista – um pacote de mais de 100 alterações em prol da flexibilização das relações de trabalho e da redução dos empregos com registro em carteira – assinalavam um novo capítulo na história política do país.

O ápice dessa onda “liberal-conservadora” veio com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República. Seu mandato foi marcado pelo desmonte das políticas sociais, intensificação da desregulamentação no setor econômico e um discurso glorificador da liberdade individual, transformada em valor sagrado por diversos de seus apoiadores. Em seu governo, teve destaque a figura de Paulo Guedes, economista adepto da Escola de Chicago, que ocupou o recém-criado Ministério da Economia. O resultado de toda essa “aventura neoliberal” pode ser percebido no retrocesso dos principais indicadores sociais – aumento da desigualdade, da insegurança alimentar e recuos da educação e saúde³ –, além do enfraquecimento da democracia brasileira que, por muito pouco, não sucumbiu diante de toda ameaça golpista.

Tal conjuntura estimula a reflexão sobre o neoliberalismo, suas características e os efeitos de sua prática sobre a política e sociedade. Apesar da amplitude do conceito, de modo geral, denomina-se neoliberal a doutrina econômica que defende o “livre mercado”, caracterizada pelo desmonte dos serviços públicos com expansão do capital privado. O estudo dessas características da economia política é bastante observado pelos pensadores marxistas,

¹ Também conhecidas como “Jornadas de Junho”, consistiram em protestos nas principais capitais e cidades do país contra a degradação geral das condições de vida, má qualidade dos serviços públicos e a corrupção dos políticos brasileiros.

² Dentre os principais movimentos defensores do modelo neoliberal no país destacam-se Revoltados Online, Endireita Brasil, Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Livre (MBL).

³ Disponível em: <https://istoe.com.br/30-anos-e-3/>.

que percebem no fenômeno uma adaptação do Estado para servir melhor aos interesses do capital em detrimento de formas sociais mais igualitárias de organização social⁴.

Afastando-se das análises marxistas, os estudos de Michel Foucault caracterizam o neoliberalismo por seu aspecto político. Para o pensador francês o fenômeno neoliberal está relacionado ao estudo das estratégias de exercício do poder, que é *biopoder*, a saber, controle sobre os corpos, sobre as subjetividades das pessoas. Suas ideias apontam para uma dimensão mais profunda do fenômeno neoliberal, capaz de orientar o comportamento dos sujeitos a partir de uma lógica empresarial (FOUCAULT, 2008).

Para a construção de uma “subjetividade neoliberal”, contribuem um conjunto amplo de instituições, saberes e práticas e a comunicação é vista como um instrumento cada vez mais importante, especialmente devido à expansão vertiginosa dos usos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na sociedade contemporânea. A ampliação dos aparelhos eletrônicos ligados à internet e seus usos tem fomentado a produção acadêmica sobre o desenvolvimento tecnológico das mídias, seus efeitos nos processos comunicacionais e impactos na sociedade como um todo. Alguns estudiosos descrevem o fenômeno com certo entusiasmo, como é o caso de Henry Jenkins (2009), que analisa essas mudanças para além do seu aspecto técnico, identificando os elementos culturais da transformação em curso, com ênfase no seu potencial democratizador. Outro viés de análise mais crítico ressalta a cooptação desses veículos pelo mercado, que, com o passar do tempo, tem ordenado o seu funcionamento. Sob essa perspectiva, convergência mesmo é aquela do capital sobre produtores de conteúdo independentes e corporativos que, de modo geral, buscam por lucros (PRIMO, 2010).

A aproximação entre neoliberalismo e comunicação no ambiente digital pode ser percebida no aumento de canais e redes sociais que abordam o universo das finanças por meio de temas como a educação financeira, economia doméstica e empreendedorismo⁵. É o caso do canal de YouTube *O Primo Rico*, criado em 2016, pelo consultor de investimentos Thiago Nigro. Com uma linguagem informal, um pouco de humor e, sempre atento às interações do público, sua produção aborda temas como investimentos, análise econômica e princípios para o sucesso profissional, tornando-se um dos maiores do segmento no país – o canal possui

⁴ David Harvey, François Chesnais, Giovanni Alves, Richard Sennet e Ricardo Antunes são apenas alguns nomes que compõem esse grupo.

⁵ Segundo matéria do jornal *Folha de São Paulo* existe um aumento bastante expressivo do interesse por parte dos brasileiros sobre o assunto “finanças”. Essa atração pelo tema tem impulsionado a produção de conteúdo nas mais diversas plataformas digitais de comunicação, movimento um segmento que conta com mais de 96 milhões de seguidores em todo o país. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/brasileiro-se-interessa-mais-por-investimentos-e-influencers-da-area-explodem.shtml>.

média de 15 milhões de visualizações mensais –. Ao mesmo tempo em que ensina sobre finanças, Nigro expõe sua cosmovisão neoliberal, que orienta as decisões pessoais a partir de critérios econômicos, avaliando perdas e lucros.

O objetivo desse trabalho é analisar de que forma os valores neoliberais são introduzidos em meio ao conteúdo informativo do canal. Para isso, foram observados os vídeos produzidos no ano de 2020, período marcado pela tragédia da pandemia da Covid-19. O exame do material divulgado nessa data suscita novos questionamentos acerca da forma como o conteúdo do canal pode ter sido afetado pela conjuntura crítica vivenciada naquele ano. Tal catástrofe teria o poder de colocar em xeque alguns princípios capitalistas? Ou é normal, e até necessário, buscar o enriquecimento em meio a um cenário tão funesto?

Para dar conta dessas perguntas, o exame do objeto está ancorado em uma análise bibliográfica com o intuito de esclarecer a noção de neoliberalismo e os seus impactos sobre a sociedade e o sujeito. Como citado anteriormente, existem duas vertentes principais nos estudos acerca do conceito: uma marxista e outra de matriz foucaultiana e, apesar das diferenças, ambas ressaltam o potencial dessa doutrina econômica de produzir uma subjetividade neoliberal entre os indivíduos, ou seja, um comportamento pautado pelos valores do mercado.

Ademais, o detalhamento do cenário comunicacional contemporâneo, com base no pensamento crítico diante das aproximações entre o desenvolvimento das mídias digitais e a economia capitalista, completa o esforço de fundamentação teórica para o estudo do objeto. Através do conceito de *mediatização*, intelectuais como Antônio Fausto Neto, Muniz Sodré, entre outros, alertam que, apesar dos avanços tecnológicos, floresce no mundo atual uma comunicação que reproduz em sua lógica de funcionamento os valores do mercado, coincidindo com a ascensão do neoliberalismo no presente (FAUSTO NETO, 2006; SODRÉ, 2013).

Como visto acima, a análise do canal *O Primo Rico* serve-se, também, de uma elucidação de seu contexto sócio-histórico. Embasado nas ideias do sociólogo e estudioso da comunicação John B. Thompson, toda mídia é entendida como um agente no embate de forças que compõe a realidade social, não se tratando de um componente neutro. Por isso a sua mensagem é mais bem compreendida quando inserida dentro de uma conjuntura específica, a saber, àquela da sua produção e ou divulgação, fundamental para a construção de seu sentido. Thompson denomina *hermenêutica de profundidade* esse esforço de interpretação da mensagem que alia a sua análise à consideração dos seus elementos sócio-históricos (THOMPSON, 2011).

Este trabalho é constituído de quatro capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo busca uma definição de neoliberalismo, desvendando seus valores e práticas. Tal esforço alia a reconstituição histórica da fundação dessa doutrina econômica à análise teórica que tem se empenhado em sua caracterização. Por meio do estudo da tradição marxista e da matriz foucaultiana, buscou-se destacar que a tônica dentro do neoliberalismo consiste na construção de um modo de vida completamente ajustado aos valores econômicos do mercado e que organizar a sociedade dentro desse espectro financeiro constitui a “solução neoliberal”. A apresentação da noção de *homem empresa*, desenvolvida por Christian Laval e Pierre Dardot (2016) exemplifica a exaltação do sujeito neoliberal movido pelos valores da empresa capitalista.

O segundo capítulo dedica-se aos debates teóricos que tentam explicar o complexo panorama da comunicação no presente. A partir do conceito de midiatização, indica-se o cenário em que as interações são amplamente intermediadas por dispositivos tecnológicos conectados à Internet. A constatação dessa nova realidade carrega consigo uma crítica aos impactos da “expansão do digital” na comunicação, pois não tem sido capaz de romper com o caráter mercadológico que pauta o funcionamento das mídias na sociedade, mas ao invés disso, tem potencializado o individualismo e a hegemonia dentro dos meios.

Os estudos realizados nos dois primeiros capítulos cumprem o papel de esquadriñar os efeitos do neoliberalismo e da midiatização sobre a realidade social. Esse esforço serve de fundamentação para a interpretação do objeto, para uma compreensão mais profunda do seu significado, além disso, permite uma reflexão crítica acerca do seu conteúdo.

O capítulo três traz uma análise da produção do canal de YouTube *O Primo Rico* no ano de 2020. Essa tarefa inicia com a apresentação do objeto, composta de uma reflexão sobre os canais de redes sociais e a figura do *influencer* na comunicação, e do exame da trajetória de Thiago Nigro. Em seguida é feita a preparação do material. Composto por 89 vídeos, a produção do canal é organizada em três categorias principais – educação financeira, análise de conjuntura e empreendedorismo –, e diante da impossibilidade de observar todo o material, 6 vídeos são selecionados para análise neste trabalho.

A interpretação do conteúdo produzido por Thiago Nigro no ano de 2020 aponta para a defesa de um modo de vida que concebe a realidade como um grande mercado. O sucesso representa alcançar os objetivos pessoais em um ambiente competitivo em que o sujeito é o único responsável pelo seu êxito. A pandemia não é capaz de alterar tal percepção da realidade. Na verdade seu impacto consiste em duas lições principais: 1. Para prosperar é

preciso não se abalar pelas crises, mas cumprir as estratégias que foram traçadas e 2. Toda crise é uma boa oportunidade de negócios.

Por fim, o quarto capítulo reflete sobre os desdobramentos do modo de vida neoliberal – propagandeado por Thiago Nigro – sobre o sujeito e a sociedade. O avanço dessas ideias tem impulsionado um modo de vida pautado, sobretudo, pelos interesses individuais, intervindo no desgaste das instituições, especialmente, a democracia. Além disso, sua reprodução tem expandido um discurso hegemônico acerca do capitalismo como único modelo possível para a organização social da humanidade. Na busca por concepções alternativas de explicação da realidade social, a comunicação pode exercer um papel importante, na medida em que é uma atividade originada na partilha, no comunitário, enfim, no social, dimensão da realidade que precisa ser resgatada em qualquer esforço de transformação da conjuntura atual. Do mesmo modo como essa pesquisa optou por denunciar a presença do neoliberalismo através da observação de um produto de mídia social, a saber, o canal de YouTube *O Primo Rico*, de Thiago Nigro, a reflexão sobre a importância da comunicação na sociedade contemporânea e o modelo comunicacional que tem sido praticado predominantemente no mundo possibilitam pensar caminhos para sair dessa encruzilhada. Outra comunicação é possível, e outra sociedade também.

1 – NEOLIBERALISMO: ALÉM DA ECONOMIA

No dia 12 de fevereiro de 2011, foi fundado no Brasil o Partido Novo. Originado da insatisfação de 181 cidadãos com o alto custo e a ineficiência do Estado brasileiro, seus criadores propunham um modelo “mais leve” de governo, distante do intervencionismo na economia, livre das estatais e com muito menos burocracia⁶. A novidade de sua política, tão propagandeada por seus fundadores, consistia na aplicação dos princípios neoliberais de governo, algo que, rapidamente, fez da sigla um dos símbolos da ascensão das *novas direitas*⁷ no país nos últimos anos.

Apesar do termo “novo” que acompanha a legenda e do discurso com ares de atualidade proposto por seus idealizadores, o pensamento neoliberal que orienta o partido já é bem antigo. Suas origens remontam ao início do século XX, a partir de um debate entre estudiosos críticos do intervencionismo estatal como forma de enfrentamento das crises do período entreguerras (1918-1939). Ludwig von Mises, Alexander Rustow, Wilhelm Röpke e Friedrich Hayek são alguns de seus propositores e pretendiam a refundação do pensamento liberal, corrigindo os equívocos de seus antecessores e ajustando suas ideias à nova conjuntura do séc. XX. Na prática, seu ideário pode ser resumido como uma forma de organização que prioriza o crescimento econômico alicerçado em um conjunto de políticas que privatiza a propriedade e os serviços públicos, reduz radicalmente o Estado social, flexibiliza o trabalho e desregulamenta o capital (BROWN, 2019, p.29).

Além das transformações político-econômicas, o neoliberalismo traz consigo uma visão de mundo orientada pelo mercado que busca ajustar os sujeitos de uma sociedade a esses princípios para o melhor funcionamento da economia. Ludwig von Mises, por exemplo, enfatizava a importância de estimular uma cultura de empresa entre as pessoas a partir da educação (DARDOT & LAVAL, 2016, p.150), enquanto Hayek é defensor de um projeto político-moral baseado na “competição, desenvolvimento, liberdade, inovação e mudança” como sendo alguns dos pilares da economia contemporânea (BROWN, 2019, p.123).

Esse aspecto da doutrina neoliberal é enfatizado pelo intelectual francês Michel Foucault, que traz importantes contribuições ao associar o neoliberalismo à política a partir da noção de *governamentalidade*, ou seja, da gestão da população a partir de formas menos repressivas, através de estímulos que buscam direcionar as condutas com o intuito de produzir

⁶ Dados extraídos do site do Partido Novo. Disponível em: <https://novo.org.br/novo/conheca/historia-do-novo/>. Acesso em 25/02/2023.

⁷ A expressão indica a diversidade de grupos que compõem a reorganização do debate público nacional em prol dos ideais da direita política. Em comum, a defesa de valores conservadores e práticas neoliberais caracteriza o movimento (ROCHA, 2018).

sujeitos capazes de viver com base nos princípios formais de uma economia de mercado, tais como o individualismo, a concorrência e o desempenho (FOUCAULT, 2008, p.181).

Este capítulo traz um estudo acerca do neoliberalismo com o propósito de esclarecer os elementos fundamentais de sua doutrina e explicitar seus impactos sobre os sujeitos através da ideia de *subjetividade neoliberal*, bastante difundida nos estudos sobre o tema. Tal exercício tem a intenção de fundamentar a análise do canal de educação financeira *O Primo Rico* na medida em que expõe os valores neoliberais propagados pelo canal, inserindo o seu conteúdo em um embate político por meio da defesa acrítica de um modo de vida que preserva a hegemonia capitalista no mundo.

A organização do texto inicia com uma apresentação das origens teóricas do neoliberalismo, que aponta para os debates sobre o intervencionismo econômico do início do século XX, e do processo de reorganização neoliberal da economia mundial a partir dos anos 1970 e 1980, destacando seus impactos sobre o Estado e a política e, também, os efeitos de sua prática sobre a população, especialmente as classes que vivem do trabalho. Posteriormente, o capítulo analisa os valores que compõem a formação da subjetividade neoliberal, ou seja, o comportamento dos sujeitos orientados pelos princípios da empresa, destacando os efeitos da ascensão dessa doutrina sobre a sociedade contemporânea.

1.1 Origens históricas do neoliberalismo

Em seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*, Wendy Brown afirma que existem duas maneiras principais de compreender o neoliberalismo: uma de linha marxista e outra de matriz foucaultiana (BROWN, 2019, p.29-30). Os estudos marxistas sobre o neoliberalismo descrevem-no como uma doutrina que visa a desregulamentação do mercado em prol da livre-concorrência como forma de ampliar a acumulação de capital dentro da organização capitalista do séc. XX. Sob essa perspectiva, o modelo neoliberal é visto como nova etapa dentro de um processo dialético de desenvolvimento do modo de produção capitalista. A ênfase econômica da análise, centrada nos mecanismos de circulação do capital e nas transformações no mundo do trabalho, é fruto do materialismo que caracteriza o pensamento marxista. Por isso, a maioria desses trabalhos iniciam seus estudos do neoliberalismo a partir da observação da conjuntura econômica do período pós-guerra, das transformações no funcionamento das grandes empresas e das políticas adotadas nos anos 1970 e 1980 por governos marcados pela privatização dos serviços e precarização das relações de trabalho, como foram Margareth Thatcher na Grã-

Bretanha e Ronald Reagan nos Estados Unidos⁸ (ALVES, 1999; ANTUNES; 2015; CHESNAIS, 1996; HARVEY, 2016; SENNET, 1999).

Distintamente, Michel Foucault fornece uma caracterização do neoliberalismo diferente quanto ao seu “significado, objetivo e propósito” (BROWN, 2019, p.30). Para o intelectual francês – e para os seus seguidores – o neoliberalismo representa uma nova racionalidade política, cujo alcance vai além das práticas econômicas e do fortalecimento do capital. Seus objetivos buscam o governo da população em favor da competitividade e do aprimoramento do capital humano, tudo isso em prol da manutenção do modo de produção capitalista (FOUCAULT, 2008). A “metodologia genealógica” foucaultiana busca nos discursos acerca do neoliberalismo, os elementos necessários para a sua compreensão e, por isso, seus trabalhos começam com o resgate dos debates teóricos que introduziram a noção de “neoliberalismo” no mundo⁹ (CHAMAYOU, 2020; DARDOT & LAVAL, 2016; FOUCAULT, 1989, 2008).

A aproximação entre as duas abordagens – expondo as suas divergências e semelhanças – consiste em um esforço que busca esclarecer de maneira mais completa a teoria e prática da doutrina neoliberal e, também, os seus impactos sobre a sociedade e o modo de vida dos sujeitos. Dessa forma, enquanto que o pensamento foucaultiano reconstitui a origens teóricas da doutrina neoliberal, enfatizando as ideias que compuseram o debate de sua fundação, a contribuição marxista é maior na análise detalhada das políticas neoliberais e os seus efeitos sobre a população, especialmente em relação ao mundo do trabalho.

O termo “neoliberalismo” apareceu pela primeira vez em 1938 durante o Colóquio Walter Lippmann, uma reunião de acadêmicos em Paris, promovida pelo Instituto de Cooperação Intelectual (órgão antecessor à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/UNESCO). Mas para melhor entender o episódio de fundação do pensamento neoliberal é necessário retornar um pouco e contextualizar o debate econômico do período entreguerras.

⁸ De modo geral, os textos dos estudiosos marxistas sobre o neoliberalismo situam-se no campo da economia política ou da sociologia do trabalho. Isso pode ser percebido nos trabalhos dos autores citados – David Harvey, François Chesnais e Richard Sennet, no cenário internacional, e nas obras de Giovanni Alves e Ricardo Antunes no Brasil. Em todos esses escritos, a análise acerca do neoliberalismo inicia com uma descrição da conjuntura econômica do pós-guerra e suas transformações na circulação do capital e relações de trabalho.

⁹ A *genealogia foucaultiana* consiste em uma compreensão da história a partir do estudo das *práticas discursivas*, ou seja, do sentido atribuído à ação por um *discurso* – conjunto de enunciados que definem uma forma de existência no mundo. Historicamente identificáveis, os discursos compõem um embate de forças que atua sobre a realidade social. É dessa forma que Foucault compreende o estudo do neoliberalismo.

O período posterior à Primeira Guerra Mundial foi marcado pela crise das democracias liberais no Ocidente. Em seu famoso estudo sobre o século XX, o historiador Eric Hobsbawm relata o contexto vivido naquela época.

A Primeira Guerra Mundial não resolveu nada. As esperanças que gerou — de um mundo pacífico e democrático de Estados-nação sob a Liga das Nações; de um retorno à economia mundial de 1913; mesmo (entre os que saudaram a Revolução Russa) de capitalismo mundial derrubado dentro de anos ou meses por um levante dos oprimidos — logo foram frustradas. O passado estava fora de alcance, o futuro fora adiado, o presente era amargo, a não ser por uns poucos anos passageiros em meados da década de 1920. (HOBSBAWM, 1995, p.59)

Os impactos do conflito sobre a sociedade foram funestos. A guerra surpreendeu a todos com um nível de devastação jamais imaginado, foram cerca de 10 milhões de mortos — sem contar civis —, outros 20 milhões de feridos, além do rastro de destruição e miséria deixado pelas batalhas. Em decorrência disso, a população passa a rejeitar os governos liberais, que sofrem de impopularidade, marcados como responsáveis pelo confronto por causa de suas disputas imperialistas.

Para piorar, outro acontecimento desastroso das primeiras décadas do século XX foi a Grande Depressão, termo referente à crise econômica de 1929, que teve origem nos Estados Unidos, mas abalou economias ao redor do mundo — cerca de 30% da população europeia experimentou o desemprego nesse período (HOBSBAWM, 1995, p.97). Essa sucessão de catástrofes enterrou o velho liberalismo e fez ascender três opções político-econômicas marcadas pelo intervencionismo do Estado na economia e sociedade: o socialismo, a política social-democrata¹⁰ e o fascismo (HOBSBAWM, 1995, p.111-112).

Afastando-se das posições mais radicais à esquerda e à direita, o pensamento do economista britânico John Maynard Keynes, baseado no intervencionismo estatal como forma de combater o desemprego e a pobreza ganha destaque. Era uma forma de conter os efeitos desastrosos da livre concorrência e restaurar as economias mantendo as liberdades democráticas intactas. Seu sucesso no debate público era tanto, que Keynes foi convidado para elaborar o plano de recuperação estadunidense do presidente Franklin D. Roosevelt, denominado *New Deal*, que, rapidamente, foi reproduzido — ou adaptado — por diversos países europeus, consagrando o *keynesianismo* como doutrina política econômica hegemônica daquele período.

¹⁰ Hobsbawm descreve o modelo social-democrata no período entreguerras como algo em construção — consolidado após a Segunda Guerra Mundial —, contudo suas características principais já estão presentes, a saber, a desconfiança em relação ao livre mercado e a intervenção do governo na economia em combate ao desemprego. O principal defensor desse projeto foi o economista britânico John Maynard Keynes.

A conjuntura de tensões e rupturas do universo econômico, que seguiram à Primeira Guerra Mundial e à crise de 1929, fez ascender projetos pautados pelo intervencionismo estatal e serviu para estimular a manifestação de alguns indivíduos insatisfeitos com os rumos do debate político-econômico do período¹¹. Uma das ações desses grupos foi o lançamento de uma casa editorial dedicada às publicações em defesa do liberalismo chamada *Librairie de Médicis* (SOARES, 2019, p.150). Dessa forma, em 1938, pouco menos de um ano antes da Segunda Guerra Mundial, o filósofo francês Louis Rougier, organizou na França um evento em homenagem ao jornalista estadunidense Walter Lippmann, importante defensor da liberdade econômica contra o intervencionismo keynesiano no mundo e, na ocasião do lançamento da edição francesa de sua obra *The Good Society*, Lippmann era editor do *New York Herald Tribune* e uma voz influente em prol do liberalismo nos Estados Unidos (SOARES, 2019, p.151). O evento reuniu intelectuais liberais de vários países e diversas áreas do conhecimento, tais como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek, Alexander Rustow, Wilhelm Ropke, Jacques Rueff e Raymond Aron.

Entre os integrantes do Colóquio, havia a convicção de que o processo de intervenção política estava por trás da ascensão dos totalitarismos, além disso, era o esforço pela regulamentação da economia, e não o *laissez faire*, o verdadeiro responsável pelas crises ocorridas no período entreguerras – como a crise de 1929. Ao tratar das críticas feitas pelos intelectuais neoliberais, Dardot e Laval escrevem:

O postulado desses autores, que encontramos também em Von Mises ou Hayek, é que a intervenção política é um processo cumulativo. Uma vez iniciada, leva necessariamente à coletivização total da economia e ao regime policial totalitário, já que é preciso adaptar os comportamentos individuais aos mandamentos absolutos do programa de gestão autoritária da economia. [...] não se pode falar de falência do liberalismo, porque foi a política intervencionista que gerou a crise. O mecanismo dos preços, quando funciona livremente, resolve todos os problemas de coordenação das decisões dos agentes econômicos¹². (DARDOT; LAVAL, 2016, p.77)

Outra característica das ideias defendidas no colóquio é o afastamento do *laissez faire* liberal em relação a qualquer argumentação dogmática naturalista, ou seja, a liberdade

¹¹ Vale ressaltar que, além do intervencionismo econômico de John Maynard Keynes, o socialismo, impulsionado pela Revolução de 1917, e o nazifascismo, alimentado pelo ressentimento italiano e alemão, constituíam modelos baseados em um Estado intervencionista e, também, estavam em plena ascensão no mundo.

¹² Essas ideias sobre a regulamentação não são uma unanimidade. Existem economistas que afirmam o oposto e atribuem à falta de regulamentação o espaço para a especulação e criação de “bolhas econômicas” que geram desequilíbrios. Ao tratar, especificamente da Crise de 1929, no livro *A Era dos Extremos*, Eric Hobsbawm argumenta que existem estudos anteriores, desde o séc. XIX, que apontam para esses ciclos de crises em um capitalismo não regulamentado. Outro estudioso do assunto é o economista John Kenneth Galbraith, que utiliza argumentos semelhantes em seu livro *1929: a grande crise* (GALBRAITH, 2010).

econômica e a livre concorrência, não são fruto de alguma ordem natural da humanidade, algo razoavelmente comum em textos defensores do liberalismo clássico, mas existem como resultado de uma política que proteja a liberdade e a competitividade dentro da sociedade. Na prática, isso significa que não se trata de menos Estado, mas de um redirecionamento de suas ações em favor do primado econômico liberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p.80). Por isso, em sua agenda, os neoliberais propunham um programa de “intervencionismo jurídico” em que a liberdade fosse protegida, e não cerceada, de modo que os mais aptos ascendam até o topo em uma competição “leal e justa” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.86). Em sua forma de pensar, o coletivismo constitui a contrarrevolução, pois é a estagnação social, o retrocesso. A verdadeira revolução está no capitalismo, na liberdade para empreender, desenvolver, propor as transformações por meio do progresso técnico e buscar a adaptação a elas (DARDOT; LAVAL, 2016, p.89).

Mesmo diante da heterogeneidade de seus participantes, o Colóquio Walter Lippmann consolidou as bases de uma ordem liberal renovada, distinta: o neoliberalismo. Seus fundamentos principais eram dois: a crítica a toda forma de intervencionismo na economia e a elaboração de um ordenamento jurídico que possibilitasse o *laissez faire* de uma economia livre. Ademais, o encontro cumpriu o objetivo de coordenação internacional das pessoas defensoras do capitalismo de mercado, “dele resultou o *Centre International d’Études pour la Rénovation du Libéralisme*, que funcionou como um protótipo para a Sociedade Mont Pèlerin (uma comunidade acadêmica e rede de influência, que todos os anos, desde 1947, reuniu partidários do neoliberalismo)” (SOARES, 2019, p.154).

A repercussão do colóquio não abalou a hegemonia do pensamento econômico keynesiano no mundo, contudo, a partir daquele encontro, todos testemunhavam a formulação de um programa que consistia em uma nova alternativa para a reorganização dos países e, aos poucos, em um futuro não muito distante, suas ideias encontrariam a oportunidade de saírem dos livros e adentrar o espaço das políticas no mundo.

De início, o neoliberalismo é percebido no decorrer do século XX por acordos que ampliaram a circulação de capitais entre as nações, com a hegemonia dos países ricos. A Conferência de Bretton Woods, realizada no estado de New Hampshire, em 1944, é um exemplo desse tipo de ajuste. Seu objetivo principal consistiu na redução dos entraves protecionistas entre os países, substituindo os “capitalismos dos impérios” por um grande

“capitalismo internacional”¹³. Além disso, através da criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial – ambos em 1944 –, as grandes potências globais puderam pautar a implantação de políticas econômicas neoliberais nos países em desenvolvimento como requisito para a concessão de crédito e participação em acordos internacionais (SCHWARTZ, 2008, p.201).

Porém, a face mais conhecida do neoliberalismo se deu entre as décadas de 1970 e 1990. Naquele período, o Estado de Bem-Estar Social¹⁴ sofria com uma crise de lucratividade e estagflação impulsionada pela alta dos preços do petróleo em 1973. Os altos índices de desemprego e pobreza aumentavam os gastos do Estado com seguridade, que somados aos outros serviços, comprometiam a maior parte do PIB, mantendo os países em um círculo vicioso crítico (HOBSBAWM, 1995).

A única alternativa oferecida era a propaganda pela minoria de teólogos econômicos ultraliberais. Mesmo antes do *crash*, a minoria havia muito isolada de crentes no livre mercado irrestrito já começara seu ataque ao domínio dos keynesianos e outros defensores da economia mista administrada e do pleno emprego. O zelo ideológico dos velhos defensores do individualismo era agora reforçado pela visível impotência e o fracasso das políticas convencionais, sobretudo após 1973. O recém-criado Prêmio Nobel de economia deu apoio à tendência liberal após 1974 premiando Friedrich von Hayek em 1974 e, dois anos depois, a um defensor do ultraliberalismo econômico igualmente militante, Milton Friedman. (HOBSBAWM, 1995, p.398)

De acordo com David Harvey, o período anterior à crise do petróleo de 1973 já havia exposto a incapacidade do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Para o geógrafo britânico, o crescimento das empresas esbarrava em uma característica fundamental do modelo econômico intervencionista, sua rigidez.

Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção de massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho [...] E toda tentativa de superar esses problemas de rigidez encontrava a força aparentemente invencível do poder profundamente entrincheirado da classe trabalhadora [...] A rigidez dos compromissos do Estado foi se intensificando à medida que programas de assistência (seguridade social, direitos de pensão etc.) aumentavam sob pressão para manter a legitimidade num momento em que a

¹³ Na realidade, o acordo serviu muito mais aos interesses dos Estados Unidos e Inglaterra do que à construção de um capitalismo internacional. David Harvey e François Chesnais tratam dos efeitos monopolistas – ou oligopolistas – dessas práticas.

¹⁴ Denomina-se Estado de Bem-Estar Social o modelo caracterizado pelo intervencionismo estatal na economia com o objetivo de promover o pleno emprego e a seguridade social. Sua atuação no século XX está relacionada à aplicação das ideias de revisão da teoria liberal do economista britânico John Maynard Keynes no combate à Crise de 1929. Na prática, além de regulamentar a economia, atribui-se ao Estado de Bem-Estar Social maiores investimentos em seguridade social, serviços – como saúde e educação –, além de programas de combate à pobreza.

rigidez na produção restringia expansões de base fiscal para gastos públicos. (HARVEY, 2016, p.135-136)

Como visto acima, havia um problema em articular uma economia, produção e trabalho dotados de leis fixas com a elasticidade dos mercados. Dessa forma, a solução neoliberal estaria na execução de um modelo que Harvey chama de *acumulação flexível*, caracterizado pela desregulamentação – também denominada *flexibilização* – dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo (HARVEY, 2016, p.140). Em outro trecho do livro *Condição Pós-moderna*, Harvey descreve sua aplicação:

O mercado de trabalho, por exemplo, passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. É difícil esboçar um quadro geral claro, visto que o propósito dessa flexibilização é satisfazer as necessidades com frequência muito específicas de cada empresa. Mesmo para os empregados regulares, sistemas como “nove dias corridos” ou jornadas de trabalho que tem em média quarenta horas semanal ao longo do ano, mas obrigam o empregado a trabalhar bem mais em períodos de pico de demanda, compensando com menos horas em períodos de redução de demanda, vêm se tornando muito mais comuns. Mais importante do que isso é a aparente redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado. (HARVEY, 2016, p.143)

A partir da reestruturação neoliberal do trabalho, “reengenharia, *lean production* (produção enxuta), *team work*, eliminação de postos de trabalho, aumento de produtividade, qualidade total fazem parte do ideário cotidiano da ‘fábrica moderna’” (ANTUNES, 2009, p.55). Existe um processo de fragmentação da produção, que se torna global através de diversas “terceirizadas”, algo que permite a reorganização do trabalho com menos garantias, pois dificulta a fiscalização. A precarização do trabalho¹⁵, eliminação das articulações sindicais e desmonte dos programas sociais estão liberados como forma de combater a crise econômica e colocar os países novamente no caminho do crescimento. O ideário neoliberal encontra, enfim, um campo fértil para atuar.

Outra modalidade da ascensão neoliberal no período é o aumento das operações financeiras decorrentes da desregulamentação do capital. François Chesnais no livro *A mundialização do capital* analisa o fenômeno e destaca a sua independência em relação ao setor produtivo. Estimuladas pelas altas taxas de juros – que muitas vezes são o resultado das

¹⁵ Essas novas formas de organização do trabalho compõem um conjunto de ações que ficou conhecido como *toyotismo*, em referência ao modelo de organização da produção praticado pela multinacional japonesa Toyota. Suas bases são o trabalho em equipe, o trabalhador flexível, que se adapta a diferentes funções, a automação, as terceirizações, o fim dos sindicatos, entre outros...

pressões do mercado financeiro sobre os Estados – muitas empresas reinvestem o seu capital no setor financeiro, pois é mais rentável e, com isso, impulsionam o ciclo de precarização das relações de trabalho através da redução de investimentos na produção. As atividades financeiras passam a pautar políticas-econômicas, pressionando taxas de juros a níveis mais altos afetando toda a população, mesmo em momentos de baixo consumo. Além disso, o endividamento dos países é estimulado, afetando, principalmente, aqueles com menos poder no cenário internacional¹⁶ (CHESNAIS, 1996).

Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos, foram os responsáveis por guiar o mundo em direção ao modelo neoliberal. Atuaram pela desregulamentação do capital, flexibilização – lê-se precarização – do trabalho e encolhimento do Estado social. Além disso, privatizaram bens e serviços públicos como forma de economizar recursos, diminuir a burocracia e aumentar a sua eficiência. Na prática houve uma queda da qualidade dos serviços e transferência de capital público para a iniciativa privada. Além disso, as privatizações enfraqueceram o Estado que, cada vez mais, se viu acuado pelas grandes corporações que dominam a produção, as finanças, os serviços e a comunicação. Contudo, a economia das grandes empresas, sustentáculo dos governos capitalistas, melhorou.

Se em termos econômicos a aplicação do modelo neoliberal se mostrou eficiente, contribuindo para a superação da crise econômica, seus resultados sociais foram desastrosos. Tony Judt, importante historiador britânico do século XX, escreve sobre o caso em seu clássico livro *Pós-guerra*:

[...] a Grã-Bretanha sofreu uma implosão, com catastróficas consequências a longo prazo. Ao desprezar e desmontar todos os recursos de propriedade coletiva, ao insistir com veemência, numa ética individualista que descartava qualquer bem não quantificável, Margareth Thatcher danificou seriamente a tessitura da vida pública britânica. Cidadãos foram transformados em acionistas, ou ‘especuladores’, e suas relações interpessoais com a coletividade passaram a ser medidas com base em patrimônio e reivindicações, não em serviços e deveres. Uma vez que tudo, desde empresas de ônibus até o fornecimento de energia elétrica, estava nas mãos do setor privado, o espaço público se tornou o espaço do mercado. (JUDT, 2008, p.544)

A reorganização neoliberal operou profundas transformações ao subordinar as relações sociais ao capital. De acordo com o sociólogo Ricardo Antunes, foram tão intensas as modificações, que atingiram as classes trabalhadoras não apenas em sua materialidade, mas

¹⁶ A pior parte é que o Estado pressionado pelas grandes corporações, que empreendem uma verdadeira campanha de difamação em defesa do “Estado mínimo”, ainda é forçado a oferecer garantias ao mercado financeiro, arcando diversas vezes com o prejuízo que surge como efeito colateral das suas atividades especulativas.

teve profundas repercussões em sua subjetividade (ANTUNES, 2015, p.33). Defensor da importância do trabalho na construção do ser, Antunes acusa a conversão do serviço em mercadoria como responsável pela alienação dos trabalhadores, evidente na operação de atividades carentes de sentido que acarretam na insatisfação das pessoas (ANTUNES, 2009, p.177).

Outro estudioso que critica os impactos da reestruturação neoliberal sobre a sociedade, Richard Sennet, em seu livro, *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, discute o modo como a “flexibilidade”, característica fundamental ao novo modelo de organização da economia, impacta a construção do caráter das pessoas – Sennet argumenta que a construção de um caráter, ou seja, de valores éticos pessoais estáveis, necessita de relações mais duradouras com a realidade para se consolidar. O resultado de uma sociedade que executa suas atividades em um ambiente constantemente dinâmico, pautado pela mudança e adaptação é a crise de valores como “confiança” e “lealdade”, os sujeitos já não se reconhecem como classe, como parte de um grupo, mas se tornam cada vez mais autossuficientes em sua compreensão de si mesmos. A “corrosão do caráter” – e do “caráter de classe” – nas pessoas resulta em uma população agitada e ansiosa com grandes dificuldades de cultivar o social, a esfera pública e a democracia¹⁷.

Nas décadas posteriores a 1980, as práticas neoliberais espalharam-se pelo mundo todo levadas na velocidade dos veículos de transporte e comunicação utilizados pelas multinacionais. Com a queda da URSS e, posterior, “fim” do socialismo real, o mundo já não possuía obstáculos em relação ao avanço desta nova forma de capitalismo globalizado. A Nova Ordem Mundial, termo utilizado para se referir ao mundo pós-Guerra Fria, emerge pautada pela hegemonia neoliberal que tem provocado a concentração de capital, ampliando o desenvolvimento de monopólios – ou oligopólios globais poderosíssimos (HARVEY, 2016, p.152). Chesnais atribui ao aumento da desigualdade no regime neoliberal uma das causas da polarização das relações dentro da sociedade e entre os países do mundo.

[...] a polarização é, em primeiro lugar, interna a cada país, os efeitos do desemprego são indissociáveis daqueles resultantes do distanciamento entre os mais altos e os mais baixos rendimentos, em função da ascensão do capital monetário e da destruição das relações salariais estabelecidas [...] Em segundo lugar, há uma polarização internacional, aprofundando brutalmente a distância entre os países situados no âmago do oligopólio mundial e os países da periferia. (CHESNAIS, 1996, p.37)

¹⁷ Os efeitos do neoliberalismo sobre a população serão mais bem explicados na parte final do capítulo.

Também é importante salientar a importância dos meios de comunicação no desenvolvimento do neoliberalismo no mundo. David Harvey e François Chesnais destacam que é graças ao desenvolvimento tecnológico da comunicação que as relações econômicas tornaram-se mais dinâmicas. Sem uma rede global de comunicação jamais seria possível a ampla circulação de capitais entre os países e, muito menos, os processos de mundialização da produção através das inúmeras terceirizações promovidas pelas grandes empresas ao redor do mundo (CHESNAIS, 1996; HARVEY, 2016). Em um artigo intitulado *Financeirização, mediação e datificação como sínteses sociais*, o pesquisador da Comunicação, Rafael Grohmann, vai além e mostra como o desenvolvimento tecnológico da comunicação, principalmente através das mídias digitais, contribui com a organização material e ideológica do capitalismo neoliberal.

A comunicação é o espaço organizador da financeirização, enquanto lugar de circulação dos sentidos – a partir de gestão e controle dos processos comunicacionais, e também, de circulação entre capital financeiro, tecnologia, linguagem e mundo do trabalho (produção). Tanto a circulação de mercadorias quanto a circulação de sentidos fazem parte do regime de signos linguísticos. (GROHMANN, 2019, p.103)

Em síntese, existe uma relação entre capitalismo neoliberal e comunicação através de uma dupla dinâmica de circulação de mercadorias e de ideias, resultando em uma forma de comunicação que tem servido à dominação hegemônica do capital. A importância dos dados, afetando os processos comunicacionais, tanto quanto se colocam como mercadorias que são oferecidas pelas Big Techs às grandes empresas, aglutinam debaixo da mesma lógica circulação de sentido e circulação de capital, praticando uma espécie de “mais-valia datificada”, explorando os dados deixados como rastros pelos usuários das mídias digitais (GROHMANN, 2019, p.109).

A caracterização do neoliberalismo, desde suas origens, nos debates do Colóquio Walter Lippmann, até sua aplicação por empresas e governos a partir das décadas de 1970 e 1980, é fundamental para a compreensão das características buscadas dentro da mensagem do canal de educação financeira do YouTube *O Primo Rico*. Dessa forma, aspectos como a defesa do *laissez faire*, a privatização de serviços públicos ou a flexibilização das normas de trabalho devem ser considerados no reconhecimento de uma postura neoliberal. Contudo, a descrição acima não enfatiza uma dimensão mais complexa dos impactos do neoliberalismo, a saber, o seu potencial de reconfiguração das subjetividades dentro da sociedade a partir dos princípios de reprodução do capital. Com o objetivo de adentrar nesse universo mais profundo

do neoliberalismo, é necessário uma análise das ideias que caracterizam os elementos da subjetivação neoliberal na sociedade.

1.2 Uma dimensão mais profunda do neoliberalismo

Recentemente, diversos produtos da cultura têm questionado os efeitos do capitalismo neoliberal sobre o comportamento das pessoas. São livros, canções, imagens, filmes e séries que, de maneira crítica, tem apresentado o individualismo, a competitividade, o desempenho e a autorresponsabilidade, atributos tão caros à doutrina neoliberal, como características que contribuem com uma sociedade violenta, desigual e insensível. Citando um exemplo de muito sucesso dentro do universo audiovisual, a obra sul-coreana *Squid Game* (2021) – *Round 6* no Brasil – tornou-se fenômeno mundial alcançando o posto de série mais assistida do canal de *streaming* Netflix¹⁸. Sua narrativa se passa no presente e mostra um misterioso jogo violento em que os participantes são pessoas com sérios problemas financeiros, que aceitam competir entre si, em uma disputa assassina, por um prêmio em dinheiro. Tudo para o deleite sádico de bilionários entediados. Nitidamente o retrato de uma realidade selvagem forjada por um capitalismo voraz que afasta profundamente os ricos dos pobres¹⁹.

No campo das ciências humanas não é diferente, e, atualmente, muitos estudos acerca do neoliberalismo abordam não apenas a sua atuação sobre a política econômica dos países, mas buscam também os seus impactos sobre o comportamento das pessoas, em uma descrição muito mais complexa do fenômeno neoliberal. Esses trabalhos acusam a hegemonia de uma visão economicista da realidade na sociedade contemporânea que tem se mostrado bastante problemática para o sujeito, o corpo social e, também, para o planeta.

Seguindo a tradição marxista, Giovanni Alves aborda o impacto das transformações no mundo do trabalho, conduzidas pela reformulação neoliberal do capitalismo, na vida das pessoas. Em um trecho de *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*, o autor escreve:

O processo de precarização do trabalho no capitalismo global atinge a “objetividade” e a “subjetividade” da classe dos trabalhadores assalariados. O eixo central dos dispositivos

¹⁸ Matéria veiculada em 14 de outubro de 2021 pelo jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2021/10/round-6-serie-da-netflix-que-se-tornou-fenomeno-global-e-tema-de-podcast.shtml>. Acesso em 10/03/2023.

¹⁹ No ano anterior, o filme *Parasita*, outra obra sul-coreana, encantava o mundo ao arrebatá-lo a Palma de Ouro do Festival de Cannes e o Oscar de melhor filme com uma mensagem crítica ao modelo capitalista e seus efeitos sobre a sociedade.

organizacionais (e institucionais) das inovações organizacionais do novo complexo de reestruturação produtiva é a captura da subjetividade do trabalho pela lógica do capital. (ALVES, 2011, p.111)

Para se adaptar à economia neoliberal e sua organização toyotista da fábrica, o trabalhador precisa internalizar as características defendidas pelo neoliberalismo na forma de *valores-fetiche*²⁰. Qualidade, desempenho, economia, trabalho em equipe, multifuncionalidade, proatividade, sacrifício pessoal são alguns dos preceitos que compõem a nova mentalidade social da fábrica que extrapola para o universo das relações sociais orientando-as a partir dos princípios do mercado (ALVES, 2011). O resultado: relações marcadas pelo imediatismo e superficialidade, e uma população cada vez mais hedonista e insatisfeita.

A análise de Giovanni Alves relaciona o processo de subjetivação neoliberal ao conceito marxista de *alienação*, que significa a captura não apenas da riqueza e dos meios de produção, mas, também, do trabalho e da própria subjetividade das pessoas pela mercadoria. De acordo com o pensamento de Marx, a alienação faz com que tudo o que existe perca a sua individualidade e passe a ser classificado pelo lucro – *valor de troca* – que é capaz de gerar (MARX, 2004). Dessa forma, as coisas vão “deixando de existir” absorvidas pela “engrenagem capitalista” que visa à acumulação. É a “economização” completa da realidade.

Já a expressão *capitalismo manipulatório*, que intitula a obra de Giovanni Alves, faz referência ao pensamento do filósofo húngaro György Lukács que atribui invisibilidade à dominação capitalista contemporânea. “Foi com lucidez que Lukács iria denominar o capitalismo tardio de ‘capitalismo manipulatório’, pois a instância da manipulação social tornar-se-ia crucial para a produção e reprodução social” (ALVES, 2011, p.118). A lógica da produtividade passa a guiar o comportamento das pessoas dentro e fora do ambiente de trabalho, assumindo um papel norteador para o sujeito. Contudo esse é um “sentido vazio” incapaz de satisfazer, de promover a realização do sujeito, contribuindo com o mal-estar contemporâneo. Entre os espaços ocupados pela “consciência alienada”, Lukács identifica o Estado, os intelectuais, as artes, entre outros que contribuem com a propagação de seus valores (LUKÁCS, 2003, p.214-228).

Adotando o trabalho como atividade fundamental na construção da subjetividade dos seres humanos, a análise marxista reconhece na reestruturação neoliberal da economia a produção de uma nova concepção acerca do trabalho. Essa nova estruturação pode ser

²⁰ Giovanni Alves descreve os valores-fetice como “expectativas e utopias do mercado que constituem o lastro sociometabólico ou o ambiente psicossocial da ‘captura’ da subjetividade” das pessoas (ALVES, 2011, p.89).

percebida pelo vocabulário praticado pela economia – que traz novos termos como colaboradores, mantenedores, escala, *players* entre tantos outros – ou pela mercadorização dos serviços e valorização do *marketing* por parte das empresas. Entretanto, o mais grave é que seus impactos ultrapassam o espaço da produção – o ambiente de trabalho – e alcançam o comportamento dos sujeitos, capturados pelos princípios de reprodução do capital (ANTUNES, 2016, p.124-128).

Se o marxismo observa os efeitos do neoliberalismo sobre a subjetividade das pessoas mediante o conceito de alienação, a análise foucaultiana assume um viés fundamentalmente político e identifica no neoliberalismo uma forma de ordenamento da conduta das pessoas em benefício da competição e desenvolvimento pessoal (FOUCAULT, 2008).

A obra de Michel Foucault é uma grande investigação acerca dos dispositivos de poder. Contudo, sua compreensão sobre o tema é bastante distinta, até radical, já que percebe o fenômeno não como algo centralizado – na figura de um monarca ou de um Estado. O poder está pulverizado na forma de micropoderes e é dinâmico, está em movimento na vida, no saber, nas relações e todos estão de alguma forma, envolvidos em sua rede. Outra particularidade do seu pensamento consiste no afastamento de fundamentações metafísicas. Foucault não busca pela compreensão da essência das coisas que estuda, muito menos pretende ajustar seu trabalho a compreensões universais ou teleológicas sobre a realidade. Em seu texto *Nietzsche, a genealogia e a história*²¹, defende que a história “não obedece a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 1989, p.18). Por isso, interessa-se pelos fragmentos que constituem os vestígios das disputas pelo poder no decorrer do tempo e, dessa forma, apresenta o ser humano como um ser afastado de qualquer elemento que seja fixo, um sujeito plenamente histórico, maleável, resultado de disputas que ocorrem em sentidos muitas vezes contraditórios (FOUCAULT, 1989).

Foi estudando diferentes formas de exercício do poder nas sociedades que Foucault se deparou com o tema do neoliberalismo. Em sua análise do assunto, no livro *Foucault, Bourdieu e a questão liberal*, Christian Laval escreve:

Não há, propriamente falando, um livro de Foucault sobre neoliberalismo, nem mesmo uma exposição sistemática, mas um conjunto de análises dispersas por cursos e entrevistas. Esses traços de um percurso sem “programa” previamente determinado seguem os meandros complicados de uma obra cujo tema geral, muitas vezes enunciado, é o dos mecanismos do poder moderno. (LAVALL, 2020, p.38)

²¹ O texto faz parte da coletânea de escritos *Microfísica do Poder*.

Em seus escritos dos anos 1970, Foucault passa a divulgar o conceito de *biopolítica*, que trata da vida transformada em aspecto de disputa política e gestão por parte do Estado. Com o intuito de aperfeiçoar os processos vitais da população, a vida das pessoas deve ser gerida através da produção de “discursos verdadeiros” que normatizam condutas – poder através da *normalização*. A produção do conhecimento por parte dos intelectuais ajuda na medida em que não apenas explica, mas, também, organiza a sociedade a partir de normas. A importância das normas consiste em seu aspecto que extrapola a ideologia, e passa para a prática. Foucault pensa o biopoder como prática, como um conjunto de atividades capaz de produzir sujeitos ajustados dentro de determinada sociedade e, por isso, prefere o uso de um vocabulário bastante particular, com termos como “arquitetura”, “tecnologia”, “estratégia”, “gestão” entre outros (FOUCAULT, 2008).

Buscando organizar a apresentação do conceito de biopolítica, Foucault elaborou seu curso no Collège de France de 1979, *Nascimento da biopolítica*. Todavia, no desenvolvimento de seus estudos, transfere o tema da obra para um estudo do neoliberalismo. Nas palavras do próprio autor na abertura do curso: “Eu tinha pensado lhes dar este ano um curso sobre a biopolítica. [...] Parece-me, contudo, que a análise da biopolítica só poderá ser feita quando se compreender o regime geral dessa razão governamental” (FOUCAULT, 2008, p.29-30). Como visto acima, ao tratar do objetivo fundamental do curso, a saber, a descrição da biopolítica, Foucault se depara com um momento específico da história, com um contexto de aplicação do poder, que lhe chama a atenção, e acaba por desviar o foco do seu trabalho. Seu estudo sobre o biopoder torna-se um estudo sobre uma razão governamental que atua no interior da biopolítica, ordenando-a. Uma razão de fundamento econômico que busca organizar os processos de direcionamento das condutas da população.

Parece-me, contudo, que a análise da biopolítica só poderá ser feita quando se compreender o regime geral dessa razão governamental de que lhes falo, esse regime geral que podemos chamar de questão de verdade – antes de mais nada verdade econômica no interior da razão governamental –, e, por conseguinte, se se compreender bem o que está em causa nesse regime que é o liberalismo, o qual se opõe à razão de Estado, ou antes, [a] modifica fundamentalmente sem talvez questionar seus fundamentos. Só depois que soubermos o que era esse regime governamental chamado liberalismo é que poderemos, parece-me, apreender o que é biopolítica. (FOUCAULT, 2008, p.30)

Ao conectar biopolítica e liberalismo²², Foucault está buscando por uma dimensão mais profunda do governo. Logo, seus escritos caracterizam o discurso político liberal – e

²² Nessa obra, Foucault entende o liberalismo como uma razão que guia o Estado em favor da liberdade. Dessa doutrina decorre o neoliberalismo, que é mais uma atualização prática dos argumentos do que uma revolução

neoliberal – por uma forma de poder que se apresente como diminuição na aparição do poder, ou seja, não mais a repressão do Estado, mas outras ferramentas capazes de dirigir a marcha dos indivíduos na sociedade sob o fundamento da liberdade (FOUCAULT, 2008, p.42). Dessa forma, utiliza o termo *racionalidade governamental* ou *governamentalidade* para tratar dessa gestão quase invisível sobre a vida das pessoas. Nas palavras do filósofo francês:

Por esta palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises, reflexões, cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p.143)

A ideia de governamentalidade está aliada à construção de uma “liberdade que pode ser vivida”, de uma racionalidade que possibilite o controle das pessoas “por elas mesmas”, compondo um mecanismo invisível e bastante sofisticado de aplicação do poder²³ (LAVAL, 2020). Dessa forma, o neoliberalismo trata de uma racionalidade governamental específica que se coloca contra o excesso de atuação do Estado, em favor da liberdade individual que, por sua vez, está sujeita aos princípios do mercado, dentre os quais o mais importante é o princípio da concorrência. É essa forma propositiva de realização do poder, atuando numa espécie de gerenciamento da sociedade que constitui o neoliberalismo.

Ao tratar das particularidades desse ordenamento pautado pelo mercado, Foucault especifica:

A sociedade regulada com base no mercado em quem pensam os neoliberais é uma sociedade na qual o que deve constituir o princípio regulador não é tanto a troca das mercadorias quanto os mecanismos de concorrência. São esses mecanismos que devem ter o máximo de superfície e de espessura possível, que também devem ocupar o maior volume possível na sociedade. Vale dizer que o que se procura obter não é uma sociedade submetida ao efeito-mercadoria é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial. Não uma sociedade de supermercado – uma sociedade empresarial. O *homo oeconomicus* que se quer reconstituir não é o homem da troca, não é o homem consumidor é o homem da empresa (FOUCAULT, 2008, p.201)

De acordo com a citação acima, o elemento fundamental da subjetividade neoliberal é a concorrência. Tal princípio estimularia a população a um esforço em favor do desenvolvimento pessoal, contribuindo com o desenvolvimento da sociedade sob o aspecto

completa do termo. Logo o que se diz sobre um se aplica, em muitos aspectos, sobre o outro. O neoliberalismo, para Foucault, se difere do liberalismo pela maneira como enxerga o *laissez faire*, que deve ser produzido juridicamente e, principalmente, pela visão mais dinâmica e elementar acerca do mercado como modelo orientador da conduta dos sujeitos.

²³ Isso não significa dizer que o processo ocorre perfeitamente e sem resistências, pois elas existem.

econômico da acumulação de capital. Retorna o capital, esse elemento fundamental da racionalidade do governo neoliberal, em detrimento de todos os outros aspectos da realidade social.

As análises de Michel Foucault acerca da biopolítica levaram-no ao estudo do neoliberalismo, associando-o a um conjunto de princípios que orientam o exercício do poder no Ocidente contemporâneo. Uma razão governamental que busca na fórmula do mercado os mecanismos norteadores das condutas das pessoas, dentre os quais se destaca a concorrência. Sua obra inspirou diversos intelectuais que se debruçaram sobre o tema do neoliberalismo, estendendo suas análises. É o caso do trabalho *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, de Christian Laval e Pierre Dardot, um escrito que esmiúça as características da subjetividade neoliberal a partir da noção de *homem empresa*, um sujeito moldado pelos princípios do mercado. A compreensão dessa noção constitui o último passo no intuito de reconhecer os elementos que compõem o neoliberalismo na contemporaneidade.

1.3 O *homem empresa*: esquadrinhando a subjetividade neoliberal

Christian Laval e Pierre Dardot são dois pesquisadores franceses dedicados à renovação do pensamento crítico no estudo do mundo contemporâneo. Sua obra sobre o neoliberalismo busca compreender as metamorfoses do capitalismo, que tem extrapolado a dimensão de uma doutrina econômica, para converter-se em um sistema normativo global expandindo-se sobre todas as esferas da vida. No livro *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, os estudiosos seguem a mesma trilha percorrida por Michel Foucault, que entende o neoliberalismo como racionalidade, aproveitando-se da base teórica do importante intelectual francês sobre o tema. Contudo, a caracterização do sujeito neoliberal, denominado *homem empresa*, aparece mais organizada e completa, já que o termo foi vagamente citado nos livros de Foucault, o que permite maior clareza da identificação de seus atributos e dos seus impactos no estudo do presente.

Ao se debruçarem sobre as origens teóricas do neoliberalismo, Dardot e Laval tomam o cuidado de destacar as discordâncias da doutrina neoliberal com relação ao liberalismo clássico. Havia certo “naturalismo” no entendimento dos liberais acerca do mercado, que agia como que movido por “leis naturais” e, por isso, imutáveis, algo que desagradava aos teóricos do neoliberalismo. Para este grupo, o *laissez faire*, quando não aparece espontaneamente, deve ser produzido por políticas que estimulem a livre concorrência entre os sujeitos (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 68-69).

Outra distinção entre o liberalismo clássico e o neoliberalismo é o que se entende por mercado. Ao contrário de seus antecessores, para os neoliberais o mercado não é estático, mas dinâmico, capaz de produzir uma realidade sempre em transformação (DARDOT & LAVAL, 2016). Nas palavras de Dardot e Laval:

O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir. O processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é autoconstrutivo. (DARDOT & LAVAL, 2016, p.140)

Existem duas formas de intervenção na sociedade: a do Estado, que é destruidora e caminha para totalitarismos, sob o mito da justiça social; e a do mercado, que é construtiva, capaz de promover a liberdade de todos e conduzir a humanidade ao progresso. Mais do que um espaço estático de trocas, para os neoliberais, o mercado é um ambiente “de descoberta e aprendizado que modifica os sujeitos” para melhor (DARDOT & LAVAL, 2016, p.139). Em uma economia do tipo keynesianista – leia-se intervencionista –, a superação não é estimulada, devido às práticas de redistribuição da riqueza que acarretam em efeitos nocivos para a sociedade. Por outro lado, em um modelo em que o mercado está plenamente instaurado, eliminam-se as necessidades de interferências e o desenvolvimento de virtudes é estimulado pelo poderoso “motor da concorrência”.

É dentro do ambiente competitivo do mercado que o homem empresa aparece. E o primeiro elemento de sua existência é o governo dos interesses individuais. Von Mises, entre outros neoliberais, argumentam que existe um *telos* na existência humana, um impulso que move o sujeito na direção da melhoria das suas condições pessoais de existência. Um desejo “por melhor sorte” que aglutina a finalidade de todas as ações humanas (DARDOT & LAVAL, 2016, p.140). Diferente do *animal político* de Aristóteles e de outras formas mais altruístas ou coletivas de se definir o ser humano, aqui não se busca definir o sujeito por hábitos culturais ou propósitos coletivos. Os teóricos neoliberais apontam para um pragmatismo econômico tornado em realismo ao pautarem suas reflexões sobre o ser humano sob o viés individualista. De acordo com o pensamento econômico, é a capacidade de escolhas racionais com o intuito de maximizar seus ganhos que definem o ser humano.

De certo modo, o desenvolvimento dos seres humanos é o resultado da busca por seus interesses privados em um ambiente capaz de levá-los a superação como é o mercado. Nessa empreitada, uma segunda característica fundamental do homem empresa é identificada, o empreendedorismo.

A definição de empreendedorismo aplicada pelos teóricos neoliberais não está necessariamente relacionada à inovação ou ao desenvolvimento de alguma tecnologia, algo que altere o sistema produtivo. Mas trata-se de um “espírito comercial à procura de qualquer oportunidade de lucro que se apresente e que ele possa aproveitar, graças às informações que ele tem e outros não [...] se define unicamente por sua intervenção específica na circulação de bens” (DARDOT & LAVAL, 2016, p.145). Existe um afastamento entre o “burguês da fábrica” do liberalismo clássico quanto ao homem empresa neoliberal, pois este segundo deve buscar por uma habilidade essencialmente especulativa. A dimensão mais pura do empreendedorismo, para Mises, consiste na vigilância e espera pela melhor oportunidade comercial, este é o verdadeiro conhecimento que se deve buscar (DARDOT & LAVAL, 2016, p.145). O resultado dessa forma de pensar é que todo o saber produzido pela humanidade deve se sujeitar a forma econômica mais vil, a capacidade de aproveitar oportunidades e gerar lucros. O conhecimento necessário para o sujeito é aquele utilizável no mercado²⁴.

Em um texto denominado *Sobre as sociedades de controle*, o filósofo francês Gilles Deleuze descreve um cenário do mundo contemporâneo em que a lógica empregada pela fábrica ordena as mais diversas dimensões da vida social (DELEUZE, 1992). Dentre tantos exemplos, vale destacar sua observação dos impactos dessa racionalidade sobre o ambiente educacional. Atualmente as escolas sofrem com a evasão e o desinteresse dos estudantes que não veem sentido naquilo que é ensinado, especialmente pelo fato de que seus interesses estão voltados para o pragmatismo econômico. No ambiente universitário a coisa é ainda pior, já que os pesquisadores são forçados a adentrar em um universo produtivista, em que são avaliados periodicamente com base em critérios quantitativos de produção científica. Além do estresse imposto aos docentes, o resultado é uma enxurrada de publicações e eventos que, muitas vezes, valem mais para pontuação do currículo do que para o desenvolvimento do pensamento (DELEUZE, 1992, p.225).

Essa proposição genérica do sujeito empreendedor, capaz de atualizar as qualidades do homem econômico, também produz seus impactos sobre as classes que vivem do trabalho. Sai de cena o trabalhador do *fordismo*, dotado da estabilidade de quem atua em um mundo baseado em regras fixas. Em seu lugar, emerge o empregado multitarefas do *toyotismo*, um sujeito que deve ter na adaptabilidade a sua principal virtude. De acordo com a propaganda

²⁴ Esse é um dos motivos pelos quais o neoliberalismo é apontado na maioria dos trabalhos como um elemento desarticulador do social e perigoso para a democracia – Ricardo Antunes, Muniz Sodré, Wendy Brown, Grégoire Chamayou entre tantos outros. A ênfase nos interesses pessoais, aliada a supervalorização do aspecto econômico como medida das ações humanas, enfraquece qualquer forma de organização social e, citando a expressão utilizada por Muniz Sodré, cria uma sociedade incivil, difícil de harmonizar.

liberal, o céu é o limite para a sua ambição e habilidade empreendedora, mesmo que na prática o que exista seja a precarização das relações de trabalho disfarçadas por argumentos falaciosos sobre proatividade e sucesso pessoal (ANTUNES, 2000).

Até aqui, foi observado que a noção de homem empresa necessita do espaço competitivo do mercado para nascer. E é somente nesse espaço que as sociedades podem atingir o pleno desenvolvimento. Também que o interesse individual é o verdadeiro “motor da história”, finalidade última de toda realização humana. E, por fim, que o empreendedorismo é o modo como se deve agir, sempre atento às oportunidades de ganho. Esses três elementos conduzem o homem empresa a viver a busca pelo bom desempenho, mais um atributo do sujeito do neoliberalismo.

Transformado em empresa, cabe ao sujeito produzir, que é uma metáfora para a atividade de se destacar e, de alguma forma, enriquecer. Muitas vezes essa não é uma tarefa fácil. Daí o elogio do sacrifício pessoal e do esforço pela autovalorização. Ânimo, iniciativa, ambição, planejamento, disciplina, resiliência, força e, por fim, o sucesso. Para o indivíduo que já não se vê como mero funcionário, mas que é estimulado a pensar a si mesmo como senhor do próprio destino, ilimitado em sua capacidade de se desenvolver, a necessidade de um desempenho excelente torna-se atributo fundamental. Esse ponto explicita a noção de governamentalidade de Foucault, como um trabalho de vigilância propositiva e interior. Sai de cena o panóptico de Bentham para dar espaço a um tipo mais sofisticado, em que o próprio sujeito é o responsável do controle de si, de acordo com a racionalidade governamental do neoliberalismo (FOUCAULT, 2008). Nas palavras de Dardo e Laval:

O indivíduo deve governar-se a partir de dentro por uma racionalização técnica de sua relação consigo mesmo. Ser “empreendedor de si mesmo” significa conseguir ser o instrumento ótimo de seu processo sucesso social e profissional. [...] A instauração de técnicas de autoria, vigilância e avaliação visa a aumentar essa exigência de controle de si mesmo e bom desempenho individual. (DARDOT & LAVAL, 2016, p.350)

A universalidade de aplicação do pensamento neoliberal exige que se crie uma cultura que potencialize o empreendedorismo e as demais habilidades necessárias para o sucesso. No empenho por fazer de cada indivíduo uma “empresa bem sucedida”, multiplicam-se as técnicas de desenvolvimento pessoal como o *coaching* e toda sorte de cursos, programas, métodos e treinamentos que visam um melhor “domínio de si”, das próprias emoções, do corpo, do estresse, tornando-se capaz de superar todas as dificuldades e ter o melhor desempenho possível, especialmente debaixo de condições adversas (DARDOT & LAVAL, 2016, p.339). Esse trabalho de transformação individual em prol da *performance*, que motiva

o aumento das próprias habilidades, orienta o discurso de sujeitos como Thiago Nigro, do canal *O Primo Rico*. O apresentador se considera responsável pela missão de conduzir o maior número possível de brasileiros à independência financeira melhorando seu desempenho no âmbito econômico.

A última característica atribuída ao homem empresa na análise de Christan Laval e Pierre Dardot é a autorresponsabilidade do sujeito em relação ao seu sucesso ou fracasso dentro da sociedade (DARDOT & LAVAL, 2016, p.350). Estimulado a ignorar a dimensão coletiva da realidade, toda vitória é apresentada como o resultado de um trabalho árduo em que a gratidão aos outros, quando lembrada, não passa de formalidade. Por outro lado, o fracasso também não pode ser dividido, afinal, ninguém é responsável pelo seu próximo, cabendo a cada um a habilidade de mudar o contexto em que está inserido, em uma trajetória digna daquelas biografias de grandes empresários do mundo que “construíram fortunas a partir do nada”. Esta é a verdadeira justiça de que falam os teóricos neoliberais, a *meritocracia*, ou seja, cada sujeito livre recebendo exatamente aquilo que conquistou sem qualquer intervencionismo de nenhuma espécie²⁵.

Evidentemente, o sistema capitalista não possui “recompensas” para todas as pessoas do planeta, de modo que muitas esbarram em uma busca contínua que jamais alcança o seu objetivo. E os impactos dessa subjetividade produzem alguns sintomas terríveis tanto para o sujeito quanto para a sociedade. Laval e Dardot citam alguns desses problemas: sofrimento no trabalho, corrosão da personalidade, desmoralização, depressão, dessimbolização e perversão.

Outro crítico dos efeitos do neoliberalismo contemporâneo sobre as sociedades, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han desenvolve em seu livro *A sociedade do cansaço* (2017) a descrição de um cenário em que as pessoas têm respondido com o esgotamento ao estímulo incessante por mais produtividade e eficiência. A fixação no sucesso pessoal produz um estado de autovigilância que se torna “auto-exploração” do “sujeito livre” que escraviza a si mesmo em favor do desempenho. Doenças emocionais, a dificuldade da atenção e uma crise criativa são outros sintomas dessa forma de vida orientada pelo capital (HAN, 2017).

A caracterização do neoliberalismo tem aparecido como uma chave importante para a compreensão da sociedade contemporânea dentro das Ciências Humanas, constando em diversos trabalhos sobre o presente – Byung-Chul Han, Chistian Laval, Pierre Dardot, Wendy Brown, Richard Sennet, Tony Judt, Giovanni Alves, Ricardo Antunes, Muniz Sodré entre

²⁵ Convém dizer que a diferença de oportunidades, decorrente da riqueza familiar de cada pessoa, constitui em um fator que afeta irremediavelmente qualquer desejo de “competição livre e justa” na sociedade. Uma constatação considerada “superestimada” por aqueles que defendem o neoliberalismo.

tantos outros –. Este capítulo buscou conciliar as análises marxistas juntamente com os estudos foucaultianos no intuito de estabelecer um panorama mais rigoroso acerca do fenômeno. É importante salientar que as duas formas não são excludentes, inclusive, em alguns pontos, se aproximam. Apesar de suas diferenças metodológicas, ambas possuem um aspecto importante para esse trabalho, abordam os impactos do capitalismo neoliberal sobre o comportamento dos sujeitos. Como visto no decorrer desse capítulo, existe uma dimensão mais profunda dos impactos do neoliberalismo, que consiste na construção de uma subjetividade orientada pelos ditames do mercado.

Por fim, é importante ressaltar que a identidade do sujeito contemporâneo, mergulhada no capitalismo neoliberal, tem dado como extinta a alteridade e diversidade, cedendo lugar ao individualismo e ao narcisismo. Atuando como razão homogeneizadora, existe um discurso em defesa da liberdade individual que disfarça o autoritarismo daqueles que enxergam na realidade econômica do mercado a única forma positiva de significação da realidade. Não sem motivo, muitos trabalhos examinam o neoliberalismo e suas aproximações com o fenômeno da ascensão do autoritarismo político vivido nos últimos anos. O pesquisador francês Grégoire Chamayou questiona até que ponto é possível conciliar desenvolvimento neoliberal e democracia. Para o autor, as dificuldades de um Estado combinar a proeminência da empresa com a pluralidade democrática levou diversos teóricos neoliberais, como Hayek e Friedman, a consentir com regimes ditatoriais capitalistas, como o Chile de Augusto Pinochet, em uma compreensão distorcida da liberdade e da democracia em benefício do capital (CHAMAYOU, 2020).

Já Wendy Brown, denuncia que o “projeto mercado-e-moral” neoliberal promove uma cultura antidemocrática que ataca a diversidade do social em favor de uma hegemonia centrada na empresa (BROWN, 2019) – algo semelhante àquilo que o pesquisador brasileiro Muniz Sodré descreve na obra *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças*, alertando para a deterioração do “*ethos* comunicacional” no ambiente midiaticado, capaz de criar uma cultura e comunicação cada vez mais narcisista e autoritária e, por isso, incompatível com o bom funcionamento da democracia (SODRÉ, 2021).

Esses desdobramentos do neoliberalismo serão tratados nos capítulos seguintes. Por hora vale destacar a importância da identificação de todos esses elementos para a análise do canal de educação financeira *O Primo Rico*, que busca reconhecer de que forma tais componentes estão presentes em sua produção. A caracterização do sujeito do neoliberalismo, pautado pela lógica do mercado, individualismo, concorrência, desempenho e autorresponsabilidade explicita aquilo que se pretende buscar em sua mensagem. Entretanto,

também é fundamental uma descrição do cenário comunicacional que abriga o produto de Thiago Nigro. A descrição da conjuntura comunicacional contemporânea, baseada no uso das mídias digitais, é uma oportunidade de esmiuçar qual tem sido o papel da comunicação na reprodução do capitalismo neoliberal. Existem diversos pontos de intersecção entre mídia e neoliberalismo que potencializam a mensagem do canal *O Primo Rico*. A exposição desse cenário pretende elucidar melhor os contornos dessa aproximação.

2 – MEDIATEZACÃO: COMUNICAÇÃO E CAPITALISMO NO PRESENTE

“Capitalismo financeiro e midiatização formam hoje um par indissolúvel” (SODRÉ, 2007, p.16). A frase é do estudioso da comunicação Muniz Sodré e indica que, apesar de oriundos de espaços diferentes, neoliberalismo e comunicação andam imbricados quando se pretende compreender a realidade presente. Não é possível observar o fenômeno da ascensão do neoliberalismo sem levar em consideração o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a consequente intensificação do uso das mídias na sociedade contemporânea. A comunicação tem impulsionado o capitalismo neoliberal na medida em que permite novas possibilidades de circulação de mercadorias, dados e capitais e possibilitado a propagação de ideias em defesa dos valores neoliberais através do aumento da circulação de informações (GROHMANN, 2019).

Este capítulo pretende traçar um panorama das transformações na comunicação nas últimas décadas e destacar que tais mudanças não são neutras, mas direcionam-se no sentido da realização de uma racionalidade neoliberal no mundo. Isso quer dizer que a comunicação tem sido fundamental para o sucesso na construção de uma hegemonia do neoliberalismo na contemporaneidade. A análise do conceito de *midiatização*, termo utilizado por muitos estudiosos que discutem o processo de intensificação do uso das mídias digitais durante as práticas sociais cotidianas, elucida o papel da comunicação na construção de uma forma de organização da sociedade fundamentada pelos valores do mercado.

A caracterização da noção de midiatização e seus impactos sobre a sociedade contemporânea faz parte do trabalho de contextualização do ambiente no qual aparece o canal de educação financeira *O Primo Rico*. Segundo Michel Foucault, certas práticas discursivas só podem emergir em contextos históricos específicos (FOUCAULT, 2014), ou seja, existe uma conjuntura específica que ajuda a explicar o sucesso do canal de Thiago Nigro. A identificação dos elementos que compõem esse cenário constitui etapa muito importante no esforço de examinar o seu conteúdo, ampliando as possibilidades interpretativas de sua mensagem.

Além disso, a descrição de uma *sociedade midiatizada* traz o debate acerca da dimensão dos impactos da midiatização sobre comunicação, sociedade e cultura. O imenso volume de mensagens, sua velocidade, a efemeridade das informações, o narcisismo estimulado pelas redes sociais, a vigilância, a descontinuidade e o estímulo ao consumo são efeitos da midiatização que tem conduzido a sociedade para qual direção (BRUNO, 2013; FAUSTO NETO, 2006; MORAES, 2006; SODRÉ, 2013)? Todas essas transformações tem cumprido o ideal de uma cultura participativa como declarado por alguns? Ou é possível identificar uma tendência em tais inovações que colaboram com a ascensão de uma nova

hegemonia que perpetua a exploração e as desigualdades no mundo? Estudar o conceito de midiaticização indica um caminho para responder a essas perguntas acerca do papel exercido pela comunicação na contemporaneidade.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DAS TICs E A CONSTRUÇÃO DE UM DEBATE SOBRE COMUNICAÇÃO DIGITAL

O primeiro capítulo deste trabalho se debruçou sobre o estágio de desenvolvimento do capitalismo que, atualmente, é chamado de neoliberalismo. Segundo a análise dos estudiosos que se dedicaram ao assunto, tal conceito representa uma forma de organização da economia capitalista diante dos desafios colocados à acumulação de capital pela conjuntura do século XX (ALVES, 1999; CHESNAIS, 1996; HARVEY, 2001). Mas, também, significa uma racionalidade ou um modo de governar a população com base nos princípios do mercado (DARDOT & LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008).

A reconstituição dos aspectos principais da formação do neoliberalismo iniciou com a apresentação dos debates que orientaram o surgimento dessa nova doutrina político-econômica. As discussões entre intelectuais no período entreguerras (1918-1939) acerca das crises econômicas vividas pelos países do mundo e do papel do intervencionismo estatal nesse processo reuniu defensores de uma via para solução dos dilemas apresentados a partir do reforço do *laissez faire* econômico. O Colóquio Walter Lippmann, realizado em 1938, na França, atuou como marco fundacional dessa nova doutrina político-econômica reunindo importantes nomes do neoliberalismo no decorrer do século XX como Ludwig von Mises, Wilhelm Röpke e Friedrich Hayek entre outros.

Também foram apontadas as principais transformações político-econômicas em direção à organização neoliberal da sociedade. Desde os acordos em favor da desregulamentação do capital – como a Conferência Bretton Woods, em 1944 – até o processo de reestruturação toyotista da produção – um conjunto de alterações em prol da desregulamentação e flexibilização do trabalho –, passando pela ação dos governos de Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos, responsáveis pela “redução do Estado” por meio da privatização dos serviços e diminuição dos mecanismos de seguridade social.

Contudo, existe um aspecto bastante relevante nesse processo, mas que foi pouco mencionado. Trata-se do papel do desenvolvimento tecnológico, que possibilitou pôr em prática os ideais neoliberais no governo das sociedades e, neste sentido, o avanço das

Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), possui grande importância. Seria difícil imaginar um modo de produção mundializado, interligado através das diretrizes provenientes dos grandes centros globais, ou ainda promover a circulação de capitais em ritmo acelerado, com grande volume, sem um sistema comunicacional ágil e eficaz. Tampouco é possível pensar o espalhamento de suas ideias e valores de modo tão hegemônico sem os dispositivos de informação atuais. Neoliberalismo e comunicação tem andado muito próximos – não é em vão que termos como capitalismo informacional e capitalismo imaterial têm sido muito utilizados para indicar o momento econômico vivido atualmente –, e a caracterização do ambiente comunicacional constitui em mais uma peça no esforço para explicar o processo de ascensão neoliberal no mundo contemporâneo²⁶.

A afirmação de que existe uma confluência entre o desenvolvimento da comunicação e a ascensão do neoliberalismo necessita que se explicita melhor a conjuntura dos processos comunicacionais das últimas décadas. Tal contexto é caracterizado pelo aparecimento das mídias digitais e seus impactos sobre o modo como se produz e consome informação na sociedade e acerca das relações entre os seres humanos em geral. No livro *Teoria das mídias digitais*, Luís Mauro Sá Martino, inicia com uma breve exposição da transição da mídia analógica para a mídia digital. Como mídia analógica, o autor entende aqueles veículos que possuem uma base material contendo a informação. Um disco de vinil, uma fotografia ou até um texto impresso, consistem em exemplos dessa forma de mídia (MARTINO, 2014, p.10). Evidentemente, os limites de interação e circulação da informação são oriundos das limitações físicos da base material de cada meio, e muitas dessas fronteiras foram rompidas com a passagem para o formato digital.

A mídia digital é isenta de base material. Seu suporte físico praticamente inexistente e os dados que possui provêm de sequências de dígitos que são interpretadas por um processador em frações de segundo – daí a expressão digital (MARTINO, 2014, p.11). Com isso aumentou-se infinitamente a quantidade de informações que poderiam ser armazenadas ou transportadas, além do avanço da velocidade dessas atividades. A existência da tecnologia

²⁶ O interesse pela descrição do modo como a comunicação está organizada atualmente busca identificar a existência de um sentido por trás de suas operações e desenvolvimento. Um sentido que contribui com o desenvolvimento do neoliberalismo. A percepção desse “sentido da comunicação” na sociedade contemporânea é fundamental para o objetivo de observar de que forma o canal *O Primo Rico* atua como veículo de propagação dos valores neoliberais no Brasil. Certamente que o canal de Thiago Nigro não surge a partir do vazio, mas compartilha dos elementos que são característicos da conjuntura comunicacional recente.

digital foi a chave para importantes transformações nos processos comunicacionais²⁷. Como escreve Martino:

A possibilidade de compartilhar dados na forma de dígitos combinada com a integração de processadores em redes de alta velocidade estabeleceu as condições, ao longo do século XX, para o desenvolvimento de uma teia de conexões descentralizadas que veio a tornar-se a internet. (MARTINO, 2014, p.11)

A internet teve início como tecnologia militar estadunidense no período da Guerra Fria (1947-1991), e, com o passar do tempo, foi passando para o uso comum. Nos anos 1990 sua utilização foi disseminada pela popularização dos microcomputadores, impactando o mundo dos negócios e da cultura, principalmente, através da propagação de mensagens eletrônicas instantâneas, os *e-mails*, e, também, pela circulação dos conteúdos mais diversos através dos domínios digitais denominados *sites*²⁸.

Nos anos 2000, esse modelo foi alterado por um conjunto de transformações que constituiriam a *Web 2.0*. Em oposição ao caráter “fixo” da internet comum, que funcionava como uma espécie de plataforma de informações produzidas por grandes servidores. As novas redes sociais de microcomputadores passaram a promover um tipo de comunicação digital pautado pela interatividade. A participação ou colaboração tornaram-se regras, pulverizando ainda mais as fontes transmissoras das mensagens, impactando os processos comunicacionais e a sociedade como um todo (MARTINO, 2014, p.11).

Dentro dos estudos que buscavam compreender o desenvolvimento acelerado das mídias digitais, o pesquisador estadunidense Henry Jenkins obteve muito sucesso com suas análises acerca das possibilidades da *Web 2.0*. Seu livro *Cultura da convergência*, lançado em 2016 nos Estados Unidos tornou-se um sucesso mundial e leitura obrigatória para os pesquisadores da comunicação. Sua análise incide sobre as implicações culturais dos novos

²⁷ Claramente é possível identificar um sentido por trás do progresso tecnológico do qual o desenvolvimento das TICs fazem parte. François Chesnais destaca que o desenvolvimento da tecnologia se dá sob “um regime que tem como objetivo principal a reprodução e acumulação de capital” (CHESNAIS, 1996, p.142). Por isso, o desenvolvimento da ciência e do conhecimento está pautado pelo desenvolvimento técnico com a finalidade competitiva de aumentar a acumulação de capital.

²⁸ É importante destacar que tal descrição simplifica a complexidade dos acontecimentos, já que esse não é um movimento global homogêneo. Segundo relatório anual produzido pela União Internacional de Comunicações (UIT), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), ainda em 2022, 34% da população mundial não tem acesso à internet, sendo que a maioria dessas pessoas – 96% – vive em países em desenvolvimento. Tais dados são bastante graves e indicam que a “exclusão digital” consiste em um problema que precisa ser combatido com o intuito de garantir cidadania plena a todas as pessoas do mundo. Contudo, a observação de que os impactos da internet sobre a comunicação e as relações entre as pessoas seguem em crescente ascensão, é utilizada como ponto de partida para diversas reflexões sobre os processos comunicacionais utilizadas nesse capítulo. Disponível em: <https://www.itu.int/itu-d/reports/statistics/facts-figures-2022/>.

processos comunicacionais advindos com o avanço tecnológico. Jenkins caracteriza a *Web 2.0* a partir de três conceitos que se relacionam: *convergência*, *cultura participativa* e *inteligência coletiva* (JENKINS, 2009, p.30). Seu argumento defende que as novas mídias digitais proporcionam uma convergência temática que atravessa os diferentes dispositivos, que também seriam capazes de promover uma cultura participativa, através do engajamento dos usuários na produção de conteúdo sobre determinado tema.

Dentro do processo de convergência e participação, não existe um único dono da informação – ou da verdade –, logo, o conhecimento é construído por interações entre o público, que possui “visões particulares” em relação ao assunto. Essas redes de relações intermediadas pelos dispositivos midiáticos se complementam em uma prática coletiva. Além disso, a cultura participativa promovida pela *Web 2.0* teria o potencial de abalar o monopólio da informação ao estimular uma forma democratizante de produção de conteúdo. É a revolução da comunicação promovida pelo público – “de baixo para cima” (JENKINS, 2009).

A euforia das análises de Henry Jenkins transformou-se em paradigma para muitos estudos da comunicação no final do século XX e início do século XXI. Jenkins se tornou porta-voz de um grupo de pesquisadores bastante otimistas quanto às possibilidades apresentadas pela *Web 2.0*²⁹. Porém, com o passar do tempo surgiram observações menos confiantes quanto às novas mídias digitais e os benefícios da “cultura da convergência”. Ao apresentar diferentes teorias que discutem as transformações das mídias digitais e seus efeitos, Francisco Rudiger, em seu livro *As teorias da cibercultura: perspectiva, questões e autores*, questiona o potencial democratizante das novas tecnologias midiáticas – ou, ao menos, do uso dessa potencialidade em favor da democratização na comunicação. Ao apresentar alguns teóricos críticos dos avanços advindos com as novas mídias³⁰, Rudiger conclui que tais processos comunicacionais seguem movidos pelo “mercado e sua dinâmica” e, por isso, ainda caminham em direção à concentração, ao monopólio (RUDIGER, 2013, p.42). Em outro texto chamado *As redes da cultura: da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico*, Rudiger é mais enfático ao afirmar que o direito de produzir informação que foi conquistado pelo público graças às novas tecnologias não constituiu em avanço de fato (RUDIGER, 2015, p.45). Isso porque as mídias digitais funcionam como uma espécie de ambiente em que impera o individualismo e, apesar da grande quantidade de interações, o seu conteúdo é

²⁹ Nesse grupo existem, sobretudo, pesquisadores ligados aos negócios da informática e comunicação. Além de Henry Jenkins, existem outros nomes, como, Georges Gilder, Howard Rheingold, Dan Gilmor entre outros.

³⁰ Fazem parte desse grupo Evgeny Morozov, Andrew Keen entre outros.

majoritariamente irrelevante e dotado de pouca reflexão e trocas reais (RUDIGER, 2015, p.51). Nas palavras do próprio autor:

As redes sociais estão permitindo às multidões sair da obscuridade, empolgar a própria expressão e, assim, ganhar rosto, mas a via encontrada é problemática. O efeito global de seu movimento em conjunto é o giro cada vez mais banal de um carrossel de sons, imagens e palavras. [...] O avanço das redes precisa ser visto, por isso, como expressão sociológica do individualismo democrático [...] Entramos na era na qual a participação vale por si mesma, [...] (RUDIGER, 2015, p.51-52).

Outro estudioso brasileiro das mídias digitais, Alex Primo também reflete criticamente sobre a eficácia do conceito de cultura da convergência. Em sua análise das ideias de Henry Jenkins, Primo aponta que o advento da internet não eliminou a grande indústria da comunicação e defende que as inovações tecnológicas não possuem valores intrínsecos, mas ajustam-se às forças que atuam sobre a sociedade, reproduzindo suas tensões e hegemonias (PRIMO, 2016, p.14). O paradigma da *Web 2.0* traz para a sua plataforma as disputas existentes no mundo, atuando como complexificador dentro de uma realidade já existente. Se por um lado, as pessoas comuns tem a oportunidade de utilizar as novas mídias para fins comunitários, por outro o próprio mercado percebeu que poderia utilizar a colaboração online de acordo com os seus interesses de acumulação (PRIMO, 2016, p.17).

Essa reconstituição das transformações nos processos comunicacionais, advindas do desenvolvimento tecnológico – especialmente da internet –, mostra que não existe consenso, mas, ao invés disso, um grande debate buscando entender toda a profundidade que caracteriza a comunicação no presente. No Brasil, o conceito de midiatização tornou-se objeto da reflexão de diversos autores que tratam do paradigma recente da comunicação e seu papel na sociedade. É sob os estudos de nomes como Muniz Sodré e Antônio Fausto Neto, entre alguns outros, que este trabalho analisa o termo e busca traçar um panorama da comunicação na sociedade contemporânea e suas aproximações com o avanço do neoliberalismo. O pensamento crítico, tão caro às teorias da comunicação latino-americanas, está presente nos trabalhos desse grupo, de modo que a compreensão da complexidade do real não implica isentar a reflexão acadêmica do seu componente transformador, suas utopias em favor do desenvolvimento humano. Em suas análises, a comunicação pode se tornar de modo mais pleno, um instrumento de desenvolvimento social, ampliação da cidadania e combate à hegemonia do capital que tanto assola o mundo, principalmente em suas regiões mais exploradas.

2.2 MUDIATIZAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

O debate sobre o conceito de midiatização circula no centro das discussões sobre comunicação na América Latina (FAUSTO NETO, 2018, p.66). E o estudo do assunto não é uma tarefa das mais simples. Existem muitas dificuldades ao abordar um tema vasto e bastante dinâmico. As tecnologias que moldam os processos comunicacionais da midiatização estão em constante transformação e aquilo que foi observado em um passado recente, muitas vezes perde o valor diante das alterações do presente. A vitalidade do conceito se torna obstáculo e a complexidade do fenômeno, que envolve as mais diversas áreas da vida social, estimula a polissemia e a multiplicidade de abordagens possíveis em diferentes estudos. (MARTINO, 2018, p.221). Contudo, todas essas dificuldades não podem desanimar o pesquisador, que, driblando as armadilhas epistemológicas advindas da amplitude do tema, tem se debruçado sobre a midiatização. Em uma tradição pautada pelo pensamento crítico acerca do sentido da comunicação na sociedade, é possível encontrar algum consenso sobre o significado do termo. São trabalhos que optam muito mais por observar as dimensões socioculturais das transformações na comunicação do que a ênfase dos níveis técnicos instrumentais. As ideias de teóricos como Muniz Sodré, Eliseo Verón, Antônio Fausto Neto, entre outros, produzem uma conceptualização que aproxima comunicação e neoliberalismo, o que contribui com os propósitos desse trabalho, no intuito de observar o modo como o conteúdo produzido do canal de educação financeira *O Primo Rico* favorece a propagação de uma subjetividade neoliberal na sociedade.

Embora a palavra midiatização possa ser encontrada eventualmente em literaturas do campo da Comunicação, a sua utilização enquanto conceito analítico ocorre no Brasil a partir de 2002, com a obra de Muniz Sodré *Antropológica do espelho* (MARTINO, 2018, p.223). Nesse trabalho, Sodré busca uma análise da comunicação em rede e suas implicações e, no primeiro capítulo, define midiatização como:

[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de ‘tecno-interação’ –, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *médium* (SODRÉ, 2013, p. 21).

A midiatização trata da intensificação do uso dos dispositivos eletrônicos pelas pessoas dentro da sociedade. Tal conjuntura afeta as relações sociais, transformando-as em

“tecno-interações”, ou seja, conexões intermediadas pelos dispositivos e, por isso, transformadas em sua essência. Seguindo um caminho parecido, Antônio Fausto Neto examina os seus impactos sobre as práticas sociais e escreve que “a midiatização corresponde ao estágio atual da sociedade em que vivemos, caracterizado pela revolução que a internet promove em termos de acesso ao conhecimento, à cultura e às instituições” (FAUSTO NETO, 2018, p.68). Isso significa dizer que o ambiente midiatizado é responsável pela modificação da comunicação em si, dos sujeitos e da sociedade como um todo.

Em um texto intitulado *Discutindo o processo de midiatização*, Fabiane Sgorla faz uma revisão bibliográfica das ideias dos principais estudiosos do termo no país e, com isso, elabora uma definição bastante concisa que diz:

[...] a “midiatização” é registrada como o processo em que as tecnologias midiáticas, técnicas, lógicas, estratégias, linguagens, operações sociotécnicas e demais protocolos das mídias, até então exclusivos dos campos das mídias, imbricam-se no interior das dinâmicas do funcionamento do tecido social (SGORLA, 2009, p.62)

De modo geral, as três definições ressaltam que o avanço das tecnologias midiáticas tem produzido uma série de impactos sobre os processos comunicacionais e outras práticas sociais dentro da sociedade. Esses trabalhos apontam para uma sobreposição da comunicação em relação a outras esferas da realidade social, afetando-as. Para Antônio Fausto Neto, o estudo da comunicação sob a noção de midiatização extrapola o paradigma difusionista, bastante praticado em estudos do campo, e, também, o das mediações, que se deslocam para o ambiente técnico das mídias digitais, constituindo em um novo esquema para o estudo da comunicação no presente (FAUSTO NETO, 2018, p.63).

O desenvolvimento do conceito de midiatização não decorre de uma abstração dos estudiosos, mas é fruto da observação dos processos comunicacionais e suas novas condições no contexto de utilização das mídias digitais na América Latina (FAUSTO NETO, 2018, p.63) Dessa forma, muitos trabalhos identificam que a midiatização é um fenômeno que coincide com o processo de desenvolvimento da globalização capitalista e está submetida à sua lógica (SODRÉ, 2013). As análises destacam que o desenvolvimento tecnológico das mídias está inserido em um sistema que busca favorecer os processos de acumulação do capital. Este é o seu objetivo principal. Como consequência, os “múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação tradicional e sociedade” (SGORLA, 2009, p.62), que caracterizam a midiatização, não tem dificultado a acumulação do capital, exploração do trabalho, ou o fetichismo da mercadoria.

No livro *Sociedade Midiatizada*, Dênis de Moraes aproxima o desenvolvimento da mídia digital e o desenvolvimento do capitalismo e alerta para rupturas e permanências existentes nesse novo cenário comunicacional pautado pela internet. Se por um lado existe a possibilidade de novas modalidades de expressão, interação, articulação e intervenção política, por outro lado toda reestruturação tecnológica das mídias mantém a mesma lógica comercial voltada para o consumo, que pode ser percebida pela hegemonia de temas e abordagens na comunicação das notícias, ou o despreço pelos movimentos sociais, entre outros problemas (MORAES, 2006). Na internet o excesso de informações transforma todas as coisas em efêmeras, descartáveis, ou seja, em mercadorias. É a realização da “vida para o consumo” de Zygmunt Bauman³¹.

Nesse sentido, a midiatização não é feita apenas de rupturas, mas existem continuidades que envolvem esse novo ambiente da comunicação contemporânea. Dessa maneira, o seu caráter revolucionário, presente em expressões como “revolução da informação”, é questionado. A sua atuação é percebida no nível da aceleração das ações, das circulações, no aumento do volume de informações, sem, contudo, romper com as mesmas estruturas de poder que atuam dentro da sociedade a serviço da expansão do capital³² (MIÈGE, 2018; MORAES, 2006; SODRÉ, 2013).

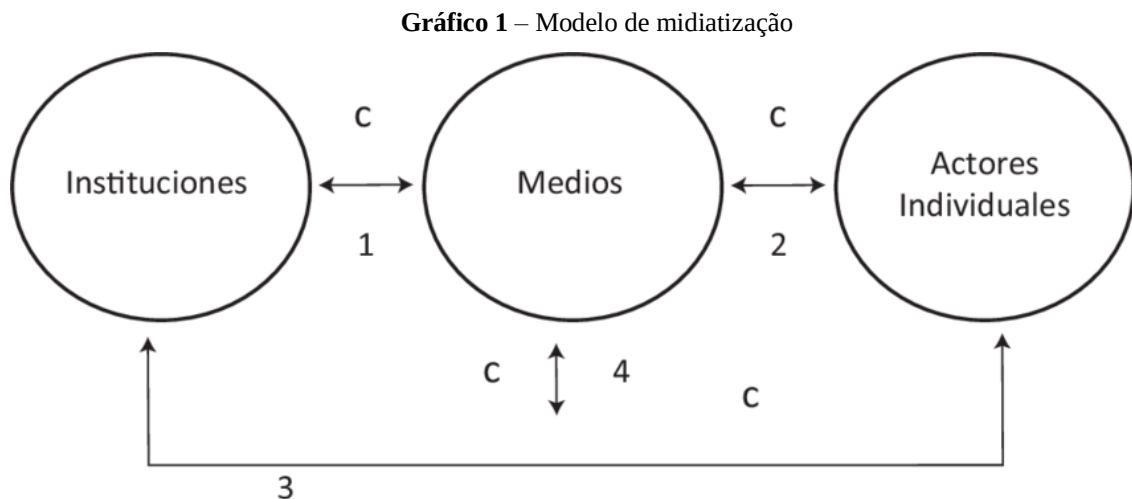
Denomina-se sociedade midiatizada a organização social que existe “mergulhada” em relações intermediadas por diversas formas de tecnologia informacional. Nela, há um redimensionamento da atuação da mídia, que se torna algo maior, mais complexo, e as práticas sociais passam “a ser mediadas por protocolos que se apoiam nas lógicas midiáticas e mercadológicas” (SGORLA, 2009, p.62). Para Eliseo Verón, intelectual argentino e um dos pioneiros no debate sobre midiatização na América Latina, seu maior impacto consiste na capacidade dos meios de comunicação de se tornarem componentes importantes da produção de sentido dentro da sociedade. Desse modo, as mídias assumem um papel fundamental

³¹ Essa lógica da acumulação de capital pode ser percebida, também, nas redes sociais, como o YouTube, objeto da análise desse trabalho no próximo capítulo. De início, tratava-se de uma plataforma para o compartilhamento de vídeos produzidos por pessoas comuns, mas com o passar do tempo, foi sendo inundado de “produções caseiras” que visam conquistar uma grande audiência e alavancar uma atividade profissional – o *influencer* ou *youtuber* –, além do material produzido profissionalmente por uma equipe que circula pelo *site*. A quantidade de ações publicitárias dentro dos vídeos produzidos – mesmo aqueles “caseiros” – é mais um indício, dentre outros, da conversão mercadológica do *site*.

³² O artigo *Financeirização, midiatização e datatificação como sínteses sociais*, escrito por Rafael Grohmann – já citado nesse trabalho –, descreve o modo como a conjuntura das novas mídias digitais (midiatização) atuam como formas organizadoras da circulação de informação e mercadoria na etapa atual do capitalismo financeiro. Aproximando-se da análise de Sodré, descreve uma espécie de simbiose entre as lógicas do capital financeiro e da comunicação digital na construção de um metabolismo social dirigido pelo capital.

dentro do complexo de mediações simbólicas que interferem nas relações dos sujeitos entre si e com o mundo.

Em um gráfico que se tornaria famoso posteriormente, Verón aponta para três campos fundamentais que atuam na produção de sentido dentro do corpo social: o campo das instituições, dos atores sociais e o campo dos meios – ou mídias (VERÓN, 1997, p.7).



Fonte: Eliseo Verón (1997, p.7).

Segundo o próprio autor, essa representação não dá conta da complexidade do fenômeno, mas elucida alguns de seus aspectos: a mutualidade das interferências entre os três campos, que não operam na razão simplista de “causa e efeito” e, também, a importância das mídias nos processos de construção simbólica (VERÓN, 1997, p.7). Em sua argumentação, Verón utiliza exemplos dos impactos das mídias sobre a política, educação e empresas, alterando o modo como elas são percebidas e, conseqüentemente, o seu funcionamento (VERÓN, 1997, p.9).

A descrição dessa nova natureza sócio-organizacional promovida pela mediação encontra nos trabalhos de Antônio Fausto Neto contornos que apontam para a transição da linearidade e tradição para a descontinuidade, complexidade e incompletude. A multiplicidade de sentidos da informação que circula através dos dispositivos midiáticos – que possuem vários produtores, públicos diversos, maneiras de consumir diferentes e distintas formas de interação – produzem uma sociedade edificada não mais em torno de suas estruturas, mas do fluxo de informação. A ideia de uma convergência, capaz de gerar uniformidade através do desenvolvimento tecnológico das mídias, não se cumpriu e o que existe é a fragmentação, o aumento das heterogeneidades na sociedade. Fausto Neto cita exemplos das religiões e da família que caminham em direção à multiplicidade. Nas palavras do próprio autor:

[...] a sociedade na qual se engendra e se desenvolve a mediatização é constituída por uma nova natureza sócio-organizacional na medida em que passamos de estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades. (FAUSTO NETO, 2006, p.3)

Novamente tais desdobramentos dos usos das mídias não atuam de modo neutro, mas contribuem com o novo modelo produtivo imposto pelo neoliberalismo, que é caracterizado pela flexibilização toyotista. O impacto sobre a sociedade provoca uma desestabilização das instituições em prol da lógica de circulação de bens materiais e imateriais – como os capitais do mercado financeiro – e a subjetividade das pessoas já não pode escapar da interferência das redes em favor da aceleração fluxo informacional. Ao tratar dos processos de interações sociais, o autor continua:

Assim, ao invés do ato social, a rede. Do vínculo, ao fluxo. Do contrato social à terceirização generalizada. Referências fundamentais são mandadas para os ares, consequências da lógica reinante da sociedade segundo a qual “vivemos no ar”, a tal da modernização líquida aludida por Bauman (FAUSTO NETO, 2006, p.4)

Descontinuidade, superficialidade, consumo, incompletude, ligações sócio-técnicas. Esses são alguns termos que adjetivam a nova ordem das relações intermediadas que caracteriza a sociedade mediatizada. O sujeito dentro da realidade “já não seria mais um intérprete, mas um operador de indiciabilidades, de conexões” (FAUSTO NETO, 2006, p.5). Nessa sociedade, os vínculos sociais tornam-se técnicos, efêmeros, informacionais, se ajustando, inclusive, à noção de alienação, consequência do modelo capitalista, que foi observada por Karl Marx desde meados do século XIX.

Certamente que as características descritas acima coincidem com aquelas pretendidas pela racionalidade neoliberal e foram abordadas no capítulo anterior. Retomando a análise de Richard Sennet, o esvaziamento da tradição e do social na vida das pessoas, que se comportam de modo técnico e individualista na busca pela realização pessoal dentro da sociedade capitalista constitui em modelo para a sociedade contemporânea (SENNET, 2009). O sujeito que vive pautado pela flexibilização do trabalho acostuma-se à efemeridade das coisas e, por isso, já não é capaz de desenvolver laços sociais mais profundos, o que acarreta em isolamento, mesmo no convívio com outras pessoas. Sennet destaca que é a qualidade dos vínculos que se pratica que está se modificando e, com isso, existe uma ameaça ao senso de

classe, de pertencimento a um grupo, mesmo que diante das particularidades de cada um. É o domínio do individualismo ante a vida em sociedade³³ (SENNET, 1999).

Muniz Sodré também atribui à midiaticização um impacto antropológico na medida em que ela “impõe um novo modo de presença do sujeito no mundo” (SODRÉ, 2006, p.22). Ao compartilhar de um dispositivo digital – o *médium* –, as pessoas estão diante de um simulacro que, em decorrência do seu uso, tem o poder de reordenar suas percepções sobre a realidade. Por meio de hibridações entre as formas midiáticas e outras vigentes no real-histórico tem-se a afetação das formas tradicionais de vida em função de vetores mercadológicos e tecnológicos (SODRÉ, 2013, p.23). Resumindo a relação do sujeito com as novas mídias:

O “espelho” midiático não é simples cópia, reprodução ou reflexo, porque implica uma forma nova de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros, para a constituição das identidades pessoais. Dispõe, conseqüentemente, de um potencial de transformação da realidade vivida, que não se confunde com manipulação de conteúdos ideológicos (como se pode às vezes descrever a comunicação em sua forma tradicional). É forma condicionante da experiência vivida, com características particulares de temporalidade e espacialização. (SODRÉ, 2013, p.23)

Uma nova dimensão de existência através do virtual, “tendência à virtualização ou telerealização das relações humanas” (SODRÉ, 2013, p.21), eis o efeito da midiaticização. Utilizando as ideias de Aristóteles para explicar seu argumento, Sodré revisita a noção de *bios* do filósofo grego, que consiste em um gênero qualificativo, indicando diferentes âmbitos de desenvolvimento da vida ou áreas da existência humana. Em sua obra *Ética a Nicômacos*, Aristóteles afirma que existem três tipos de *bios*, a saber, o *bios theoretikos*, que trata da vida contemplativa, da busca pelo conhecimento; o *bios politikos*, que envolve toda forma de ação política e, por último, o *bios apolaustikos*, referente à dimensão estética, ou do corpo. Através do conceito de midiaticização, Sodré defende a existência de um quarto *bios*, o *bios midiático*, onde predominam “tecnointerações” e mantém-se a reprodução dos interesses do mercado (SODRÉ, 2013, p.25).

A vida do *bios* midiático é capaz de criar um novo *ethos* ou um novo “pacto social” entre os sujeitos dentro de uma sociedade (SODRÉ, 2006, p.24). Influenciada pelo mercado, é no narcisismo, na exaltação do desejo individual, na capacidade de atrair e manter sobre si a

³³ Existe outra categoria explicativa acerca do tipo de sociedade caracterizada pela descontinuidade, fragmentação e individualismo que é o *pós modernismo*, termo que trata do estágio de desenvolvimento da humanidade pautado pelo fim das metanarrativas. O individualismo conseqüente do pensamento pós-moderno também é observado por diversos estudiosos como colaborador no desenvolvimento do capitalismo, de modo que pós-modernismo, neoliberalismo e midiaticização se aproximam na construção de uma sociedade pautada pelos valores do mercado.

atenção do outro que a sociedade encontra seu novo valor moral (SODRÉ, 2013, p.51). Na política, o contexto de produção informacional da realidade despolitiza o debate e esvazia a noção de público – que está cada vez mais vinculado à perspectiva de um pequeno grupo ou uma “bolha” –, norteadas as atuações pela espetacularização e sensacionalismo em busca da performance imagética perfeita (SODRÉ, 2013, p.34).

A partir de contribuições do campo da psicologia, Sodré avança nos efeitos da vida do *bios* midiático sobre o sujeito, e afirma que a realidade virtual experimentada é capaz de redimensionar o real, ampliando o espaço vivido. Tal processo afeta a construção das identidades, que existem como “personas” no espaço midiático, mas contém distorções quando colocada diante do real material (SODRÉ, 2013, p.153). Uma dessas distorções, discutida em outros trabalhos, é a sensação de isolamento que acarreta em um indivíduo cada vez mais fechado em si mesmo, em suas necessidades e em seus prazeres (DUGNANI, 2020, p.43). Um dos modos apresentados pelas mídias para superar o sentimento de solidão, consiste em uma busca pelo aumento da visibilidade, estimulando o narcisismo e egocentrismo do sujeito. Para adquirir toda a visibilidade que deseja, é necessário um esforço de autovalorização, tornando-se atraente aos outros, como uma mercadoria que disputa a atenção em uma vitrine de loja (DUGNANI, 2020, p.45). Em um interessante trabalho, Fernanda Bruno fala em vigilância e autovigilância das redes dentro dos processos de construção da subjetividade, isso ocorre devido ao esforço em prol da própria valorização através da visibilidade – que geralmente é mensurada pelo número de “seguidores” ou “curtidas” de uma conta pessoal³⁴ (BRUNO, 2004).

A observação das características da midiatização aproximam comunicação e capitalismo, constituindo o espaço ideal para a ascensão do neoliberalismo como forma de organização da sociedade e visão de mundo. Aquelas características do mercado que orientam a conduta do sujeito empresa são as mesmas que percebemos nas diferentes análises que tratam dos impactos da midiatização sobre a sociedade. A apreensão dessa realidade consiste em fundamento teórico para a análise do canal de educação financeira *O Primo Rico*, na medida em que o seu conteúdo não é criado isolado do mundo, mas parte desse cenário em que seus produtores estão inseridos. Os atributos acima servem de ferramenta para ilustrar as vinculações do canal com os interesses do mercado, observando como o conteúdo produzido

³⁴ A aproximação entre a vigilância das redes sociais e o panóptico de Michel Foucault é evidente. As redes sociais promovem padrões através dos seus perfis mais famosos – os *influencers* – que atuam como agentes disciplinadores, organizadores da realidade social. É uma ferramenta que funciona dentro de uma racionalidade governamental – no caso das redes sociais, uma razão neoliberal, pois promove os valores do mercado entre as pessoas.

por Thiago Nigro no ano de 2020, no auge da pandemia da Covid-19, afasta-se de qualquer potencial reflexivo, humanístico e transformador, apresentando uma mensagem que, vendida como produto, tem características de propaganda e busca a imposição de valores hegemônicos do Ocidente capitalista.

2.3 MUDIATIZAÇÃO NO BRASIL: PANORAMA DO USO DA INTERNET NO PAÍS

É notório que a midiatização vem se consolidando como um tema fundamental para os estudos da comunicação, especialmente aqueles que pretendem pensar as relações entre as mídias e a sociedade na contemporaneidade. Contudo, é preciso destacar que existem limites em relação ao alcance do termo, porque existem restrições quanto ao acesso à internet em diferentes partes do mundo³⁵. Dessa forma, elaborar um panorama da presença da internet, principal veículo da “comunicação midiatizada”, é fundamental. O objetivo dessa tarefa é esclarecer de que maneira o Brasil está inserido dentro dessa conjuntura de análise. Aqui, alguns dados estatísticos buscam elucidar o grau de envolvimento do povo brasileiro com as novas mídias digitais e, conseqüentemente, com o cenário de comunicação midiatizada descrito pelos analistas discutidos anteriormente. Além disso, essa exposição aponta para a importância de se pensar o conteúdo dos meios digitais na reflexão sobre a comunicação no país, visto que tais dispositivos deixaram de ser coadjuvantes e tem se tornado, cada vez mais, protagonista nos processos comunicacionais da população³⁶. Dessa forma, segue uma reconstituição das etapas que desenvolveram a comunicação digital no país.

No Brasil, a história – ou pré-história – da internet começa no contexto do pós-guerra em que havia uma preocupação com a modernização do país. Dessa forma, desde o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) teve início o debate sobre a necessidade de se desenvolver a sua infraestrutura de telecomunicações. Contudo, foi somente com o governo militar que, em 1965, criou-se a Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL). A ação da EMBRATEL aproxima-se da pesquisa e tecnologia e, com o passar do tempo, incorpora as tecnologias digitais em seu rol de atividades. É importante dizer que a

³⁵ Assim como o capitalismo global não se manifesta da mesma maneira em todas as partes do mundo, não é possível falar que a midiatização acontece da mesma forma e com exatamente os mesmos impactos sobre as práticas sociais (TUZZO & CIRINO, 2022). A maneira desigual com que os efeitos da globalização se materializam ao redor do planeta reproduz através do acesso à internet e meios de comunicação digitais uma forma de exclusão.

³⁶ A apresentação de dados que confirmem a importância das mídias digitais no país também justificam o interesse pela análise do canal de YouTube O Primo Rico, representante de uma mídia potente – os canais de YouTube – e em processo de crescimento do seu impacto na sociedade.

aproximação com as universidades, principal espaço de produção científica no país, foi fundamental para o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Instituições como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ), entre outras, foram pioneiras no uso da internet ao desenvolverem redes de comunicação internas e entre si, antecipando a tecnologia que viria a ser amplamente utilizada posteriormente (CARDOSO, 2008, p.100).

A partir dos anos 1990, com a popularização da internet no mundo, especialmente, por meio dos computadores pessoais – ou *Personal Computers* (PCs) –, teve início o seu uso pela população comum – ainda bastante restrito a classes mais abastadas dos grandes centros urbanos do país. Nesse período, alinhado à política neoliberal do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), a estrutura estatal que abrigava a internet no Brasil, foi sendo privatizada pela EMBRATEL – a própria estatal seria comprada em 2004 pela *TelMex* –, em um processo de desenvolvimento fundamentado no interesse econômico das grandes corporações de telecomunicações e informática (CARDOSO, 2008, pp. 116-117). O que acarretou em disparidades quanto à disponibilidade do serviço nas diferentes regiões do território nacional.

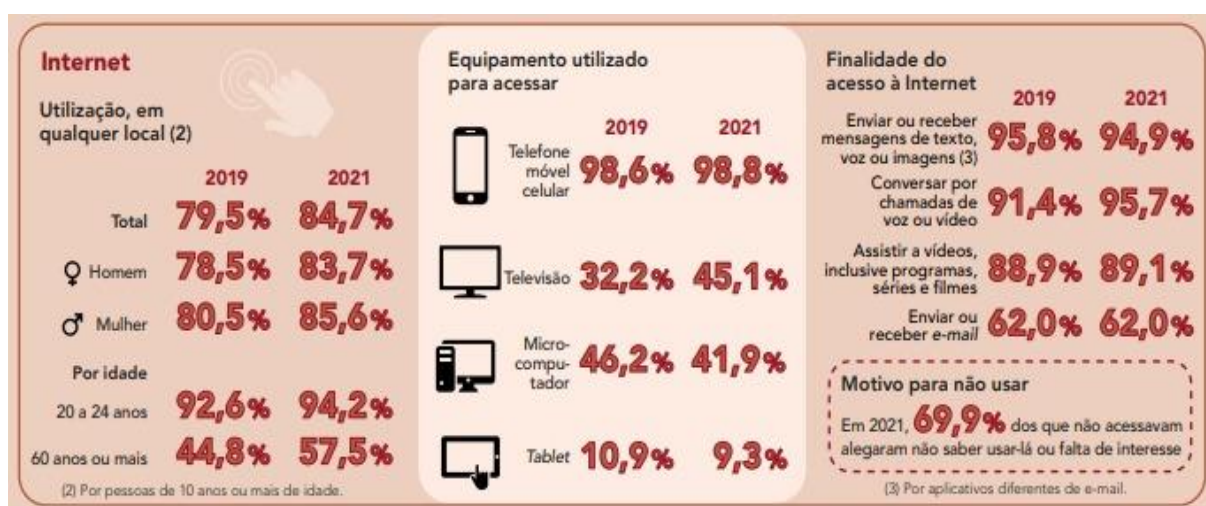
Em um processo bastante característico dos países periféricos no capitalismo global, a modernização tecnológica não pode ser dirigida por interesses pautados pelo desenvolvimento social. Ao invés disso, coube à iniciativa privada, representada pelas grandes empresas de capital internacional, o trabalho de implantar a Internet no Brasil. Evidentemente que tal particularidade atribui ao processo a qualidade de subserviência aos interesses do mercado, acarretando em algumas disparidades quanto ao acesso às novas tecnologias, que coincide com o poder de consumo de cada uma das cinco regiões do país.

Atualmente, com a popularização dos smartphones, o Brasil pode ser classificado, finalmente, como um país em que o acesso à internet é uma realidade para a maior parte de sua população. Mesmo com discrepâncias em relação à qualidade da conexão, as empresas fornecedoras de internet têm expandido suas redes pelos quatros cantos do país. Segundo dados da pesquisa *Acesso à internet e à televisão e posse do telefone móvel celular para uso pessoal*, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2021, 84,7% da população brasileira possui algum tipo de acesso à internet, indicando um aumento de 5% em relação a 2019 – ano da pesquisa anterior. Esse aumento foi impulsionado pela ampliação do acesso na zona rural que saltou de 57,8% para 74,7% entre 2019 e 2021. Apesar da necessidade de expandir o serviço e, também, melhorar a qualidade da rede disponível nas

regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, esses números são significativos por se tratar de um país marcado por tantas desigualdades³⁷.

Abaixo seguem algumas tabelas com dados da pesquisa. No gráfico 2 – *Acesso à Internet para uso pessoal em 2021* – tem-se uma estatística acerca do uso da Internet pela população nacional. Algumas particularidades são apresentadas, tais como, gênero, idade, dispositivo de acesso à Internet e finalidade do seu uso. Já no gráfico 3 – *Domicílios em que havia conexão por banda larga na utilização da Internet segundo de banda larga (%)* – existe uma identificação do percentual da população com acesso à Internet nas cinco regiões do país. Por fim, o gráfico 4 – *Domicílios em que funcionava serviço de telefonia móvel celular (%)* – apresenta o uso de telefone móvel celular nos domicílios brasileiros.

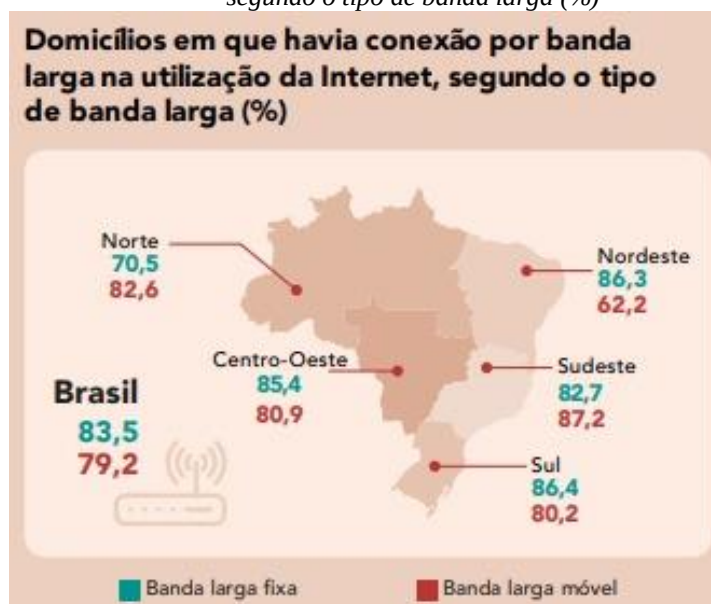
Gráfico 2 – Acesso à Internet para uso pessoal em 2021



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019/2021.

³⁷ Os números da pesquisa realizada pelo IBGE não são idênticos aos realizados por outras instituições como o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic-br), contudo, as diferenças são pequenas, ficando abaixo de 5% na maioria dos indicadores. Por isso manteve-se, exclusivamente, os dados do IBGE como indicadores nacionais.

Gráfico 3 – Domicílios em que havia conexão por banda larga na utilização da Internet, segundo o tipo de banda larga (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019/2021.

Gráfico 4 – Domicílios em que funcionava serviço de telefonia móvel celular (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019/2021.

Os dados da pesquisa realizada pelo IBGE permitem um panorama acerca do uso da Internet no país. No gráfico 1 é possível perceber que existe pouca disparidade entre homens e mulheres quanto ao acesso – com ligeira vantagem para a usuária feminina –, contudo, o uso é muito mais intenso entre as populações mais jovens, passando de 90% entre as pessoas com idades entre 20 e 24 anos. Outra informação importante é que o aparelho celular consiste no

principal veículo de conexão à Internet – praticamente todo cidadão que acessa à Internet no país pode fazê-lo com o celular – ao cruzar esse números com os dados sobre a existência de computadores ou *tablets* nas residências, também é possível concluir que em muitos casos o celular é o único instrumento de conexão, tornando-se o maior responsável pela popularização da Internet no país³⁸ – informação evidente no gráfico 3.

Outro ponto interessante a se destacar é que as disparidades com relação ao uso da Internet nas cinco regiões do país têm diminuído. Os índices que se destacam é o baixo número de usuários de banda larga móvel na região nordeste – apenas 62,2% – e o índice de domicílios com acesso à banda larga fixa na região norte do país – 70,5%. Nas demais informações, os percentuais possuem poucas variações.

Por fim, a inclusão pelo consumo, pelo acesso à tecnologia, não tem sido acompanhada por um trabalho eficiente de educação e formação digital. A informação de que a principal causa do não uso da internet pelas pessoas – totalizando 69% dos casos –, é a falta de conhecimento sobre como manusear as novas ferramentas, revela a urgência do esforço em favor da educação digital no país. Além disso, *fake news* e discursos de ódio são temas recorrentes de notícias acerca dos usos da Internet no país, evidenciando a importância da educação midiática para o desenvolvimento pleno desse direito por parte da população.

A observação desse estudo realizado pelo IBGE no Brasil justifica o interesse das pesquisas de Comunicação acerca do fenômeno da midiaticização. As mídias digitais seguem em pleno processo de expansão, se tornando o principal meio de acesso à informação e comunicação no país, e a diversidade de trabalhos que tratam de objetos digitais da comunicação constitui reflexo desse cenário. Tais dados também apontam para a importância da análise pretendida nesse trabalho, a expansão da informação através da Internet no Brasil ressalta a importância do canal *O Primo Rico* como produtor de conteúdo sobre o tema da educação financeira.

Analisar os estudos sobre o conceito de midiaticização é observar o modo como capitalismo e comunicação tem se aproximado no desenvolvimento dos processos comunicacionais contemporâneos. Mesmo diante do potencial democrático das novas TICs, a conjuntura caminha para a propagação de uma visão de mundo hegemônica acerca da realidade. A ampliação da influência dos valores do mercado, apontada pelos diversos teóricos utilizados nesse capítulo – Antônio Fausto Neto, Eliseo Verón, Dênis de Moraes,

³⁸ Para as pessoas que navegam pela internet exclusivamente através do celular, existe uma restrição da experiência do serviço – sites que não operam direito em dispositivo móveis, limite de dados por usuário –, o que acarreta, muitas vezes, na sua restrição à utilização das redes sociais – que possuem acesso ilimitado.

Muniz Sodré e outros – indicam a importância do pensamento crítico dentro dos estudos da Comunicação, no sentido de mostrar caminhos para formas de comunicação alternativas, que contribuam com a diversidade democrática. O próximo capítulo busca utilizar todo o complexo de características construído até aqui, para verificar o modo como *O Primo Rico* apresenta em seus conteúdos os valores neoliberais, espalhando entre seu público o ideário hegemônico de um modo de vida alinhado com os valores do mercado.

**3 – INDIVIDUALISMO EM TEMPOS DE CRISE:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CANAL *O PRIMO RICO* EM 2020**

O objetivo principal desta pesquisa é descrever o modo como o canal de educação financeira *O Primo Rico* divulga os valores do neoliberalismo a partir de um formato que mistura instrução e entretenimento. Mesmo diante do contexto trágico da pandemia da Covid-19, período de questionamento acerca do modelo capitalista global que fundamenta a organização social contemporânea, Thiago Nigro opta pela sua defesa, reforçando a necessidade de agir em busca do enriquecimento pessoal a partir das regras de funcionamento do modelo vigente. O resultado é uma mensagem que blinda o mercado de toda crítica e enaltece a atuação do homem empresa.

A aproximação entre comunicação e neoliberalismo pode ser observada não só no conteúdo do material analisado, mas, também, em alguns elementos que compõem a sua mídia – o canal de YouTube. As redes sociais têm sido objeto de diversos estudos que identificam em seu funcionamento a expansão dos valores neoliberais na vida das pessoas, reforçando as características da noção de mediatização estudadas anteriormente neste trabalho. A análise dos componentes presentes nas redes sociais, através do trabalho de estudiosos do tema como Luís Mauro Sá Martino e Raquel Recuero e a observação de trabalhos que tem identificado nos mecanismos de utilização desses veículos a amplificação dos valores neoliberais - Isaaf Karhawi, Kamyla Dias, Rafael Grohmann e etc. – explicitam tais conexões.

Com base na descrição prévia do objeto, a produção de *O Primo Rico* no ano de 2020 é analisada com o intuito de descrever de que forma os elementos da subjetividade neoliberal são difundidos pelo canal. De todo o material elaborado nesse período, escolheu-se seis vídeos tendo como critério de seleção o conteúdo de sua mensagem, ou seja, diante de outras possibilidades – como os vídeos mais assistidos, ou aqueles com mais interações – optou-se por amostras compostas de maior presença do ideário neoliberal em seu conteúdo.

A evidência dos atributos do homem empresa, a saber, a soberania interesses pessoais, o empreendedorismo, a concorrência, o desempenho e a autorresponsabilidade (DARDOT & LAVAL, 2016) podem ser percebidos no interior da mensagem de Nigro. Em nenhum momento a catástrofe da Covid-19 altera o impulso pelo enriquecimento em uma economia de mercado. Para lidar com a conjuntura desfavorável é fundamental praticar aquilo que foi previamente planejado, não se deixando guiar pelo contexto adverso, além disso, toda crise é uma oportunidade de se fazer bons negócios.

3.1 O PRODUTO DA COMUNICAÇÃO MEDIATIZADA: REDES SOCIAIS, YOUTUBE E A COMUNICAÇÃO COMO “PROPAGANDA DE SI”

O estudo sobre o neoliberalismo e a midiatização realizado até aqui, teve como objetivo introduzir o canal *O Primo Rico*, do comunicador digital Thiago Nigro, para a sua análise. A contextualização do objeto compõe etapa importante para a interpretação do seu conteúdo. Ao propor uma teoria da comunicação, John B. Thompson ressalta que toda mensagem traz consigo elementos do momento histórico em que é produzida. São características de sua conjuntura socioeconômica, política e de seus agentes, que afetam diretamente o conteúdo da mensagem e, por isso, devem ser consideradas em qualquer esforço interpretativo (THOMPSON, 2011).

A noção de neoliberalismo aponta para uma doutrina política que critica toda forma de intervencionismo estatal no *laissez faire* econômico. Na prática, constitui ações que privatizam os serviços públicos e reduz o Estado social (BROWN, 2019). Além disso, a internacionalização da produção, através de sua reorganização em um conjunto de medidas conhecidas como toyotismo ou flexibilização que, de modo geral, precarizam as condições de trabalho da população, completam o cenário denominado neoliberal (HARVEY, 2016).

Outro aspecto do neoliberalismo abordado nesse trabalho é a sua compreensão como racionalidade governamental. Partindo dos estudos políticos de Michel Foucault, é possível entender o neoliberalismo como governamentalidade, ou seja, como razão governamental cujo objetivo é conduzir o comportamento da população. Um governo de intervenção social buscando impulsionar o dinamismo da economia, mas que exerce uma “intervenção invisível”, realizada a partir da construção de um conjunto de práticas acerca do sujeito, em relação a sua liberdade, dotando-a de uma finalidade delimitada pelo mercado³⁹ (FOUCAULT, 2008). A obra de Christian Laval e Pierre Dardot aprofunda essa análise através da noção de homem empresa, um indivíduo movido pelos valores do mercado que possui uma visão fundamentalmente econômica da realidade, o que acarreta em um comportamento individualista que define as ações como boas ou más com base em critérios de perdas e lucros. (DARDOT & LAVAL, 2016).

O avanço neoliberal pode ser percebido, também, no sentido que orienta o progresso científico e tecnológico no mundo (CHESNAIS, 1996, p.142). E a observação do desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, possibilita perceber que as mudanças nesse segmento se adaptam muito bem à lógica do mercado, reforçando os

³⁹ Foucault evita restringir suas ideias acerca do governo ao âmbito intelectual, por isso recusa o uso do conceito de ideologia – bastante consagrado pelo pensamento marxista. Ao invés disso, opta por expressões como *práticas*, *práticas discursivas*, *tecnologia*, *arquitetura* etc. Contudo, é importante destacar que o discurso e a dimensão simbólica são ferramentas importantes na construção dessa razão governamental.

processos de acumulação de capital. Nos estudos da Comunicação, Muniz Sodré apresenta o conceito de midiaticização, que descreve um cenário de superexposição aos dispositivos eletrônicos com acesso a internet – dos quais o *smartphone* tem se tornado o mais popular –, que passam a intermediar vários processos sociais, afetando-os a partir de uma razão mercadológica – a ideia de *bios* midiático, descrito como um novo espaço para a existência social, que é o espaço virtual das mídias e opera a partir da lógica do mercado (SODRÉ, 2013). Outro intelectual importante na elaboração do conceito no Brasil, Antônio Fausto Neto destaca o impacto da internet sobre as práticas sociais e as instituições no sentido da fragmentação – ou descontinuidade – contribuindo para uma sociedade caracterizada pela plasticidade – componente responsável pela aceleração das transformações nas sociedades contemporâneas (FAUSTO NETO, 2006).

Dentro dessa perspectiva teórica, os conceitos de neoliberalismo e midiaticização indicam um cenário particular de aproximação entre práticas econômicas e comunicação na promoção de uma sociedade orientada pelo individualismo e pelo mercado⁴⁰ (SODRÉ, 2021). E é inserido no interior dessa conjuntura que o canal de YouTube *O Primo Rico* surgiu e alcançou sucesso, tornando-se um dos mais populares do seu segmento no Brasil⁴¹. É atuando dentro deste quadro que Thiago Nigro publica suas ideias sobre finanças. Por isso a análise de sua produção no período de 2020, ano da pandemia da Covid-19, a fim de identificar o modo como seus vídeos promovem os valores de uma subjetividade neoliberal, recorre previamente à identificação das características do seu contexto sócio-histórico e, também, do cenário comunicacional em que o canal está posto de forma a auxiliar no trabalho de interpretação.

Em um último esforço de preparação para a análise do canal *O Primo Rico*, este tópico se debruça sobre sua mídia. Diversos pesquisadores da Comunicação destacam a importância do veículo, do meio, para a elaboração da mensagem (MARTINO, 2014, p.186). Dessa forma, a descrição da plataforma sobre a qual Thiago Nigro compartilha seu conteúdo colabora com a tarefa de identificar a maneira como sua mensagem promove a prática de uma subjetividade neoliberal na sociedade. O YouTube pertence a uma categoria bastante conhecida dentro das novas mídias digitais, a das *redes sociais*. Por se tratar de um produto da comunicação

⁴⁰ A intenção aqui não é reduzir o papel da comunicação a mero instrumento do capitalismo, pois sua prática extrapola muito essa dimensão. Contudo, os estudos que fundamentam esse trabalho apontam que são inegáveis as aproximações entre ambas na sociedade contemporânea.

⁴¹ Segundo matéria do caderno *E-investidor* do jornal *O Estado de São Paulo*, Thiago Nigro é o principal influenciador digital de educação financeira do Brasil – mesmo ficando atrás de Nathália Arcuri em número de inscritos no YouTube, a matéria leva em consideração os trabalhos de Nigro em outras plataformas e através de palestras por todo o país. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/influenciadores-financas-internet/>

mediatizada, seu funcionamento é afetado pela influência do mercado. Uma caracterização acerca das redes sociais e do YouTube deve elucidar algumas aproximações com os elementos da mediação e neoliberalismo já desenvolvidos neste trabalho e ajudar no tratamento dos vídeos do canal *O Primo Rico*.

A expressão rede social aparece na Comunicação como um empréstimo das Ciências Sociais e passa a indicar o fenômeno em que duas ou mais pessoas são conectadas por uma rede de computadores. Ao introduzir o conceito, Luiz Mauro Sá Martino escreve:

Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais (MARTINO, 2014, p.55).

Foi a partir de um estudo sobre as relações sociais realizado em um pequeno vilarejo da Noruega, na década de 1950, que o termo foi cunhado. Naquela época tratava-se de uma reflexão sobre as ligações de uma pessoa com as outras, que por sua vez formavam uma espécie de vínculo contínuo entre indivíduos que não se conheciam ou possuíam contato direto (MARTINO, 2014, p.61). Pioneiro no uso da noção de redes sociais como explicação para os processos de relações sociais no cotidiano, o trabalho elaborado pelo pesquisador britânico John A. Barnes, seria revisitado posteriormente por estudos que se debruçavam sobre o desenvolvimento tecnológico da comunicação e os processos de construção de redes sociais *online*.

Ao utilizar o conceito de rede social para examinar os processos de comunicação no âmbito da internet – dentre os quais está o YouTube –, os estudiosos se aproveitam de uma caracterização já existente e, dessa forma, transpõem alguns de seus elementos para o fenômeno comunicacional. Dois deles são a *dinâmica* e *flexibilidade*.

A dinâmica trata dos atributos específicos que cada rede social possui em suas interações. Na internet, existem vários sites de redes sociais como o Facebook, o Twitter, o Instagram, o TikTok, o YouTube e cada um deles tem diferentes tipos de conexões, distintas quantidades de participantes, variadas formas de entrar ou sair da rede. No caso do YouTube, a rede gira em torno do compartilhamento de conteúdos audiovisuais por um usuário, que pode ser um sujeito com um produto amador ou uma equipe profissional. Esse material fica disponível em um domínio da internet podendo ser acessado por dispositivos que vão desde computadores pessoais até aparelhos celulares. Existem meios de interação entre os usuários que assistem ao vídeo e aquele que o produziu: é possível trocar mensagens na sessão de

comentários de cada canal, demonstrar que gostou ou não gostou do vídeo assistido clicando em um ícone específico, compartilhar aquele material com outros usuários, fazer uma doação ao seu produtor, entre outras ações. Também existe a possibilidade de acessar um recurso que notifica o espectador toda vez que o canal desejado compartilhar um vídeo novo, algo que caracteriza o comportamento do fã, conhecido no espaço das redes como *seguidor*, um adepto fiel de determinado assunto. Como visto acima, apesar das semelhanças, quando se compara os diversos sites de redes sociais, dá para perceber que não são todos idênticos, havendo diferença entre os processos realizados em cada um deles (MARTINO, 2014, p.56).

O segundo elemento descrito por Martino é a flexibilidade, que consiste na qualidade dos laços existentes em uma rede social. Ao contrário dos vínculos estabelecidos por meio das principais instituições de uma sociedade, as conexões realizadas pelas redes sociais são extremamente variáveis (MARTINO, 2014, p.56). Os elos criados podem ser transformados – ou até rompidos – a qualquer momento, de acordo com a disposição de seus participantes. Por exemplo, o canal *O Primo Rico* possui 6,5 milhões de inscritos, contudo, é provável que esse número experimente novas entradas e saídas diariamente. Dessa forma, as redes possuem tamanhos bastante elásticos, ora aumentando, ora diminuindo, o que impacta facilmente a sua relevância dentro do campo virtual⁴².

Com mais de 5 bilhões de vídeos assistidos por dia, o YouTube é a maior rede social para compartilhamento de vídeos da atualidade⁴³. Ele foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, e lançado em junho de 2005 como um serviço simplificado para os usuários realizarem o *upload* de seus vídeos e assistirem outros em tempo real – formato conhecido como *streaming*. Pouco tempo depois, em outubro de 2006, o domínio foi comprado pela gigante do ramo da tecnologia Google, pelo valor de 1,65 bilhão de dólares para, então, se tornar um dos canais de vídeo mais popular do mundo (BRUGESS; GREEN, 2009).

O sucesso do YouTube acompanhou a expansão do uso das mídias digitais dentro da *Web 2.0*, termo utilizado para destacar o estágio das novas tecnologias conectadas à Internet com ênfase na interatividade. Como visto anteriormente neste trabalho, entre as vantagens dessa nova forma de mídia, existe a ampliação da participação do “público” nos processos comunicativos, algo que foi celebrado por Jenkins devido à possibilidade de criar uma cultura

⁴² Esse segundo elemento é muito representativo da pós-modernidade, termo utilizado por alguns intelectuais, como Zygmunt Bauman, para tratar da sociedade atual. A efemeridade, velocidade e relação com o desenvolvimento do capitalismo, que transforma todas as coisas em mercadoria e troca são alguns componentes fundamentais percebidos no mundo pós-moderno *offline* e, também, *online*.

⁴³ Dados extraídos da Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_de_armazenamento_de_v%C3%ADdeos

participativa dentro do universo da comunicação de massa (JENKINS, 2009). Ao tornar-se um dos maiores espaços de compartilhamento de vídeos do planeta, o YouTube incorporou recursos das redes sociais ao modo como as pessoas assistem vídeos no dia a dia, afastando-se daquele modelo de programação linear, com fluxo contínuo, tão característico da TV, para outro mais interativo, algo conhecido atualmente como *on demand* (sob demanda), que atende o usuário na hora e com o conteúdo que ele quiser. Além disso, permite o contato entre os espectadores através da criação de comunidades que compartilham interesse pelo mesmo tema (FILHO, 2018, p.6).

Um importante trabalho de caracterização das redes sociais no âmbito da comunicação no Brasil é o livro *Redes sociais na internet*, escrito por Raquel Recuero⁴⁴. Consciente da extensão e complexidade do objeto, Recuero define sua tarefa como “oferecer algumas ideias e reflexões a quem deseja também compreender como essas redes estão modificando os processos sociais e informacionais” (RECUERO, 2009, p.22). Contudo, a descrição apresentada pela autora é bastante completa e útil para o trabalho de apresentação do YouTube.

Na primeira parte de sua investigação, Recuero indica que, de modo geral, as redes sociais são compostas por dois elementos fundamentais: atores e conexões (RECUERO, 2009, p.24). É importante explicitá-los.

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição dos laços sociais (RECUERO, 2009, p.25).

Como visto acima, os atores são as pessoas envolvidas na rede, que compartilham do processo comunicacional intermediado pelo dispositivo eletrônico. Um conceito aparentemente simples, mas que se torna complexo porque no espaço virtual essas relações não ocorrem “face a face”, ou seja, os atores não são diretamente discerníveis. Logo, as plataformas adquirem a forma de ator de modo que um *blog*, um perfil no Twitter, uma página no Instagram ou um canal no YouTube representam um ator, mesmo que sejam formados por um coletivo de pessoas – ou até por robôs, conhecidos como *bots*. A página personifica o ator nas redes sociais, permitindo através desse processo que os sujeitos – no plural ou singular – por trás da plataforma construam uma identidade virtual a partir daquilo

⁴⁴ O livro é fruto da tese de doutorado da pesquisadora no Curso de Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

que é divulgado na internet. Esse não é um ato acabado, mas um movimento contínuo em que existe a possibilidade de transformação dessas mesmas identidades com o passar do tempo (RECUERO, 2009, p.25-26).

A observação dos atores explicita um elemento importante das redes sociais que consiste na sua capacidade de hibridação entre o real e o virtual, ou seja, existe uma articulação entre aquilo que se é no “mundo físico” e aquilo que se divulga no “mundo *online*” (MARTINO, 2014, p.58). Mesmo com a dificuldade de determinar com precisão o nível de influência entre um e outro, é inegável que tal relação exista. A noção de midiaticização, discutida anteriormente nesse trabalho, aborda os impactos das interações no ambiente midiático das redes sociais sobre a sociedade. Muniz Sodré, no seu livro já citado *Antropológica do espelho*, argumenta que o *bios* midiático produz um espaço de tecnointerações que afeta a construção das identidades no sentido de suprimir a sua espontaneidade, substituindo-a por uma objetivação típica dos contatos intermediados pela Internet. Sodré fala em um *tecnonarcisismo* estimulado no ambiente *online* que afasta o indivíduo o reconhecimento da alteridade. Essas alterações não se limitam ao ambiente virtual, mas extrapolam, também, para o ambiente real (SODRÉ, 2013, p.158).

Em um trabalho que trata das redes sociais, Fernanda Bruno aborda o modo como essas tecnologias interferem na maneira como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam a sua identidade. O ator da rede social opera em um regime de exposição que resulta em um esforço de autovigilância na busca pela divulgação de conteúdos sobre sua vida e, principalmente, na aceitação desse material – que se torna, de alguma forma, sua própria identidade (BRUNO, 2004). Em sua argumentação, Bruno utiliza as ideias de Michel Foucault sobre o governamentalidade que atua através da vigilância e de estratégias de construção das subjetividades. O resultado dessas relações é uma inversão em que o virtual atua sobre o real no ordenamento das condutas, ou seja, o perfil *online* exerce grande influência sobre o sujeito real e não o contrário.

As análises tanto de Muniz Sodré, quanto de Fernanda Bruno, também destacam a influência do capitalismo neoliberal sobre os processos de interação *online* – o “*bios* do mercado” –. A busca pela autovalorização é norteadora das relações no espaço das redes sociais e, por isso, muitas vezes os atores são pressionados a agir debaixo de uma razão objetivada, instrumental⁴⁵. No YouTube, esse componente assume uma proporção ainda

⁴⁵ É importante ressaltar que a TV já fez isso anteriormente. Os apresentadores dos programas de TV são fabricações de uma equipe, estão inseridos em um contexto de encenação roteirizada – ao menos em algum

maior devido à profissionalização das atividades dentro do domínio, que podem ser monetizadas tornando-se um negócio bastante lucrativo. Esses profissionais da plataforma são conhecidos como *youtubers*.

O século XXI introduziu o uso de nomenclaturas como *blogueiro*, *tuiteiro*, *instagramer* e *youtuber* para tratar das pessoas famosas que utilizam as diversas plataformas das redes sociais. A notoriedade desses perfis em relação aos demais usuários é consequência do seu número elevado de seguidores – pessoas que acompanham a sua produção *online* – o que os torna habilitados a influenciarem uma multidão de pessoas, sendo, por isso, também conhecidos como *influenciadores digitais* (DIAS, 2023, p.51). De início, as pesquisas em Comunicação que tratavam dos influenciadores digitais, buscavam entender o seu papel no universo das redes sociais, contudo, devido à combinação entre os espaços *online* e *off-line* que caracteriza a sociedade contemporânea, existe uma preocupação em desvendar, também, as novas áreas de influências dessas figuras no espaço fora da internet (KARHAWI, 2016, p.41).

A trajetória de um influenciador digital, geralmente, começa a partir das atividades de um usuário comum das redes sociais. Existe uma facilidade promovida pelas novas mídias digitais, que permitem a qualquer usuário a possibilidade de ser, também, um produtor de conteúdo. Segundo Isaaf Karhawi em seu estudo sobre o tema, os influenciadores produzem “conteúdos temáticos com frequência e credibilidade” (KARHAWI, 2016, p.41). Assim sendo, logo deixam de se comportar como um usuário comum e passam a agir como uma mídia, ou uma empresa – muitas vezes, inclusive, sendo assessorados por uma equipe na construção de sua identidade *online*. Diante da infinidade de informações disponíveis no ambiente das redes, os influenciadores se tornam uma autoridade sobre determinado assunto, assumindo o papel de curadores da informação devido à sua credibilidade, reputação e prestígio (KARHAWI, 2016, p.43).

É o caso de Thiago Nigro. Um jovem que trabalha no mercado financeiro e que decidiu compartilhar informações sobre o mundo das finanças para as pessoas comuns, em uma linguagem acessível e de forma gratuita. Com o passar do tempo, o seu público foi aumentando e a sua atividade foi se profissionalizando, inclusive, tornando-se um ofício

nível. Tais figuras afetam o comportamento de seus espectadores, basta observar o apelo publicitário desses atores. Contudo, as novas tecnologias convertem o indivíduo comum em produtor de conteúdo, aumentando exponencialmente as possibilidades de interferência, através de uma teia de relações que existem no espaço *online*. É esse processo de aumento excepcional da influência que é abordado por Muniz Sodré e Fernanda Bruno.

bastante lucrativo. Desse modo, Nigro se torna um influenciador, ou seja, uma autoridade para o público quando se trata de economia e finanças.

A atividade desenvolvida por Nigro, e tantos outros, nas redes sociais, está bem ajustada a uma etapa de desenvolvimento do capitalismo que é denominado pelos estudiosos das Ciências Sociais de informacional. Uma fase que tem valorizado o setor de serviços, em que o produto mais valorizado é a informação, o conhecimento, o imaterial. Além disso, o influenciador digital é um sujeito do trabalho flexibilizado, participante das novas formas de trabalho propostas dentro do neoliberalismo. Empreendedor do seu canal, que representa a si mesmo e ao seu negócio, está inserido em uma cultura individualista, mas que assume os riscos da desregulamentação. Eles não possuem estabilidade, são sujeitos do trabalho plataformizado (DIAS, 2023, p. 54).

Contudo, a característica mais importante da atividade do influenciador digital, dentro do escopo desse trabalho, é a maneira como transforma o sujeito em empresa e mercadoria. Isaaf Karhawi utiliza o termo *Eu como uma commodity* para explicar o fenômeno. Nas palavras da autora:

E se o Eu passa a ser mostrado e compartilhado ele também pode ser comercializado. Quando um internauta comum se torna um influenciador digital – agregando públicos (consumidores) específicos ao redor da imagem que exibe e do conteúdo que produz – sua imagem passa a ter valor de troca. Ela se torna a moeda de negociação entre influenciadores e empresas/marcas (KARHAWI, 2016, p.50-51).

Gisela Castro, no artigo intitulado *Entretenimento, sociabilidade e consumo nas redes sociais: cativando o consumidor-fã*⁴⁶, trata das transformações no universo do *marketing* e consumo causados por essa nova dinâmica das redes sociais e aponta que

[...] a consolidação da integração multimidiática decorrente da convergência digital e das transformações culturais em curso enseja a figura do internauta como interator e favorece novos modos de sociabilidade e hábitos de consumo [...] destaca-se o interesse permanente pela articulação entre mídia e consumo na produção de modelos de subjetividade compatíveis com as demandas de mercado (CASTRO, 2012, p.135).

Os apresentadores de canais de YouTube, como Thiago Nigro, estão sob esse cálculo, o que os leva a atuar debaixo de uma estratégia que visa a autopromoção de seus perfis. Só que os espectadores do canal também são produtores de conteúdo, mesmo que atuando sobre

⁴⁶ É interessante a escolha do termo utilizado pela autora para identificar o seguidor das redes sociais. A expressão consumidor-fã explicita o elemento mercadológico do público que acompanha algum trabalho no ambiente das redes sociais.

um pequeno ciclo de atores – às vezes família e amigos –, eles realizam as mesmas atividades no espaço das redes sociais e, conseqüentemente, agem debaixo da mesma lógica. O resultado é uma forma de comunicação que fica comprometida, afetada por uma razão mercadológica de autodivulgação, de propaganda. Uma característica que tem sido percebida pelos estudiosos da midiatização citados nesse trabalho, como Muniz Sodré, Antônio Fausto Neto, Dênis de Moraes, Alex Primo entre tantos outros.

O segundo elemento fundamental de uma rede social, de acordo com o estudo de Recuero, é a conexão. Nas palavras da autora,

[...] as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos (RECUERO, 2009, p.30).

Compreendendo o objeto da maioria dos trabalhos sobre redes sociais, as conexões são os laços entre os diversos atores que ocupam o espaço virtual, que estão disponíveis através dos registros produzidos por essas interações – como um comentário escrito em um *blog* que fica disponível a qualquer usuário. Essas interações dentro do espaço virtual têm como característica o seu caráter relacional, ou seja, a troca entre dois indivíduos e os efeitos gerados por esse contato em cada um deles e, além disso, o modo como o seu registro na Internet pode afetar as relações entre outras pessoas, constituindo um processo aberto (MARTINO, 2014, p.57).

Outras particularidades das conexões são decorrentes das ferramentas de comunicação utilizadas. A primeira delas é o anonimato de seus atores, que não se dão a conhecer imediatamente, pois tem seu contato mediado por tecnologia. Uma segunda, também derivada da mediação tecnológica, é que as interações podem ser síncronas ou assíncronas. Por exemplo, em um *chat*, duas pessoas podem conversar ao mesmo tempo, dessa forma, os agentes envolvidos possuem uma expectativa de resposta imediata, como em uma conversação. Por outro lado, nas relações assíncronas é normal a espera pela resposta, devido ao espaço de tempo entre “pergunta e resposta”, o que implica em fenômenos como aquele em que a mensagem perdeu sua importância no momento em que está sendo vista devido ao intervalo entre a sua emissão e recepção (RECUERO, 2009, p.32). Os canais de YouTube, consistem em uma ferramenta que origina uma relação assíncrona. A distância temporal entre a produção do vídeo e a sua visualização pode ser de minutos, mas também de horas, dias ou até anos.

A diversidade de plataformas que se utiliza é outro componente que afeta a qualidade das conexões. Recuero cita o trabalho de Alex Primo e destaca uma tipologia das interações que podem ser denominadas *mútuas* ou *reativas*. A interação mútua é aquela em que cada integrante participa ativamente na comunicação, como em um diálogo no *chat*, enquanto que a interação reativa limita a participação dos atores no processo. Isso ocorre porque as ações dos atores são definidas previamente pelos recursos de cada plataforma, seja o recurso de um botão que demonstre que a mensagem foi bem recebida, como é o caso do botão curtir presente em diversos sites de redes sociais, ou até restrições quanto à elaboração de um comentário. De modo geral, interações reativas constituem laços sociais mais simples e superficiais, cabendo às interações mútuas a construção de relações mais complexas e profundas (RECUERO, 2009, p.33-34). Existem diversos estudos que tratam da intensidade dos laços suportados pela Internet, se seriam superficiais ou profundos e o que se percebe é a multiplicidade de possibilidades que o ambiente virtual suporta. O público do canal *O Primo Rico* interage através das ferramentas do YouTube, em um formato reativo e aparentemente superficial, contudo ao observar os comentários que marcam essas interações percebe-se que existe profunda admiração e impacto da mensagem do canal sobre alguns usuários que se sentem bastante transformados por Thiago Nigro. Dessa forma, as generalizações são bem difíceis.

Por fim, as redes sociais são definidas pelo caráter horizontal de suas relações, desprovidas de uma hierarquia rígida (MARTINO, 2014, p.55). Tendo acesso a um dispositivo conectado à internet, ou a uma câmera de vídeo do tipo integrada aos aparelhos celulares, todos são igualmente capazes de expressar suas ideias através da plataforma, seja através da escrita de um comentário ou da produção de um vídeo. Essa característica, inclusive, é bastante divulgada, servindo como grande trunfo entre os sites de redes sociais em comparação com outros veículos de comunicação. Contudo, é preciso cuidado com essa afirmação, pois a realidade tem se mostrado bastante diferente. Martino cita em seu estudo sobre o tema que existe grande concentração de atividades nos domínios de determinados atores, que tem uma voz muito mais extensa do que a esmagadora maioria dos usuários (MARTINO, 2014, p.80). Parte do sucesso desses atores é fruto de uma estrutura profissional de produção e impulsionamento dos conteúdos divulgados, reproduzindo o modelo de concentração característico das mídias mais tradicionais. Canais como *O Primo Rico*, possuem uma equipe qualificada, que envolvem etapas de roteirização, produção, edição e, igualmente importante, *marketing* e divulgação que ajudam a ampliar o seu impacto.

A caracterização das redes sociais e do YouTube permite sustentar a ideia de que a comunicação no âmbito da midiatização tem potencializado a construção de um modo de vida baseado em uma lógica em que o sujeito se reconhece como empresa. Uma cosmovisão, que como visto anteriormente, encontra raízes no pensamento neoliberal em franca expansão ao redor do mundo. Thiago Nigro é o modelo de homem empresa de que falavam Christian Laval e Pierre Dardot. Contudo o foco desse trabalho não é a sua pessoa, mas a mensagem divulgada em seu canal do YouTube. Atuando no segmento da educação financeira, Nigro, ao mesmo tempo em que ensina alguns fundamentos da economia doméstica, buscando ajudar as pessoas a ter uma vida econômica saudável, propaga valores que coincidem com a mensagem neoliberal que defende a busca irrestrita pelo lucro, a concorrência entre os sujeitos, a autorresponsabilização além de um pacote político-econômico em prol da desregulamentação das relações de trabalho e redução do Estado social. O tópico a seguir introduz a trajetória de Thiago Niro para, em um último momento desse capítulo, analisar a sua produção do ano de 2020, em busca de identificar o modo como tais valores são abordados em seu canal e, como, dialogam com o contexto trágico da pandemia da Covid-19.

3.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL E A TRAJETÓRIA DE THIAGO NIGRO NA INTERNET

O assunto dinheiro consiste em tabu no Brasil. De acordo com dados do Ibope publicados no jornal *O Estado de São Paulo*⁴⁷, poucos brasileiros falam sobre finanças em ambiente familiar. Esse dado ajuda a explicar porque a educação financeira não é muito praticada no país, como revela a pesquisa sobre o tema realizada pela *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey*⁴⁸. Nela o Brasil figura em 74º lugar, ao lado de países muito mais pobres como Togo ou Zimbábue.

Contudo, existe um esforço para transformar essa realidade, ampliar a difusão de informações sobre o assunto e ensinar a população a valorizar o seu dinheiro. Segundo analistas e consultores financeiros das principais assessorias do país⁴⁹, este movimento é impulsionado por uma série de fatores que coincidem com a ascensão do neoliberalismo no

⁴⁷ Publicação do dia 24/04/2020.

⁴⁸ *Pesquisa Global de Educação Financeira* realizada em 2019 pela divisão de ratings e pesquisas da *Standard & Poor's*.

⁴⁹ Informações apuradas através de matérias da *Revista Forbes* do dia 27/05/2021 disponível em seu site e da *Revista Exame* publicada em 11/07/2021.

Brasil. Dentre eles, as reformas trabalhista e previdenciária⁵⁰, que motivam as pessoas a procurarem algum tipo de “plano de seguridade” para suas vidas; o crescimento das *fintechs* ou empresas que oferecem serviços de investimento para as pessoas comuns impulsionando a desregulamentação do fluxo de capitais e, por fim, a crise econômica advinda desde o fim do governo Dilma Rousseff e que foi agravada pela pandemia global da Covid-19. Além do setor privado, o governo federal também tem contribuído e incluiu em 2018 a educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que ocasionou a parceria do MEC com a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para a criação do programa *Aprender Valor*, que capacita as escolas para a inserção do tema em sua grade.

Apesar da iniciativa de empresas e governo, as principais fontes de informação sobre educação financeira no Brasil são informais e vêm através dos meios de comunicação. Uma pesquisa de 2018, intitulada *Hábitos Financeiros dos Brasileiros*⁵¹, aponta que programas de TV são a principal fonte de informação sobre o assunto preferida por 26% das pessoas, seguida pelo YouTube, com 25% e as demais redes sociais com 23%. A relevância da internet como fonte de informação sobre o tema no país desperta a curiosidade sobre o modo como o assunto é tratado em um espaço de comunicação tão novo. Contudo, na impossibilidade de observar todo o ecossistema midiático sobre educação financeira, a análise de um canal do YouTube, um veículo bastante acessado e, também, ajustado ao cenário da comunicação através da Internet, consiste em uma tarefa possível e que dialogue com algumas questões que tem ocupado os estudos da Comunicação atualmente. Dessa forma, o canal de Thiago Nigro, *O Primo Rico*, foi escolhido devido à relevância dentro do segmento. A observação de sua trajetória a seguir constitui em um último passo antes da análise de sua produção.

Nascido em uma família paulistana de classe média alta, Thiago Lolkus Nigro estudou Relações Internacionais, mas seu sonho era trabalhar no mercado financeiro. Iniciou como assessor de investimentos e, em 2015, abriu sua própria empresa, um escritório de assessoria de investimentos chamado *M. Nigro*. O empreendimento prosperou e, em 2017, Nigro vendeu

⁵⁰ Elaboradas em 2017 durante o governo de Michel Temer, essas reformas tiveram efeitos nefastos para as classes populares. A reforma trabalhista consiste em um conjunto de alterações na legislação trabalhista que flexibilizaram os direitos e reduziram as garantias e estabilidade do trabalhador, acarretando em um panorama de aumento da informalidade encabeçada pelos processos de plataformização do trabalho. Enquanto isso, a reforma previdenciária aumentou o tempo de contribuição dos trabalhadores comuns e reduziu o valor médio dos benefícios calculados.

⁵¹ Produzida para a *Ricam Consultoria Empresarial*. A Google também participou recentemente da realização de outra pesquisa denominada *A Relação do Brasileiro com Dinheiro*, que aborda diferentes aspectos sobre o tema no país e apontam para o aumento do interesse geral sobre o tema.

a sua parte no negócio, passando a dedicar-se exclusivamente à produção de conteúdo na área de finanças através de um canal no YouTube.

O canal *O Primo Rico* foi criado em 2016 e começou de forma bastante amadora. Em seus primeiros vídeos, Nigro gravava da sala de seu escritório no trabalho. A ideia de produzir conteúdo voltado para a área de investimentos veio através do incentivo de sua namorada na época, Camila Ferreira, que cursava cinema e achava que Nigro era bastante desenvolvido para tratar do assunto na frente de uma câmera. Durante esse tempo, os dois eram responsáveis por todo o processo de elaborações dos vídeos que eram postados no canal, ou seja, roteiro, gravação, edição e publicação na rede. Com o passar do tempo, o canal foi crescendo e, aproveitando-se do contexto de expansão da comunicação digital e ascensão neoliberal no país, em poucos anos, atingiu uma proporção gigantesca tendo mais de 6 milhões de inscritos totalizando um fluxo de 15 milhões de visualizações ao mês.

Atualmente, *O Primo Rico* é parte de um conglomerado no segmento da comunicação chamado *Grupo Primo*. O grupo conta com cerca de 190 funcionários sendo responsável pela produção do seu conteúdo para o YouTube e, também, pela criação em outras plataformas: o *Primocast*, *podcast* sobre negócios e investimentos de Thiago Nigro transmitido semanalmente com a presença de convidados ilustres no universo do empreendedorismo e finanças; a *Finclass*, um domínio de cursos online, que conta com diversas trilhas de formação na área de educação financeira apresentadas por nomes conhecidos do segmento no país – já participaram da plataforma nomes como Luiz Barsi Filho, Guilherme Benchimol, Felipe Miranda, Nathália Arcuri, entre outros –; a publicação de algumas obras impressas, como *Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho* (2018), livro que figurou entre os mais vendidos do país nos últimos anos, totalizando mais de 200 mil unidades; *Método financeiro do primo rico* (2020) e uma obra em quadrinhos em parceria com Maurício de Souza voltada para o público infantil chamada *Como cuidar do seu dinheiro* (2020)⁵².

⁵² As informações acerca da trajetória de Thiago Nigro estão disponíveis em diversas matérias de jornais e revistas – *O Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Exame* e *Veja*. Alguns desses links estão listados na enciclopédia online *Wikipedia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thiago_Nigro.

Figura 1 – Vídeo de apresentação – Canal *O Primo Rico*, exibido 14 de fevereiro de 2016



Fonte: Site YouTube⁵³

Segundo o próprio Thiago Nigro, o objetivo do canal *O Primo Rico* é auxiliar as pessoas a alcançarem a tão sonhada “independência financeira”⁵⁴. Nigro acredita que “dinheiro traz felicidade” e defende que as pessoas são mais felizes quando gastam melhor o seu dinheiro e tem a capacidade de poupar⁵⁵. Para tanto, afasta-se de fórmulas fáceis e enfatiza a necessidade de informação, disciplina e persistência – destacando o discurso neoliberal da meritocracia de que “nada vem fácil”. Dessa forma, o canal cumpre o papel de apresentar um caminho para aqueles que pretendem enriquecer, ensinando sobre organização das finanças pessoais, investimentos e sucesso no mercado de trabalho.

Uma característica importante para o sucesso do canal é o seu esforço em divulgar o conteúdo, que é conhecido pelo senso comum como difícil ou confuso, de maneira acessível. Thiago Nigro é carismático – chama aos espectadores de “primos” em referência a aquele familiar rico que “todo mundo tem” – e busca utilizar um vocabulário acessível. Seu visual é bastante informal, algo que rende até algumas piadas entre os comentários, especialmente, no que diz respeito a uma barba que está por fazer ou um cabelo que está grande demais. Além disso, está vestido sempre com roupas confortáveis, como camisetas e moletoms acompanhados por tênis e, até, chinelos. Tudo isso aproxima o apresentador do universo

⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zajd9uS05ms&t=55s>.

⁵⁴ Por independência financeira entende-se o sujeito que possui capital investido e dividendo que podem sustentá-lo sem a necessidade de trabalho.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GumtyL9Sji8>.

comum do espectador – um elemento importante para o sucesso dos produtos de mídia da Internet (KARHAWI, 2016). Contudo, não abandona o uso de termos muito comuns entre empresários e economistas, além de uma série de referências a grandes nomes do capitalismo – Warren Buffet, Napoleon Hill, Bill Gates, Jeff Bezos e tantos outros são comumente citados no canal –, o que confere mais autoridade e substancialidade à informação divulgada pelos vídeos.

Apesar do sucesso, Thiago Nigro não é o único influenciador digital de finanças em alta no país. Aliás, este é um segmento da comunicação digital em franca expansão nos últimos anos. Alavancada pelas medidas neoliberais no mundo do trabalho, na previdência e pela facilidade de atuar no mercado financeiro através dos aplicativos de bancos, a atuação dessas pessoas cresceu muito nos últimos anos⁵⁶. Contudo, o grupo de influenciadores de finanças é bastante heterogêneo. Nem todos comunicam diretamente com o público sob uma ótica de defesa do neoliberalismo atual. Como exemplo dessa diversidade existe a Nathália Rodrigues de Oliveira, do canal *Nath Finanças*, com 341 mil inscritos e que traz uma mensagem voltada para as pessoas de baixa renda. Essa particularidade pode ser percebida na diferença do conteúdo dos vídeos, linguagem utilizada e, principalmente, na visão de mundo da apresentadora. Outro nome bastante conhecido e que possui uma abordagem do tema muito diversa se comparada à de Thiago Nigro, é o economista Eduardo Moreira, do canal homônimo, com 1,02 milhões de inscritos. Moreira também é comentarista dos programas do Instituto Conhecimento Liberta (ICL), um canal de notícias com posicionamento político de esquerda presente no YouTube e outras plataformas digitais.

O tópico a seguir traz uma análise dos vídeos do canal *O Primo Rico* produzidos no decorrer do ano de 2020. A escolha por esse recorte temporal deve-se à pandemia da Covid-19. No meio de uma pandemia global, que impactou tão severamente a vida de tantas pessoas que sobreviveram a tal tragédia, além de exemplificar os elementos de uma subjetividade neoliberal presente nos vídeos do canal, seria possível observar de que forma o desastre da pandemia da Covid-19 afetaria a mensagem do canal. Como o assunto seria tratado? De que forma ela poderia impactar o modo de vida do sujeito em busca do enriquecimento pessoal? Responder a essas questões é, também, um objetivo desse exame. Diante da inviabilidade de realizar uma descrição de todo o material elaborado nesse período, optou-se por uma

⁵⁶ Dados divulgados pelo portal Valor Investe, do grupo Globo, apontam para um crescimento de mais de 23% no público entre 2020 e 2021, evidenciando uma demanda da população por esse tipo de conteúdo no país. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2022/02/24/no-mundo-digital-influenciadores-de-investimentos-ganham-36-seguidores-por-minuto-em-2021.ghtml>

amostragem contendo seis vídeos diferentes, escolhidos devido à presença maior do ideário neoliberal em seu conteúdo.

3.3 O *HOMEM EMPRESA* EM MEIO À CRISE: A DEFESA DA SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL NO CANAL *O PRIMO RICO*

A análise dos vídeos divulgados pelo canal *O Primo Rico*, no ano de 2020, possui uma demanda específica. O que se espera, ao observar a produção do canal, é descrever como os valores de uma subjetividade neoliberal foram abordados em meio aos ensinamentos sobre educação financeira. Todo o trabalho de caracterização da conjuntura e da mídia que constitui esse objeto de estudo procurou identificar relações entre ele e a ascensão do neoliberalismo no mundo contemporâneo, como forma de sustentar a busca por tais elementos dentro do material.

A opção por esse caminho tem como fundamento principal a *hermenêutica de profundidade* de John B. Thompson. A hermenêutica de profundidade consiste em uma metodologia de análise das formas simbólicas que leva em consideração o contexto sócio-histórico de produção dos materiais analisados. Para Thompson, toda mensagem é um “produto contextualizado” e a elucidação dos elementos do contexto contribuem com a sua compreensão mais profunda. Seja uma criação da mídia ou um livro científico, uma poesia ou um discurso político, toda forma simbólica está inserida em um complexo de diversidade, disputas, particularidades que precisam ser levadas em conta por seu intérprete. No caso do canal *O Primo Rico*, fundado em 2016, o seu desenvolvimento e sucesso acompanham o movimento de ascensão neoliberal na política, economia e, também, através dos novos processos comunicacionais advindos das redes sociais⁵⁷.

Após a etapa de *análise sócio-histórica*, que trata da reconstrução das condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção da mensagem (THOMPSON, 2011, p.366), chega-se a *análise formal* do objeto, ou seja, a interpretação dos vídeos do canal.

No ano de 2020, foram produzidos 89 vídeos, divulgados periodicamente totalizando uma média de dois vídeos por semana. Devido à pandemia da Covid-19 e seus

⁵⁷ Ademais, John B. Thompson cita a importância de observar as instituições e meios de comunicação para se pensar as transformações na sociedade moderna. Para o intelectual britânico, a realidade “está cada vez mais mediada por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica” (THOMPSON, 2011, p.21). Entendendo a cultura como um conjunto de mediações capaz de dar sentido a realidade e inserindo a mídia nesse conjunto de mediações, Thompson elabora uma metodologia de análise voltada para o estudo da comunicação com o intuito de melhor compreender a realidade social.

desdobramentos sobre a economia global, muitas vezes foram produzidos vídeos diários, em uma espécie de cobertura do cenário econômico global e seus impactos sobre o mundo financeiro. Através da observação de todo o material, os vídeos foram organizados em categorias de análise. O fundamento das categorias é temático, classificando os vídeos de acordo com o assunto tratado. A utilização do critério semântico de categorização permitiu a organização de três grupos principais, que são apresentados na tabela abaixo⁵⁸.

Tabela 1 – Categorias de análise

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Educação financeira	Essa categoria aponta para o ensino sobre investimentos. Aqui são apresentados produtos do mercado financeiro, simulações de investimentos, critérios que devem ser considerados na hora de escolher um produto de investimento. O objetivo é a elaboração de uma estratégia que multiplique o capital, visando o máximo lucro possível. A prevalência do critério econômico sobre qualquer outro que possa influenciar na opção por determinado produto de investimento é fundamental.
Análise de conjuntura	Faz uma análise do cenário econômico nacional e internacional. Muitas vezes, a leitura de uma notícia aparece como forma de apresentação do tema que será discutido. Acontecimentos de ordem política e social podem ser analisados buscando o seu impacto sobre a economia e, conseqüentemente, o patrimônio do sujeito.

⁵⁸ Na produção do ano de 2020 do canal *O Primo Rico*, existem outras 3 modalidades de vídeos que foram excluídas da categorização por não dialogarem com o formato dos vídeos do canal. Trata-se de um documentário dividido em duas partes chamado *O código da riqueza*; um *reality show* dividido em 7 episódios, chamado *Desafio 777* e, por fim, uma *live*, formato que se tornou bastante popular na internet no contexto de distanciamento social durante a pandemia .

Empreendedorismo	Apresenta princípios, sugestões e atitudes que podem levar ao sucesso profissional e enriquecimento pessoal. Aqui o exemplo de pessoas bem-sucedidas pode ser utilizado como inspiração de conduta. Dentre as habilidades mais valorizadas, estão aquelas que compõem o modelo de flexibilização do trabalho, tais como capacidade de se adaptar, iniciativa, sacrifício pessoal, persistência, economia entre outras.
------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Thiago Nigro tem como missão a formação de sujeitos capazes de enfrentar os desafios do mundo do trabalho e enriquecerem. Por isso sua produção aborda diferentes espectros da realidade econômica, extrapolando o caráter essencialmente técnico da apresentação de produtos do mercado financeiro. A organização de seus vídeos em três categorias temáticas, como observado acima, explicita essa característica do canal. É fundamental conhecer sobre finanças e diferentes modalidades de investimento. Esse é o ponto de partida e, certamente, o assunto que atrai muitas pessoas para o canal, contudo, para conseguir investir bem, é preciso uma compreensão da realidade econômica que identifique as causas por trás de todo movimento de valorização e desvalorização de ativos, os motivos que podem levar à crise ou à prosperidade. E, por fim, não pode faltar ao investidor uma atitude pessoal adequada no espaço do trabalho. As categorias educação financeira, análise de conjuntura e empreendedorismo, contemplam essa totalidade formativa que é objetivo de Thiago Nigro em sua comunicação, mais do que vender produtos, Nigro espera formar sujeitos ajustados ao modelo capitalista neoliberal, preparados para o sucesso nesse ambiente. A combinação desses três grupos de vídeos explicita o empenho de subjetivação dentro do seu conteúdo, aproximando-o dos debates realizados previamente sobre o assunto.

No processo de elaboração desse trabalho, todos os 89 vídeos produzidos foram assistidos e registrados. Contudo, a anexação de todos esses apontamentos tornaria o texto demasiadamente extenso e, até, cansativo – além disso, muitos vídeos são semelhantes, o que deixaria o texto repetitivo. Por isso optou-se pela seleção de dois vídeos de cada categoria. O critério para a escolha das produções escolhidas também é temático, buscou-se os vídeos que melhor contribuem para a identificação de elementos da subjetividade neoliberal dentro do

canal, ou seja, que apresentam o ideário neoliberal de modo mais explícito. A tabela a seguir exibe os vídeos selecionados.

Tabela 2 – Vídeos explorados na análise parcial

DAT A	TÍTULO	CATEGORIA	LINK
20/03	<i>A melhor oportunidade de da década?</i>	Análise de conjuntura	https://www.youtube.com/watch?v=p2TZpro1cYA&t=446s
26/03	<i>Como investir bem na crise!</i>	Educação financeira	https://www.youtube.com/watch?v=2Sj9Hj1WXis&t=22s
08/10	<i>3 técnicas que qualquer pessoa pode usar para ganhar dinheiro</i>	Empreendedorismo	https://www.youtube.com/watch?v=B4c0rYEHdrY
10/12	<i>Como sair do salário mínimo e juntar 10 mil reais! (de forma prática)</i>	Empreendedorismo	https://www.youtube.com/watch?v=N271eJ2V0EE&t=65s
15/12	<i>O mundo derretendo e o Ibovespa</i>	Análise de conjuntura	https://www.youtube.com/watch?v=gI1izJbzcHs

	<i>bombando, o que aprendi com a crise de 2020</i>		
31/12	<i>Como investir para viver de renda com fundo imobiliário 31/12</i>	Educação financeira	https://www.youtube.com/watch?v=3JqeEYMgu8Q

Fonte: Elaborado pelo autor

O material observado evidencia que, para Thiago Nigro, a vida é como um grande *business*. Em suas palavras é possível identificar diversos preceitos do universo neoliberal, tais como: “tempo é dinheiro”, “tudo é uma questão de preço”, “quem se esforça sempre alcança”. Lembrando a figura do puritano capitalista descrito por Weber, Nigro mistura o elogio do mercado à defesa da disciplina e sacrifício pessoal como caminhos infalíveis para o sucesso – lê-se enriquecimento. Tudo isso com descontração e cordialidade. Thiago Nigro possui um carisma pautado pela suavidade do tom de sua voz e mesmo sendo bastante radical em suas ideias, não as transmite de modo agressivo.

A aversão ao Estado, crítica bastante comum por parte dos defensores do neoliberalismo, é outro elemento de sua produção. Em um ano pautado pela falta de renda daqueles que ficaram impedidos de trabalhar por causa do distanciamento social e outras medidas de combate à Covid-19, Nigro não consegue reconhecer o valor das políticas de renda mínima como o Auxílio Emergencial. O silêncio de Nigro em relação a essa e outras práticas do Estado que foram fundamentais para o enfrentamento da pandemia diz muito sobre uma visão de mundo que supervaloriza o indivíduo em detrimento do social.

Em sua ortodoxia neoliberal, Nigro mantém os pilares de sua visão de mundo inabalados diante da Covid-19 – entre as grandes mudanças em sua conduta causadas pela pandemia, destaca a aplicação de uma “reserva de emergência” – termo utilizado para indicar uma poupança de segurança do trabalhador – duas vezes maior, o aumento das atividades de *home office* e reuniões *online*. No canal, a pandemia não é uma oportunidade de repensar

qualquer traço da organização da sociedade, mas uma oportunidade de negócio. De bons negócios. Discutir o aumento da pobreza, da informalidade, que levou milhões de pessoas às filas de benefícios do governo, por não terem um registro de trabalho, ou o aumento do crescimento do patrimônio dos milionários no mundo não é possível no canal.

Quanto ao impacto da pandemia da Covid-19 sobre o conteúdo do canal, dois preceitos se destacam: 1. Toda crise é uma oportunidade. Por isso é fundamental estar sempre pronto para aproveitar. 2. Ao sujeito que busca enriquecer é preciso transformar sonhos em metas dotadas de estratégia e agir debaixo desses planos. A pandemia pode exigir que se mude algo, recalcule rotas, contudo não retira do sujeito a responsabilidade por seu fracasso ou sucesso social. A conclusão é que não existe lugar para ações mal planejadas, pois o dinheiro não permite tais levandades.

3.3.1 Análise: A *melhor oportunidade da década*?

O primeiro vídeo do canal que cita a pandemia da Covid-19 foi divulgado no dia 20 de março de 2020. O seu título, *A melhor oportunidade da década?*, é uma síntese da maneira como os valores neoliberais atuam sobre a percepção da realidade. Todo vídeo do canal inicia com uma chamada feita por Thiago Nigro, que aponta para o tema que será tratado, seguindo uma vinheta e, daí, o início da apresentação. No caso desse material, existe uma observação muito enfática de que o vídeo está tratando do tema da Covid-19 essencialmente sob o aspecto econômico, de um investidor, e que lamenta toda a tragédia que está acontecendo. A sinceridade da preocupação de Nigro com as consequências sanitárias da pandemia não exclui a percepção de que o tratamento dado ao tema é um tanto desprovido de humanidade e, com certeza diz muito sobre a cosmovisão neoliberal que atravessa todo o material produzido nesse período.

Figura 2 – Trecho do vídeo: *A melhor oportunidade da década?*



Fonte: Site YouTube⁵⁹

Num segundo momento, ainda introduzindo o tema do vídeo, Thiago Nigro cita diversos nomes do mercado financeiro que estão comentando sobre a pandemia da Covid-19 em uma linha parecida com a do apresentador. Uma ferramenta bastante utilizada pelo canal é a apresentação de figuras que servem de modelo para as lições exibidas – geralmente grandes nomes do mundo empresarial e financeiro. Chama a atenção a quantidade de sujeitos que, assim como Nigro, percebem na pandemia uma grande oportunidade para o investidor. Uma dessas falas pertence ao gestor de portfólio – espécie de consultor de investimentos – Luiz Fernando Alves Jr. da empresa de fundos multimercados Versa Asset Management, em que diz: “provavelmente, quando tudo isso passar, veremos esse *sell-off* como a grande oportunidade da nossa geração”.

Gravado no estúdio do canal – nesse ano, a maioria dos vídeos foi gravada no estúdio, com exceção de algumas transmissões realizadas no apartamento de Thiago Nigro – esse vídeo utiliza a trilha como ferramenta na produção de sentido, uma música mais tensa, dialogando com o tema abordado pelo apresentador. Algo que é acompanhado pela seriedade das palavras do apresentador, que se abstém das brincadeiras e do bom humor que são comuns no canal.

O principal argumento utilizado para tratar da pandemia da Covid-19 nos vídeos do canal *O Primo Rico* no decorrer do ano de 2020 pode ser resumido na palavra oportunidade.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p2TZpro1cYA&t=446s>.

Fruto de uma razão neoliberal que enxerga a realidade como um grande mercado, ao sujeito é fundamental a habilidade de identificar situações de perdas e ganhos. E nesse ponto a pandemia é uma grande oportunidade de negócios. O clima desesperador leva muitos acionistas a venderem seus títulos, forçando uma queda artificial dos mesmos, que podem recuperar valor em pouco tempo, recompensando àqueles que agiram racionalmente. O homem empresa de Dardot e Laval entra em ação e, apesar de toda a tragédia que envolve a pandemia, ela deve ser encarada como uma possibilidade para aquele que busca o enriquecimento pessoal (DARDOT & LAVAL, 2016). No vídeo, Nigro analisa diversas crises no decorrer da história e o seu impacto sobre a bolsa de valores, demonstrando através da História o argumento de que se trata de uma chance singular.

A noção de desempenho é enfatizada através da imagem do investidor precisa ser racional, que confia na estratégia preparada racionalmente. Em momentos de crise, muitas pessoas se desesperam e, por isso, perdem dinheiro. É preciso cautela e não agir de maneira impulsiva. O vídeo chama o espectador à importância da tomada de decisão com base em argumentos racionais, matemáticos. O vídeo, inclusive, traz um pouco dessa gravidade e seriedade com uma trilha e expressão um pouco mais tensa do que o normal.

Thiago Nigro se coloca como exemplo para validar todos os ensinamentos da produção. Mais uma estratégia muito presente no canal e que coloca Nigro como modelo a ser seguido. Aqui é possível observar os elementos do *influencer*, ou seja, o sujeito que vende a si mesmo, ao seu modo de vida dentro do canal (KARHAWI, 2016). Em suas falas, Nigro dá a impressão de que é paciente e compreende bem a diversidade de maneiras de se viver a vida, contudo, uma observação criteriosa explicita que os seus ensinamentos são, na verdade, uma extensão de sua existência. Aprender com Thiago Nigro é se tornar um pouco mais parecido com ele, com seu modo de pensar a realidade social, a riqueza e a própria vida.

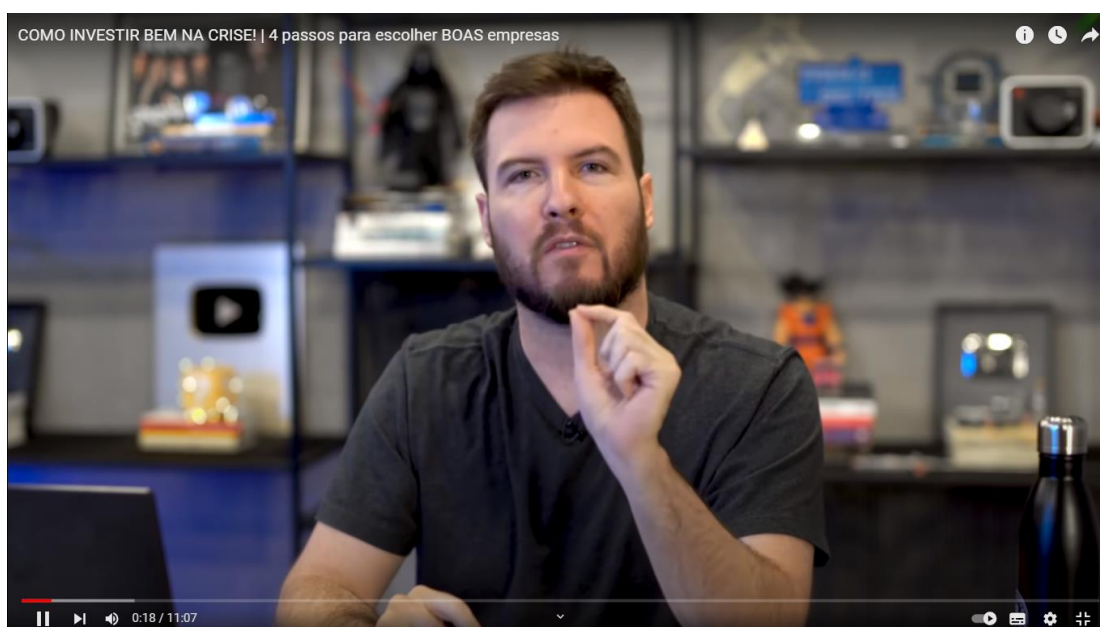
3.3.2 Análise: *Como investir bem na crise!*

Como investir bem na crise! é um vídeo da categoria educação financeira. Os vídeos desse grupo são os mais técnicos e compõem a maioria dentro do canal. Geralmente trazem orientações sobre produtos do mercado financeiro, formas de avaliação dos investimentos, exemplos das práticas de investidores famosos – nessa categoria estão os vídeos em que Thiago Nigro movimentava publicamente sua carteira de investimentos em uma série de vídeos do canal denominada *Rumo ao bilhão*. A utilização de dados, que são projetados, ou de

cálculos matemáticos, exibidos na tela ou realizados em uma lousa, também acompanham as produções dentro dessa categoria.

Thiago Nigro apresenta o vídeo em seu estúdio, local que traz uma decoração bastante jovial, até divertida, repleta de bonecos e objetos que remetem ao universo *geek* e dos videogames. Seu visual também é casual. Nigro aparece comumente utilizando modelos confortáveis como camisetas e moletons – no caso desse vídeo é uma camiseta escura. Durante o vídeo todo o apresentador aparece sentado. A trilha é tranquila, de modo que o espectador não seja distraído, mas levado a, atentamente, aprender aquilo que será apresentado.

Figura 3 – Trecho do vídeo: *Como investir bem na crise!*



Fonte: Site YouTube⁶⁰

Como de costume, Nigro inicia seu vídeo com interações com o público. A estrutura das produções é padrão. Existe uma chamada sobre o conteúdo a ser comunicado, depois é exibida a vinheta do canal *O Primo Rico*. No momento seguinte, Nigro pede para que aqueles que estão vendo o vídeo “deem o *like*”, se inscrevam no canal e, por fim, faz algumas perguntas, e observações sobre os comentários dos espectadores do canal – no caso desse vídeo, ele é apontado como resposta ao pedido de muitos espectadores na sessão de comentários do canal, reforçando a importância do público e o caráter dialógico da produção.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Sj9Hj1WXis&t=22s>.

No material, Nigro apresenta alguns critérios para a escolha de empresas para investimento no mercado de ações. São quatro critérios fundamentais: 1. Baixo endividamento, principalmente de curto prazo; 2. Empresas com um nível de caixa disponível considerável; 3. Empresas com fácil adaptação dos negócios para Internet e 4. Qualidade, não potencial. O vídeo foi publicado no dia vinte e seis de março de 2020, ou seja, bem no início da pandemia da Covid-19 e, por isso, existe uma preocupação fundamental com a maneira como esse acontecimento pode afetar os investimentos das pessoas. Aqui, é possível perceber um dos elementos do comportamento ideal diante da crise, que será repetido em diversos outros vídeos no decorrer do ano, manter uma estratégia racional de ações quando se trata de finanças e investimentos. Não se deixar abalar pelo ambiente externo, mesmo que seja bastante adverso é o desafio daquele que pretende prosperar com seus investimentos – a fórmula do bom desempenho. O papel autoeducador e autodisciplinador que o mercado deve exercer sobre o sujeito aparece como chave para o desenvolvimento pessoal e, em uma dimensão maior, da sociedade. O mercado é um “grande professor”. Esta é uma percepção da realidade sobre o progresso da humanidade que provém do neoliberalismo e que foi observada no desenvolvimento das ideias neoliberais em capítulo anterior (DARDOT & LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008). Os vídeos divulgados pelo canal também estão permeados por essa convicção.

Mas se a realidade é percebida como um grande mercado – que pode ser mais livre ou não –, o empreendedorismo é uma habilidade fundamental. Novamente o sujeito neoliberal. Perceber as oportunidades de bons negócios é o saber sobre todos os outros, na verdade, o único capaz de levar a pessoa ao sucesso e a experiência da pandemia é uma oportunidade de se provar essa afirmação. Ao sujeito neoliberal, os interesses individuais compõem o “verdadeiro motor da história”. Uma triste realidade transformada em lição.

3.3.3 Análise: 3 técnicas que qualquer pessoa pode usar para ganhar dinheiro

Esse vídeo foi gravado em um cenário diferente, criado para a transmissão de algumas *lives*, formato que se tornou bastante popular no ano de 2020. Nele, são ampliados os elementos decorativos que remetem ao universo *gamer*, com diversos fliperamas decorando o ambiente. A caracterização informal, alegre que é vista no “escritório” de Nigro, parece inocente, mas compõe um efeito de sentido interessante. No livro *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*, escrito pelo psicólogo Edgar Cabanas e a socióloga Eva Illouz, é proposta uma análise da “psicologia positiva”, que trata do endosso de uma cultura otimista, que

enxerga sempre o “lado bom da realidade”. O problema apresentado é que essa proposta faz parte de um meio em que o sujeito se torna o grande responsável pelo seu destino, seja sucesso ou fracasso. Porém, alguns efeitos colaterais consistem justamente no aumento da autculpabilização, ansiedade e esgotamento (CABANAS & ILLOUZ, 2022). A alegria do cenário – quase infantil – do vídeo carrega essa mensagem acerca da importância de estar feliz sempre e demonstrar satisfação⁶¹.

Figura 4 – Trecho do vídeo *3 técnicas que qualquer pessoa pode usar para ganhar dinheiro*



Fonte: Site YouTube⁶²

Outro elemento expressivo, a vestimenta de Nigro também merece destaque. Sua camiseta preta com a estampa “5:06 AM”, faz referência ao “Clube das 5h da manhã”, uma espécie de código que defende o acordar muito cedo – às 5 horas da manhã – como estratégia para aumentar o foco e a produtividade. Mais uma das estratégias em favor do aumento do desempenho, que reforça o ambiente competitivo, quase selvagem, em que o ser humano está inserido. Tal “Clube” possui vários adeptos dentro do mundo corporativo, tornando-se uma febre entre *coaches*, empresários e influenciadores de finanças.

⁶¹ Sem propor aqui uma “ode à tristeza” é necessário ressaltar que essa é uma compreensão bastante restrita da felicidade, que é transformada em sensação individual. Além disso, a cobrança pela constância dos bons momentos é infantil. Cabanas e Illouz ressaltam que infelicidades e frustrações fazem parte da condição humana e são valiosas para a construção saudável das identidades que se tornam mais serenas, empáticas, enfim, humanas.

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B4c0rYEHdrY>

No início do vídeo, Nigro caracteriza dois cenários do mundo do trabalho. Um que é chamado “CLT ou funcionário público” e outro que é chamado “empreendedor”. O primeiro cenário é caracterizado, principalmente, por adjetivos negativos. São: 1. Baixa volatilidade; 2. Menos meritocracia; 3. Menos liberdade e 4. Menos escala. É considerado um modelo menos atraente e que não recompensa verdadeiramente o esforço do sujeito, conseqüentemente, não é capaz de produzir a mesma riqueza do segundo cenário.

Apresentado com característica mais positivas, o segundo cenário possui 1. Alta volatilidade; 2. Mais meritocracia; 3. Mais liberdade e 4. Mais escala. Trata-se de uma descrição bastante idealizada do ambiente das *startups*, empresas modernas com locações descoladas, bastante qualidade no espaço do trabalho, algo que difere das principais notícias sobre o setor que estampam os jornais e alertam para a exploração, insatisfação dos funcionários e instabilidade no emprego.

A apresentação dos dois cenários, por si só, já expressam a convicção de que é na categoria flexibilizada do modelo toyotista neoliberal, que o sujeito poderá encontrar a valorização que necessita. Falta um pouco de estatística para o apresentador acerca das situações de precarização que envolvem a “pejotização” tão em alta atualmente.

Num segundo momento do vídeo, Nigro apresenta três técnicas para ganhar dinheiro: 1. Saber vender, esse é o princípio elementar do sujeito que busca enriquecer. Para o neoliberal, toda relação é, fundamentalmente, uma relação econômica, e o empreendedorismo, novamente, é elogiado como conhecimento imprescindível para atingir o sucesso. 2. *The leverage of success*, que consiste em uma espécie de método de avaliação dos problemas que é oriundo do mundo empresarial, mas poderia ser utilizado em qualquer situação desafiadora. Corresponde, basicamente, na realização de quatro perguntas sobre o problema: O quê? Como? Quando? E quem?. 3. *Branding* pessoal. Aqui está em jogo o esforço pela construção de uma imagem de si para as pessoas que transmita autoridade, confiança, competência. No esforço pela autovalorização de si é preciso desenvolver-se em todas as dimensões possíveis e, para isso, informação é essencial. É preciso enriquecer a própria imagem com roupas, um corpo mais saudável, um vocabulário melhor, mais conhecimento, habilidades extras, esforço especial.

Ao apresentar ferramentas que podem conduzir as pessoas para o êxito profissional, Nigro, novamente, valoriza as características do trabalhador flexibilizado dentro do modo de produção toyotista. Ser multitarefas, proativo, bom de relacionamentos e, claro, abrir mão da segurança e estabilidade características do cenário “CLT ou funcionário público”. A análise dicotômica é simplória e idealiza a iniciativa privada, um espaço em que todos são muito

eficientes, não existe fraude e o reconhecimento do esforço individual é garantido, uma mensagem que funciona muito mais como propaganda de um modelo econômico, perpetuando mitos sobre o mundo do trabalho, do que como informação capaz de produzir conhecimento real sobre o mundo.

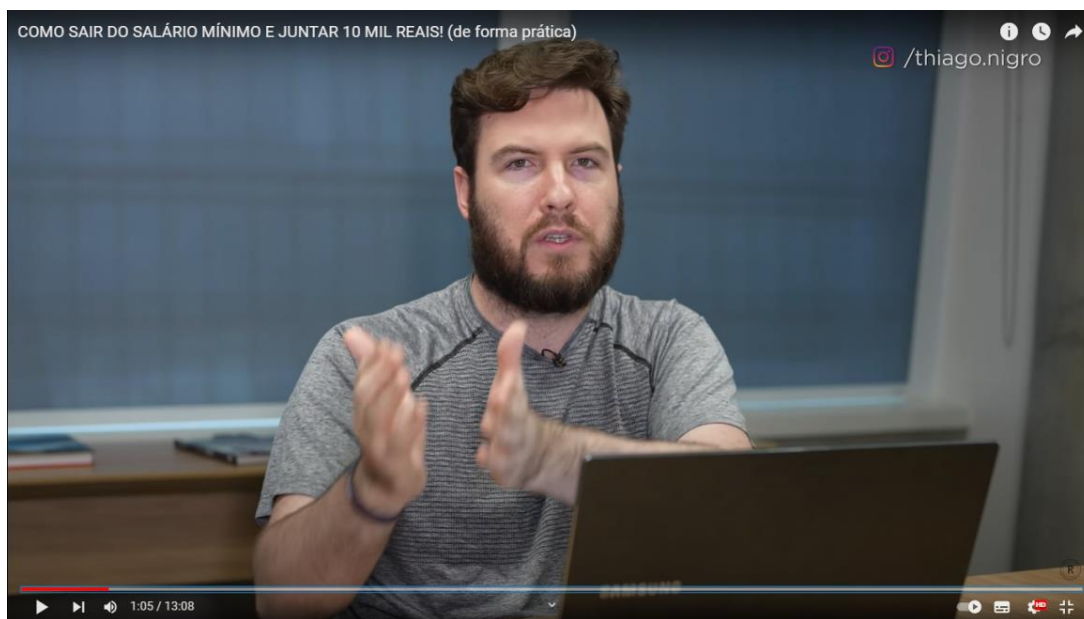
A necessidade de se observar como uma marca – *branding* pessoal –, buscando sempre valorizar a própria imagem, objetiva as ações humanas suprimindo de seu comportamento a espontaneidade e o desinteresse nas situações de interação social. O resultado é o sujeito individualista, que dificilmente terá escrúpulos diante da possibilidade de autovalorização no ambiente social. E, também, no virtual. Com as redes sociais utilizadas como extensões dos sujeitos no espaço da Internet, é cada vez mais comum a preocupação com o sucesso pessoal, o aumento da popularidade, no uso comum de tais dispositivos, algo tratado abertamente por diversos agentes de publicidade.

3.3.4 Análise: Como sair do salário mínimo e juntar 10 mil reais! (de forma prática)

Este vídeo pretende mostrar que é possível um trabalhador que recebe um salário mínimo por mês - R\$ 1045,00 na época – juntar 10 mil reais no período de 1 ano. Para isso Thiago Nigro elabora algumas planilhas com projeções que demonstram a viabilidade da tarefa. Inserido na categoria “empreendedorismo”, o vídeo possui 13 minutos que tratam do assunto com uma roupagem bem característica do mundo dos negócios, com a utilização de expressões como “valor trabalho”, “fluxo em reset”, “fluxo contínuo” entre outros que introduzem o espectador ao universo glamoroso do mundo empresarial. Contudo, a mensagem principal é uma chamada ao sacrifício pessoal e persistência como forma de se alcançar o objetivo.

Novamente seguindo a estrutura padrão dos vídeos do canal. Inicia-se com uma chamada sobre o tema que antecede a vinheta. Depois disso, as interações com o público convidam-no a se inscreverem, curtirem o conteúdo e comentarem na página, o que é bem comum entre os *youtubers* e que contribui com a divulgação do material. Durante a apresentação Thiago Nigro passa o vídeo todo sentado enquanto apresenta sua mensagem. Ao final, retorna a interação com o público, e novos comentários, “curtidas” e inscrições são pedidos. Um diferencial é que nesse vídeo em específico, Nigro aproveita para fazer uma publicidade na qual apresenta o notebook da marca Samsung que ele está utilizando.

Figura 5 – Trecho do vídeo: *Como sair do salário mínimo e juntar 10 mil reais! (de forma prática)*



Fonte: Site YouTube⁶³

De volta aos ensinamentos de Nigro, esse conteúdo está baseado em um método de gestão das finanças pessoais que é tema de diversas palestras e, inclusive, de seu livro *Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho*, publicado em 2018 e que se tornou sucesso de vendas no país. A estratégia apresenta consiste em três pilares que são “gastar bem”, “investir melhor” e “ganhar mais”. Esse tripé consiste na bússola existencial do sujeito que pretende conquistar a riqueza e para cumpri-lo não se deve medir esforços. O homem empresa enxerga a realidade como um grande mercado e prioriza o fator econômico em sua percepção da realidade, por isso, ao invés de um conjunto de proibições – associadas à restrição da liberdade individual, sagrada para o pensamento neoliberal –, Nigro propõe um rol de ações que privilegiam o aspecto econômico durante a tomada de decisões do sujeito em direção ao sucesso. É exatamente o que Michel Foucault identifica ao caracterizar a racionalidade neoliberal como governamentalidade, um modelo de condução da população que extrapola o âmbito da vigilância e punição, tornando-se propositivo (FOUCAULT, 2008). Trata-se de um trabalho de formatação dos sujeitos seguindo critérios empresariais, fundamentados na liberdade individual e na realização pessoal subordinada aos valores do capital.

Na prática, o plano traçado para o cumprimento do objetivo – poupar 10 mil reais em um ano – consiste na realização de trabalhos fora do expediente normal como forma de conseguir uma renda extra. Trabalhar de garçom, *uber* ou professor particular são as opções

⁶³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N271eJ2V0EE>.

apresentadas. Utilizando uma planilha, os valores são demonstrados por Nigro aos espectadores. O conteúdo da proposta não parece muito atraente, contudo o formato ameniza a mensagem. Como de costume no canal, o vídeo é ambientado em um cenário bastante agradável, acompanhado por uma trilha sonora tranquila, moderna. Os tons claros e fundo azul do escritório suavizam a sequência de imagens. Nigro aparece vestindo roupas confortáveis, acessíveis, e o seu vocabulário, apesar do uso de alguns termos econômicos, não é complicado, mas de fácil compreensão.

Além disso, Thiago Nigro se coloca como exemplo para aquilo que está propondo. Essa é uma característica dos vídeos do canal reforçada constantemente. Nigro não é um professor de “formação tradicional”, mas alguém que “aprendeu na prática”. Seus ensinamentos não estão baseados em teorias, mas em suas experiências de vida. No canal, isso é chamado *skin in the game*, algo que pode ser traduzido como “arriscar a própria pele”. O apresentador conta sua experiência pessoal com trabalhos que realizou no passado. Durante os finais de semana serviu como garçom em festas para fazer uma renda extra. O testemunho pessoal de Nigro torna-se uma ferramenta poderosa, que pode ser percebida nos comentários do público, que elogiam o esforço do *youtuber* parabenizando-o por seu sucesso. E aqui não se trata de mera propaganda. Thiago Nigro é um exemplo de homem empresa, dotado de todos os elementos presentes na caracterização de Dardot e Laval. E como sujeito neoliberal não pode culpar a conjuntura, a concorrência, ele é o único responsável pelo próprio sucesso ou fracasso (DARDOT & LAVAL, 2016).

Para aqueles que desconhecem os malefícios do neoliberalismo, esse vídeo aparece como uma ode ao sacrifício pessoal. Contudo, também expõe sua validação acerca da exploração do trabalho e das condições de precarização que permeiam o mundo do trabalho no presente. Ao tentar ajudar o espectador a ter um salário melhor, Nigro faz propaganda de um sistema e de uma forma de viver pautadas pela lógica empresarial. O seu sucesso coincide com os tempos vividos em que os interesses do grande capital se rearticulam e expandem no país. E a comunicação, movida pela lógica do lucro, serve de plataforma para a divulgação de uma mensagem hegemônica, conformada à realidade em que o sujeito que vive com R\$1045,00 só tem a si mesmo e aos seus finais de semana ocupados com trabalho extra como caminho para a realização pessoal.

3.3.5 Análise: O mundo derretendo e o Ibovespa bombando, o que aprendi com a crise de 2020

Postado no dia 15 de dezembro de 2020, esse vídeo faz uma retrospectiva do movimento dos índices da bolsa de valores do Brasil (B3) durante o ano. Em meio a análise de alguns gráficos, Thiago Nigro apresenta 4 ensinamentos que a crise advinda da pandemia da Covid-19 possibilitaram: 1. Diversificação da carteira de investimentos, 2. Os efeitos de uma taxa baixa de juros sobre os investimentos, 3. Não siga a multidão e 4. É fundamental ter uma boa reserva de emergência. Essas lições, contudo, podem ser resumidas sob dois pilares fundamentais, que compreendem o aprendizado de Nigro com a pandemia: em primeiro lugar é importante estabelecer uma estratégia de investimentos e permanecer fiel a ela independente da conjuntura. Decisões tomadas com base na emoção tendem a ser prejudiciais. E em segundo lugar, que toda crise é, também, uma grande oportunidade. Citando um questionamento feito pelo apresentador no início do vídeo, uma pessoa que tivesse investido 1 milhão de reais no ápice da crise, teria ao final do ano aumentado em 80% o seu investimento, totalizando 1,8 milhão de reais.

Novamente, a mensagem do material traz a concepção neoliberal de condução dos comportamentos nos moldes da empresa, ou seja, pautando sua percepção da realidade sob a lógica dos números, do ganho econômico e do enriquecimento individual. A pandemia, apesar de toda a sua gravidade, que é considerada pelo canal, serve para validação das estratégias de investimento que permitiram a lucratividade mesmo diante de tanta oscilação da economia⁶⁴.

⁶⁴ É importante ressaltar que Thiago Nigro alerta para o viés econômico de suas análises, demonstrando que não está insensível diante do sofrimento de tantas pessoas. Contudo o seu silêncio sobre o aumento da desigualdade nesse período, acerca das medidas de combate ao vírus e, também, a respeito da necessidade de ações públicas, coletivas para ajudar aos menos favorecidos, evidenciam os limites da empatia daquele que opta por viver submetido aos valores do capital.

Figura 6 – Trecho do vídeo: *O mundo derretendo e o Ibovespa bombando, o que aprendi com a crise de 2020*



Fonte: Site YouTube⁶⁵

Em sua estrutura, o vídeo mantém suas características principais: inicia com uma chamada, depois disso a vinheta. Posteriormente vem a interação com o público, pedindo apoio através de inscrições no canal e curtidas no vídeo. O clima do vídeo é ameno, com uma trilha tranquila, característica do canal. O tom descontraído e bem humorado de Nigro combina com o cenário, uma sala colorida, de decoração agradável ao olhar, que serve de estúdio para a gravação do material.

Enquadrado na categoria de “análise de conjuntura”, já que Nigro traça uma avaliação do mercado financeiro durante 2020, esse material consiste em um enfoque completamente economicista de tudo o que houve no decorrer do ano. A começar pelo título - *O mundo derretendo e o Ibovespa bombando, o que aprendi com a crise de 2020* –, que poderia ser trágico, mas é citado como positivo, afinal, a crise gerada pelo contexto da pandemia da Covid-19 possibilitou a oportunidade de bons negócios. Interessante pensar que para o público do canal, a observação da realidade sobre o prisma essencialmente econômico demonstra uma forma de se orientar diante da realidade, avaliando seus acontecimentos em termos de perdas e ganhos. Ou seja, para um espectador regular, todo acontecimento importante, mesmo que de outra esfera, como política ou social, será analisado sob o viés econômico e os interesses do mercado. Mensagem reforçada pela característica do *influencer*, comum às redes sociais, em que Nigro se apresenta como experimento real daquilo que

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p2TZpro1cYA&t=735s>.

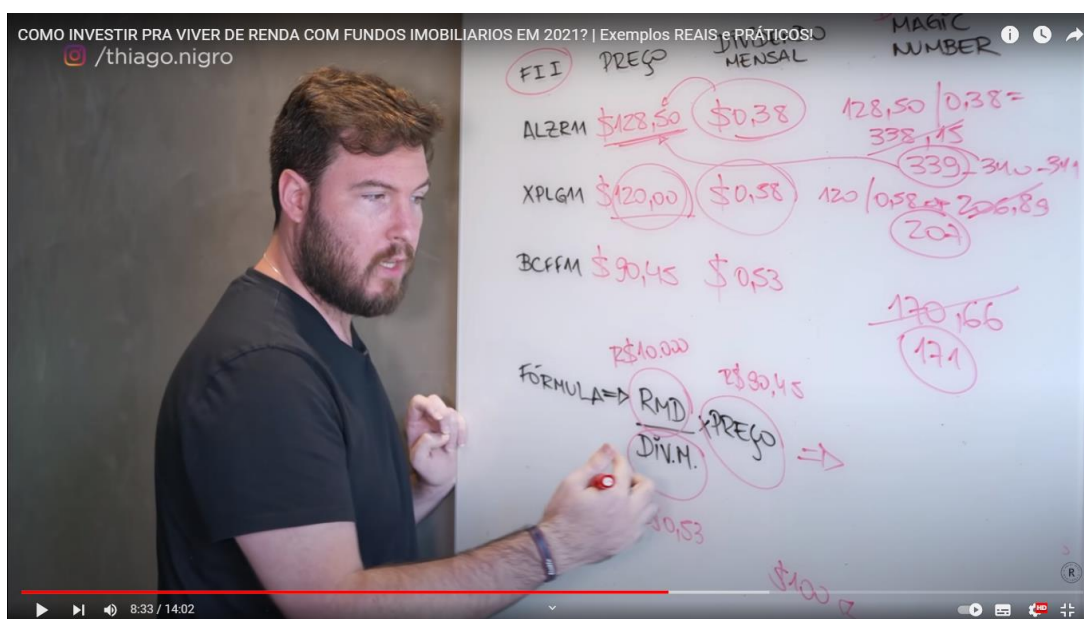
afirma, mais do que princípios econômicos, a comunicação do YouTube promove um modo de vida, o do seu apresentador, que no caso, coincide com o homem empresa do neoliberalismo (KARHAWI, 2016).

No decorrer do ano de 2020 houveram vários embates acerca do enfrentamento da pandemia que deram visibilidade às características da subjetividade neoliberal. Defendida pelo presidente Jair Bolsonaro e seu Ministro da Economia Paulo Guedes, a liberdade individual para empreender – e explorar – no período em que instituições ligadas à saúde pediam cautela e políticas de distanciamento social, foi motivo de crítica, mas, também, explicitou o embate de visões de mundo divergentes na condução da sociedade. Nigro pouco trata desse assunto, não evidenciando o alinhamento de suas ideias aos posicionamentos dos “radicais pró-mercado”. Novamente, o silêncio do canal sobre certos assuntos fala muito alto, evidenciando a convivência com um projeto civilizacional movido pelo interesse econômico e pelo lucro.

3.3.6 Análise: *Como investir para viver de renda com fundo imobiliário 31/12*

No último vídeo exibido no ano de 2020, Thiago Nigro traz ensinamentos sobre um produto do mercado financeiro que são os fundos imobiliários – basicamente investimentos em empresas que pretendem utilizar o dinheiro construção de imóveis e pagam juros ao investidor. A produção enquadra-se na categoria “educação financeira”. Thiago Nigro utiliza um pequeno quadro branco para explicar ao espectador as principais características desse produto de investimento e, no decorrer da apresentação, ensina como identificar um bom fundo, como calcular os ganhos, tudo isso utilizando exemplos reais do mercado. O material foi gravado no estúdio utilizando-se dos mesmos elementos visuais e sonoros que são característicos do canal – ambiente descontraído, com uma apresentação bem humorada de Thiago Nigro e uma trilha sonora alegre e tranquila.

Figura 7 – Trecho do vídeo: *Como investir para viver de renda com fundo imobiliário*



Fonte: Site YouTube⁶⁶

Contudo, por ser o último vídeo do ano, Thiago Nigro encerra com uma mensagem, que de certa forma, busca despertar no espectador algumas resoluções que possam ajudá-lo com o enriquecimento no ano seguinte – afinal, os últimos dias do ano são uma época de reflexões e compromissos para o novo ciclo que se inicia –. São duas “recomendações” e seis “sacrifícios” propostos para 2021.

As recomendações são: 1. *Pensamento de longo prazo*. Para Thiago Nigro é fundamental a paciência e persistência para se alcançar o sucesso. As histórias que reforçam o argumento da meritocracia de que “nada vem fácil” são muito utilizadas no canal e fazem muito sucesso entre os espectadores, visto que diversos comentários destacam características como a resiliência, determinação, sacrifício pessoal, presentes nas principais apresentações motivacionais. 2. *Sonhe grande*. Citando Jorge Paulo Lemann – grande empresário brasileiro – recomenda que o sujeito estabeleça grandes metas, pois elas vão forçá-lo à superação. E mesmo que não se alcance o alvo esperado, o resultado será bom. Esses ensinamentos foram retirados do livro *Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho*, publicado em 2018 (NIGRO, 2018). Essas recomendações são apresentadas como resultado de estudo e da observação de grandes histórias de vida dentro do universo empresarial. A qualidade prática do saber que é repassado pelo canal, que implica em certa aversão pelo teórico, tão comum aos argumentos

⁶⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=3JqeEYMgu8Q>.

dos “homens do mercado”, é algo sempre reforçado pelo canal, estimulando uma compreensão um tanto restrita da realidade.

Já os seis sacrifícios são: 1. Sacrificar o conforto presente; 2. Sacrificar o equilíbrio; 3. Sacrificar a mediocridade; 4. Sacrificar a vontade de ser querido; 5. Sacrificar a fragilidade e 6. Sacrificar o perfeccionismo. Na apresentação de cada item, Nigro se coloca como modelo que valida o sucesso de cada sacrifício, ou seja, a sua própria trajetória seria a garantia da eficácia desses ensinamentos.

Um importante aspecto dessas recomendações é que elas não são muito técnicas, envolvem mais um modo de ser, ou seja, características que, para existir, precisam de uma motivação mais profunda do sujeito. Uma transformação no seu modo de ser e pensar por meio de um conjunto de práticas, mesmo que funcionem e, de alguma forma, contribuam com o enriquecimento do sujeito. Esse conjunto de conselhos expõe uma compreensão acerca do sucesso fundamentada no individualismo, autossacrifício e autopromoção, elementos que foram observados nas análises de Foucault, Dardot, Laval acerca do neoliberalismo e que caracterizam a condução da vida como empresa (DARDOT & LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008).

Também não é possível desconectar os ensinamentos de Nigro nesse vídeo de uma visão neoliberal sobre o mundo do trabalho, utilizando os mesmos argumentos, muitas vezes falaciosos, de seus defensores. O cenário de crise econômica em que o Ocidente está constantemente inserido exige sacrifícios por parte da classe que vive do trabalho. Um grupo que, muitas vezes, vive com o mínimo e é solicitado a sacrificar um pouco mais. Tal argumento é muito utilizado pelos defensores da reforma trabalhista, que precarizou as relações de trabalho, abrindo caminho para o aumento da informalidade no país. Pesquisadora do conteúdo que estimula o empreendedorismo na sociedade, Karili Trindade identifica nessas mensagens uma defesa dos interesses do patronato que tem acarretado, principalmente, no aumento da exploração e precarização do trabalho no país (TRINDADE, 2019).

A análise dessa amostragem extraída do canal *O Primo Rico* no ano de 2020, evidencia que Nigro produz um conteúdo bastante diversificado com o objetivo de ensinar as pessoas a cuidarem melhor do seu dinheiro, investir e enriquecerem. Suas produções são bem elaboradas, contando com belos cenários, trabalho de som e edição. O conteúdo do material também é bastante diversificado, com temas atualizados que são publicados através de uma linguagem agradável e acessível. Contudo sua mensagem carrega dois níveis de informação, um primeiro em que habitam as lições de educação financeira, e um segundo que promove um

modo de vida sob os moldes da doutrina neoliberal, acarretando em uma subjetividade denominada homem empresa (DARDOT & LAVAL, 2016).

Fundamentado nessa visão econômica da realidade, Nigro parte da premissa de que a realidade pode ser encarada como um grande mercado e cabe a cada um buscar por seus interesses pessoais, tornando-se também, responsáveis pelo próprio destino. Público, coletivo, social, são expressões que inexistem dentro desse universo individualista. Uma evidência acerca dessa constatação é o modo como o contexto da pandemia da Covid-19 afeta o conteúdo do canal, o cenário crítico é encarado como uma ótima oportunidade de negócios.

Dessa forma, *O Primo Rico* cumpre o papel atribuído aos veículos midiáticos por Muniz Sodré, ou seja, reproduzem uma visão de mundo hegemônica pautada pelos princípios do mercado (SODRÉ, 2013). A comunicação realizada no canal não extrapola o nível da propaganda, da divulgação de um conjunto de valores sobre a realidade que promovem a condução da vida na forma do homem empresa. Ampliando um pouco os ecos dessa mensagem, é possível conectá-la ao presente de vivido identificando o caráter radical de seu discurso. A busca por outros desdobramentos da mensagem neoliberal do canal *O Primo Rico* é o assunto do último capítulo desse trabalho.

**4 – O *PRIMO RICO* É UM RADICAL? RACIONALIDADE NEOLIBERAL E
AUTORITARISMO NA ATUALIDADE**

Ao compartilhar seus ensinamentos sobre finanças pessoais no ano de 2020, o canal *O Primo Rico* propõe que se atente a duas lições principais: 1. A vida econômica necessita de uma estratégia, que deve orientar a tomada de decisões – especialmente em conjunturas extremas como aquela da pandemia da Covid-19 –; 2. Toda crise é uma oportunidade de ótimos negócios. Certamente que essas instruções contribuem para melhor administração das finanças pessoais, mas, também, promovem valores associados a uma subjetividade neoliberal – liberdade individual, competitividade, autovalorização e autorresponsabilidade (DARDOT & LAVAL, 2016)–. Tal modo de vida integra aquilo que Michel Foucault chamou racionalidade neoliberal, ou seja, um ordenamento das condutas a partir dos princípios do mercado (FOUCAULT, 2008).

A defesa do homem empresa, incentivada pela mensagem do canal de Thiago Nigro, tem sido vista como um componente importante do movimento de ascensão da extrema direita na contemporaneidade – no Brasil, denominados novas direitas –. Por trás da defesa da liberdade econômica e do esforço pelo enriquecimento pessoal, existe a proposição de uma subjetividade completamente alinhada aos valores do mercado, que tem motivado um verdadeiro levante autoritário contra as democracias contemporâneas.

Neste capítulo, pretende-se observar que neoliberalismo e autoritarismo não são coisas tão distantes. Sob a bandeira da liberdade econômica existe uma insurreição contra o coletivo, o social, que tem gerado, no mínimo, tensões bastante graves para o funcionamento das democracias ao redor do mundo. Dessa forma, o conteúdo do canal *O Primo Rico*, aparece como um espaço de propagação de valores que são comuns a esses radicais, funcionando como uma pequena peça dessa tecnologia que tem minado as bases da democracia no Ocidente.

Além disso, o ambiente comunicacional em que o canal está inserido, identificado por diversos estudiosos como midiatização, que, movido por uma lógica mercadológica contribui com o individualismo e, consequentemente, com a crise das instituições. Muniz Sodré utiliza o termo *sociedade incivil* para tratar das relações entre os processos comunicacionais contemporâneos e as práticas sociais no presente (SODRÉ, 2021). Pensar sobre a comunicação midiatizada do canal *O Primo Rico* é refletir sobre o papel da comunicação em nossa sociedade e sobre caminhos para a construção de uma comunicação mais eficiente para uma sociedade melhor.

4.1 O PRIMO RICO RADICAL: APROXIMAÇÕES ENTRE NEOLIBERALISMO E AUTORITARISMO NO PRESENTE

O Primo Rico é um canal que tem feito muito sucesso com a missão de auxiliar as pessoas na conquista da “independência financeira” – leia-se riqueza. Ali, milhões de seguidores encontram semanalmente lições sobre investimentos, conselhos em relação a empreendedorismo, análise do cenário econômico atual, tudo formatado a partir de uma cosmovisão que avalia a realidade em termos de perdas e lucros. A sua produção no ano de 2020, manteve a mesma mensagem, ainda que diante da pandemia da Covid-19, optando por uma compreensão mercadológica da realidade. Em nenhum momento a tragédia global abriu espaço para a reflexão acerca das contradições do modelo econômico capitalista, ao invés disso, coube a mensagem reforçar que é responsabilidade de cada um salvaguardar-se em momentos de crise.

Uma característica interessante do canal *O Primo Rico* é o seu esforço em ser isento politicamente ao tratar de educação financeira. Em um contexto nacional tão polarizado, Thiago Nigro opta por ampliar o campo de atuação de sua mensagem, afastando-se de tomar partido e, com isso, perder parte do seu público. Em seus vídeos, afasta-se de polêmicas sobre o assunto e evita críticas às ações do governo – um feito bastante grande tendo em vista a desastrosa condução das ações de combate à Covid-19, promovida pela gestão Bolsonaro.

Contudo, a análise do modo como os valores neoliberais são defendidos no interior das lições sobre finanças pessoais e sua postura antipolítica – ou anti-Estado –, descortinam uma segunda camada de sua mensagem. Na medida em que promove os princípios do homem empresa, que defende uma conduta orientada pela lógica da empresa, que valoriza a liberdade individual, a competitividade, a autovalorização e a autorresponsabilidade, Nigro se posiciona ao lado daqueles que defendiam o direito de abrir estabelecimentos comerciais em meio a *lockdowns*, a liberdade de escolher não se vacinar, posturas que tem atacado a democracia em favor de alguma forma de governo capaz de promover o capital, mesmo que ao custo de sua própria população.

Diversos trabalhos têm apontado relações entre o neoliberalismo e o autoritarismo antidemocrático crescente no mundo contemporâneo. O que permite explorar outra dimensão do conteúdo produzido pelo canal, uma dimensão mais radical, que situa a mensagem de Nigro no embate político existente no Brasil atualmente, aproximando-o das ideias defendidas pelas novas direitas. A observação dos estudos de Wendy Brown e Gregoire Chamayou, inspirados na noção de racionalidade neoliberal de Michel Foucault, caracteriza o papel das

ideias neoliberais no levante antidemocrático no Ocidente, apontando elementos que servem para identificar de que forma o conteúdo do canal se relaciona com posicionamentos mais autoritários no país.

“[...] a racionalidade neoliberal cria um mundo focado exclusivamente no impulso de economicizar todos os aspectos da existência, das instituições democráticas à subjetividade” (BROWN, 2019, p.20). Essa constatação de Wendy Brown é o ponto de partida para a caracterização da forma como as ideias neoliberais têm pavimentado o caminho para mobilizações antidemocráticas no século XXI. Segundo o argumento da autora, ao priorizar os interesses do capital, o pensamento neoliberal não hesita em atacar aquilo que constitui obstáculo para a acumulação. Foi assim com a transição no mundo do trabalho de um modelo pautado em direitos para outro caracterizado pela desregulamentação e, consequente, precarização do trabalhador. E tem sido assim com a democracia.⁶⁷

De acordo com Brown, dois aspectos fundamentais para o funcionamento das democracias contemporâneas estão sob ataque: a igualdade e a noção de social (BROWN, 2019).

A igualdade é condição essencial à existência da democracia. Para assegurar que o governo realmente seja dos cidadãos, é preciso que eles se relacionem na condição de iguais. Sem esse princípio, ficam impossíveis o debate e a deliberação coletiva, perdem o sentido as assembleias e não existe “governo do povo”. Não sem razão, em sua origem, os três pilares da democracia na Grécia antiga eram “três isos”: a *isonomia* – igualdade perante a lei –, a *isegoria* – igualdade para falar – e a *isocracia* – igualdade para governar (BROWN, 2019, p.34).

O problema é que com a expansão da cidadania na modernidade, com o sufrágio universal, grupos bastante desiguais passaram a habitar o espaço democrático, o que, evidentemente, traria problemas e limitaria o seu exercício. Certamente que homens brancos ricos possuíam vantagem diante de outras minorias como os pobres, as mulheres ou os negros. Dessa forma, tornou-se necessário a atuação de uma força capaz de amenizar as discrepâncias

⁶⁷ É importante ressaltar que o neoliberalismo não é o único responsável pela conjuntura política atual. A ascensão do autoritarismo antidemocrático é um fenômeno bastante amplo e complexo. Deve-se acrescentar o impacto da crise econômica de 2008 e seus desdobramentos sobre as classes trabalhadoras, que estimularam uma postura mais agressiva em defesa de uma prosperidade vivida outrora; a imigração, que tem impulsionado atitudes xenofóbicas e agressivas com base no “medo” dos estrangeiros, na sua concorrência dentro do mercado de trabalho; o avanço dos movimentos identitários na conquista de direitos, que despertam a oposição, principalmente, de grupos religiosos conservadores; as transformações da mídia que, através da internet, ampliaram os espaços de discursos de ódio dentro da sociedade, entre tantas outras causas. Contudo, o argumento defendido neste capítulo é que o neoliberalismo não possui o menor constrangimento em optar pelo autoritarismo para salvaguardar os interesses do mercado.

em benefício da democracia e coube ao Estado a tarefa de intervir através de ações afirmativas de diferentes tipos – renda, moradia, educação, direitos civis e etc. –. É importante salientar que este não é apenas um esforço humanitário. O intuito de combater as desigualdades vai além da promoção de um modo de vida mais digno para os menos favorecidos, seu papel é garantir um espaço mínimo para a realização do autogoverno entre o maior número de cidadãos. Sem essas medidas, o poder fatalmente se concentrará nas mãos dos poderosos, servindo ao interesse de poucos (BROWN, 2019, p.37).

O segundo aspecto essencial para a democracia é a noção de social. Sobre o termo, é bastante esclarecedora a caracterização de Brown:

A democracia também exige um cultivo da sociedade como o local em que experimentamos um destino comum em meio às nossas diferenças e distâncias. Situado conceitual e praticamente entre o Estado e a vida pessoal, o social é o local em que os cidadãos de origens e recursos amplamente desiguais são potencialmente reunidos e pensados como um conjunto (BROWN, 2019, p.38).

Em um governo de todas as pessoas é fundamental manter a consciência de que cada sujeito faz parte de um coletivo. Na prática, isso significa atentar para a diversidade, dialogar, ceder, feitos incompatíveis para aquelas pessoas que entendem que a realidade é ordenada por um componente competitivo supremo e que consideram que estão no mundo para vencer. Em muitos momentos a “busca pela felicidade” entra em rota de colisão com a “vontade geral” e é preciso decidir entre a liberdade individual e a igualdade. É por isso que ações que buscam promover a justiça social, fortalecendo o ambiente democrático, são tão criticadas por defensores do neoliberalismo.

Ao criticar as medidas do Estado que buscam combater a desigualdade, os neoliberais elaboram uma crítica do social. Sob o prisma do individualismo, que sustenta a liberdade individual como valor sagrado, o coletivo fica em segundo plano. Em outro trecho de sua análise, Brown destaca essa aversão ao social dentro da crítica neoliberal às democracias contemporâneas.

A hostilidade de Hayek em relação ao social é, poder-se-ia dizer até mesmo exacerbada, na medida em que busca fundamentos epistemológicos, ontológicos, políticos, econômicos e até mesmo morais. Ele considera a própria noção de social falsa e perigosa, sem sentido e oca, destrutiva e desonesta, uma “fraude semântica”. A preocupação com o social é a assinatura de todas as tentativas mal sucedidas de controle da existência coletiva, o símbolo da tirania. [...] Na melhor das hipóteses, diz ele, o termo carrega a nostalgia dos mundos antigos de associações pequenas e íntimas e pressupõe falsamente “uma busca comum de fins compartilhados” (BROWN, 2019, p.43).

De acordo com o trecho acima, é possível perceber que a crítica neoliberal à ideia de social parte de um suposto pragmatismo que questiona a existência do coletivo. De acordo com esse raciocínio, na prática, o que existem são sujeitos, convivendo, competindo, buscando o sucesso individual. A única liberdade experimentada no mundo real é individual e não comunitária. Além disso, toda vez que as ideias de social, de coletivo são utilizadas, é para que o Estado possa de alguma forma, ampliar a sua esfera de atuação, aumentando a sua tirania diante de cada cidadão.

É compartilhando desse ideário sobre a realidade, que o canal *O Primo Rico* silencia diante de qualquer medida estatal em favor da justiça social, mesmo diante de um período tão crítico como foi o ano de 2020. É provável que a opção pela discrição seja mais do que mera estratégia publicitária, mas seja proveniente de um alinhamento ideológico. Um exemplo é a maneira como o canal menciona o Auxílio Emergencial, que é citado pouquíssimas vezes e de forma muito rápida, como parte da análise de um cenário mais amplo. Não existe uma mensagem de convincente de aprovação acerca de tal política. O seu valor para manter o equilíbrio da sociedade, algum resquício de democracia e, principalmente, a sobrevivência de milhões de pessoas, parece passar despercebido para Nigro. Por outro lado, reforça-se o discurso de que cada um depende apenas de si para prosperar, uma mensagem bastante nítida dentro do canal. A concepção do homem empresa, cardeal dentro do material, atribui o sucesso – ou fracasso – ao esforço individual, essa é a “ordem ideal” das coisas.

Para os neoliberais, a verdadeira natureza da justiça está no mercado (BROWN, 2019, p.45). Um modelo baseado em regras, que não possui compensações, mas que obriga a todos a se submeterem ao mesmo sistema. Falta dizer que esse modelo também é desconhecedor da diversidade, da pluralidade modos de viver, formas de organização da sociedade, do trabalho. Até por isso é tão violento com todas as minorias, rotulando-as com o estigma do atraso. Decorre dessa forma de pensar que a justiça consiste em uma sociedade na qual o Estado não interfira “desequilibrando” a balança do *laisse faire* econômico⁶⁸.

Além disso, toda vez que o Estado se inclina para combater as desigualdades, ele cria expectativas que jamais serão cumpridas plenamente. As políticas de ações afirmativas não conseguirão erradicar toda a pobreza do mundo, logo a sua aplicação é questionada⁶⁹. Dentro

⁶⁸ Essa maneira de entender o papel do Estado e a justiça é ineficiente em contextos de desigualdade crônica, estrutural, como a realidade brasileira. Geralmente, políticas em prol da equidade são rejeitadas dentro dos programas neoliberais.

⁶⁹ Essa lógica em que a medida é desqualificada por não obter um resultado absolutamente satisfatório é bastante questionável. Não existe um sistema perfeito ou sequer uma solução absoluta, de eficiência incontestável.

da crítica neoliberal, ao invés da solução, tais projetos aumentarão as reivindicações, o que implica em aumento da atuação do governo, o que significa retrocesso e é abominável. (CHAMAYOU, 2020, p.310). Por isso é que os políticos se tornaram aqueles que trocam promessas por votos, assumindo compromissos que dificilmente conseguirão cumprir. Nesse processo, o Estado vai se tornando mais custoso, repleto de obrigações que só vão conseguir prejudicar a sua própria economia (CHAMAYOU, 2020, p.312).

As formulações neoliberais acerca do Estado e da sociedade tem municiado a extrema direita para legitimar exclusões e violações de direitos de diversas minorias. Isso significa que seus impactos na contemporaneidade vão além da expansão do aumento da capital, mas tem aproximado a liberdade de um autoritarismo fascista dotado de forte moralismo religioso⁷⁰. Ademais, essas ideias justificam uma defesa do *status quo*, da manutenção das elites financeiras no poder.

[...] com a ascensão da razão neoliberal, o ataque ao social – à sua própria existência e à sua adequabilidade como uma província da justiça – tem sido tão significativo quanto as facetas mais familiares do neoliberalismo (por exemplo, o antiestatismo) para edificar o poder corporativo, legitimar a desigualdade e desencadear um novo e desinibido ataque aos membros mais vulneráveis da sociedade (BROWN, 2019, p.54).

Em sua análise, Chamayou ressalta que a crítica do social empreendida pela racionalidade neoliberal desloca-se para o político, explicando fenômenos que são vistos recorrentemente nos dias atuais. Em um capítulo denominado *Destronar a política*, o intelectual francês escreve que o “excesso de democracia” é entendido como uma ameaça ao pleno desenvolvimento econômico dos sujeitos, por isso é preciso se levantar contra essa forma de governo e limitá-la (CHAMAYOU, 2020, p.349-350). O discurso antipolítico, que é comumente visto por muitos defensores do neoliberalismo, que aponta para o excesso de burocracia, para a ineficiência e toda espécie de vício, que parecem existir apenas dentro das instituições públicas, defende gestão aos moldes da iniciativa privada, economia de recursos, desburocratização e tecnocracia – um termo que refere-se a ação governamental com base em critérios “essencialmente técnicos e não ideológicos”. É o triunfo do mercado sobre a política.

Mesmo assim segue-se tentando. É no decorrer do trabalho de combate aos problemas que se avança, independente de sua erradicação completa ter sido atingida.

⁷⁰ É necessário ressaltar que a teoria neoliberal, o pensamento de Hayek, Friedman, não fundamentam a perseguição de minorias como as mulheres, os negros ou a população LGBTQIA+ com base em um moralismo religioso radical. Assim como ocorre com o socialismo de Marx, existe uma distância entre a teoria e a prática, e tais atos de violência tem sido um efeito bastante comum da difusão das ideias neoliberais no presente.

[...] O mercado não era mais somente aquilo sobre o que a política não devia avançar, mas também aquilo a que ela devia se subordinar a partir de então. O mercado passava, assim, do ponto de vista da política governamental, do status de objeto-limite ao de sujeito limitador de sua ação (CHAMAYOU, 2020, p.359).

Cabe aos mercados financeiros avaliarem um governo. Não sem motivo, os Estados caíram nas mãos de agências de análise que atribuem uma classificação a cada um deles, tendo em vista os interesses especulativos de grandes investidores internacionais. Importa menos o desenvolvimento social ou o *status* da democracia. Se as coisas estiverem de acordo com a cartilha da Escola de Chicago⁷¹, vai tudo bem⁷². Esse predomínio do homem empresa sobre o político é um desdobramento da ascensão da racionalidade neoliberal, e tal tipo de sujeito tem se mostrado insatisfeito com o modelo democrático que foi construído no decorrer do tempo. Thiago Nigro, mesmo evitando partidarismos, recorrentemente destaca a necessidade de um Estado que intervenha minimamente, alinhando o seu discurso a esse espectro que admite conviver com a desigualdade, com violações de Direitos Humanos e com o autoritarismo, mas não aceita um Estado que intervenha em favor da justiça social. Por trás de um conteúdo inofensivo, que busca ajudar as pessoas a enriquecerem e serem mais felizes, o apoio a uma visão de mundo individualista e indiferente aos mais desafortunados que tem extrapolado o âmbito econômico em sua crítica, questionando, inclusive a própria forma do regime democrático.

A expansão dessas ideias no país encontra no interesse pelo universo das finanças, empreendedorismo e enriquecimento pessoal um importante aliado. Certamente que o sucesso do canal *O Primo Rico* funciona como uma pequena peça dentro dessa complexa engenharia que tem promovido os valores do capital no Brasil e, com isso, ampliado a voz de discursos mais insatisfeitos com relação ao tipo de Estado de bem-estar social que se construiu nas últimas décadas. Mesmo que involuntariamente, é efeito colateral da mensagem do canal uma predisposição do público aos argumentos que tem criticado a atuação do Estado e as democracias contemporâneas. A atuação desses grupos no Brasil é uma realidade bastante grave que merece toda a atenção do poder público, sociedade e do mundo acadêmico. Denominados novas direitas, eles têm expandido o seu poder de influência, colocando em

⁷¹ Nome dado a uma escola de pensamento econômico que defende o livre mercado e que tem como principais representantes professores da Universidade de Chicago (Eua) como George Stigler e Milton Friedman. Tornou-se símbolo da doutrina neoliberal no presente.

⁷² É assustador o apoio de Hayek e Friedman à ditadura de Augusto Pinochet no Chile (1974-1990), evidenciada por declarações e visitas ao país durante seu governo. O argumento para tal posicionamento está na salvação do país em relação ao colapso econômico que viria em decorrência da política socialista de Salvador Allende. Todas as violações de Direitos Humanos que ocorreram ali foram minimizadas pelos teóricos neoliberais como “mal necessário” para a manutenção dos interesses do capital.

xeque a “jovem” democracia brasileira. A sua caracterização permitirá fortalecer os vínculos entre O Primo Rico e tais agrupamentos.

4.2 O QUE PENSAM AS NOVAS DIREITAS BRASILEIRAS?

O Brasil vive o auge da direita. Nos últimos anos, vários atores emergiram no cenário nacional arrebatando multidões para os movimentos neoconservadores. A sua expansão vai muito além das elites econômicas, dos grandes empresários e latifundiários, alcançando, também, as periferias e as populações mais pobres de diversas partes do país. O maior indicador do seu sucesso foi a vitória no pleito eleitoral de 2018, em que conseguiram a maioria do Congresso Nacional – mantida após 2022 – e a eleição do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022).

Por algum tempo, parte da intelectualidade negava a complexidade e, também, o potencial do fenômeno. Quando tratavam do assunto, diversos pensadores simplificavam a questão por meio do uso da expressão “fascista”. Contudo, com o seu estabelecimento no centro do debate público e da política nacional, toda ameaça tornou-se realidade e o assunto ganhou centralidade nos estudos das Ciências Sociais, dando início a um esforço por identificá-los e caracterizá-los (GALLEGO, 2018).

Mas um movimento de tamanha amplitude não é fácil de explicar. São diversos atores com diferentes interesses, alguns deles antagônicos. São conservadores? Liberais? Cristãos? Neoliberais? Afinal, são fascistas? Todo esforço de classificação, implica em algumas distorções, contudo, ao mesmo tempo, faz caminhar um pouco o conhecimento da realidade presente. Ao tratar do assunto, Adam Przeworski aponta para a dificuldade da empreitada, que muitas vezes traz mais perguntas do que respostas, todavia ressalta a necessidade deste esforço e a importância dos pequenos avanços (PRZEWORSKI, 2020, p.22).

Diante da variedade de termos que caracterizam as novas direitas, é necessário buscar alguns elementos fundamentais de sua bandeira. Luiz Felipe Miguel, em um texto chamado *A reemergência da direita brasileira*, publicado na coletânea *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil* destaca a heterogeneidade das novas direitas, mas aponta para alguns elementos unificadores. Ele escreve:

O que existe hoje é a confluência de grupos diversos, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum. Os setores mais

extremados incluem três vertentes principais, que são o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo comunismo⁷³ (MIGUEL, 2018, p.19).

A descrição de Luiz Felipe Miguel enfatiza que a pluralidade é superada pela percepção de um inimigo comum, um antagonista a ser combatido. De fato, constitui um componente das novas direitas, comportarem-se como minoria perseguida. Nos Estados Unidos, o termo *alternative-right* (AR)⁷⁴ – ou simplesmente *alt-right* –, aponta para os movimentos conservadores, brancos, cristãos e nacionalistas, que se consideram ameaçados diante das transformações das democracias contemporâneas e, por isso, lutam por “seus direitos”, pelos “direitos dos brancos”, “dos americanos”, “dos cristãos”. No Brasil, ficou popular a expressão “racismo reverso”, para tratar da “agressão sofrida pelos brancos” diante da vigilância dos diversos movimentos negros e a crítica do “politicamente correto” também é uma prática bastante comum daqueles que se sentem cerceados em sua liberdade de expressão.

Essa postura defensiva, reativa, aparece em discursos antissistema, que veem nas sociedades contemporâneas uma ameaça ao modo de vida tradicional, aos valores conservadores, enfim, à “ordem natural das coisas”. A agressividade das suas ações indica o perigo e a urgência de quem se sente violado em seus direitos e decidiu contra-atacar.

Além desse elemento central, Miguel aponta “três vertentes” da nova direita. A primeira é o libertarianismo. O termo faz referência a um segmento mais radical do neoliberalismo – também conhecido como anarcocapitalismo –, mas serve como “guarda-chuva” que abrange diversas vertentes do pensamento liberal. Essa postura entende que as liberdades individuais e econômicas são sagradas e invioláveis. Dessa forma o Estado é compreendido como opressor, porque é um agente regulador das condutas das pessoas. Por isso defendem o “Estado mínimo”, ocupado fundamentalmente das questões de segurança, e toda forma de regulamentação das atividades econômicas é abominada e entendida como responsável pelo fracasso do empresário e atraso dos países (MIGUEL, 2018, p.19).

Se por um lado *O Primo Rico* evita o caminho do revanchismo em seu discurso – Nigro é sempre bastante polido na apresentação de seus vídeos. O apresentador opta sempre

⁷³ Outro exemplo do esforço por sintetizar a descrição das “novas direitas” no Brasil, são os trabalhos de Jorge Chaloub, Fernando Perlatto e Camila Rocha, que descrevem esses grupos a partir de sua autodenominação “liberais-conservadores”, em referência à defesa dos valores neoliberais na organização econômica e social, somada ao moralismo de costumes. Essa expressão, inclusive, é bastante popular entre os principais teóricos da “nova direita” e seus representantes políticos.

⁷⁴ Em português, “direita alternativa”.

pelo bom humor e jamais utiliza termos obscenos em seu vocabulário –, de outro a presença da concepção crítica em relação ao Estado, ações de intervenção econômica e políticas sociais é inquestionável. Além disso, grandes nomes que representam o mundo das finanças, – e neste caso pode-se incluir a figura de Thiago Nigro – ao compartilharem da mesma visão neoliberal sobre a sociedade, fizeram diversos acenos ao autoritarismo antidemocrático que atuou no país através do governo Bolsonaro, confirmando o pensamento neoliberal de que é melhor menos democracia com mais mercado do que o seu oposto⁷⁵.

A segunda vertente é a do fundamentalismo religioso, que consiste em uma visão monolítica da sociedade, que não admite o diálogo ou a pluralidade de visões de mundo (MIGUEL, 2018, p.21). Na prática, as atenções se voltam para o conservadorismo moral. Para os conservadores

[...] um passo fundamental para a derrubada do capitalismo e da ‘civilização ocidental’ seria a dissolução moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional. Afinal, ‘a família é a *cellula mater* da sociedade’; se destruída, faz todo o edifício romper (MIGUEL, 2018, p.23).

Sob esta perspectiva, a transformação dos costumes consiste em investida contra a civilização ocidental e o seu modo de produção capitalista. O alvo principal dessa crítica são os diversos movimentos sociais, especialmente, o feminista e LGBTQIA+. Suas conquistas de direitos são consideradas um “sinal dos tempos” para o “cidadão de bem”. E a esquerda é acusada pelo espaço que abriu aos vários movimentos identitários, tornando-se corresponsável pelo “caos vivido pelo mundo atualmente”.

É possível identificar o moralismo religioso dentro do canal em vídeos que trazem princípios bíblicos como ferramentas para a construção da própria riqueza. O livro bíblico de *Provérbios*, inclusive, foi tema de uma série de *lives* na conta Thiago Nigro no Instagram. Diariamente, refletia-se sobre a mensagem de um capítulo do livro, associando-o ao universo das finanças pessoais – o livro tem 31 capítulos, que foram compartilhados em julho que tem 31 dias. Nigro é evangélico e compartilha em outros momentos conteúdos que tratam do tema da riqueza à luz da *Bíblia Sagrada* – a *teologia da prosperidade* é uma faceta da comunidade evangélica que aproxima bastante a mensagem cristã com o enriquecimento pessoal. É

⁷⁵ Outro exemplo bastante pertinente da afinidade de Nigro – e os demais neoliberais do mundo financeiro – em relação a direita antidemocrática no país é a sua admiração, quase devoção, a figura do ex-ministro da economia Paulo Guedes. Representante das ideias da Escola de Chicago, Guedes possui inabalável prestígio diante desse grupo e, também de Nigro. Mesmo diante de posicionamento controversos do ex-ministro no contexto da pandemia, não há uma crítica sequer à sua postura por parte da produção do canal.

importante destacar que, felizmente, Nigro jamais acusa ou discrimina em seus vídeos qualquer uma das minorias que, frequentemente, são alvo de ataques de líderes religiosos. Sua mensagem é direcionada a todas as pessoas.

A terceira vertente apresentada por Miguel é o anticomunismo (MIGUEL, 2018, p.22). O inimigo vermelho que ameaça “toda ordem”, “toda beleza” e “toda justiça” do Ocidente. Ressuscitando temas da Guerra Fria como a Aliança para o Progresso, esse elemento implica em alinhamento ao capitalismo e subserviência aos Estados Unidos, bastião da prosperidade, democracia e liberdade no mundo. A ameaça que antes era representada pela URSS e por Cuba, agora aparece na antipatia em relação ao governo chinês e na repulsa a respeito do governo da Venezuela, que sinaliza para o destino de todos aqueles que trilharem a rota do comunismo no continente. A esquerda novamente é culpada por relacionar-se com tais países, permitindo a sua influência sobre o Brasil.

A antipatia do canal em relação aos grupos de esquerda no país é algo que aparece, majoritariamente, de forma sutil. Evidentemente que a defesa das ideias neoliberais dificilmente se articula com projetos políticos que priorizem o social, e críticas à Venezuela é lugar comum dentro dos posicionamentos dos defensores do neoliberalismo, mas Nigro evita a tomada de partido em seus vídeos. Contudo, é importante destacar que no ano eleitoral de 2022 foram realizadas algumas *lives* com convidados da chapa de Jair Bolsonaro e o mesmo não ocorreu com o grupo de Lula – no dia 28 de outubro, antevéspera da eleição, Bolsonaro foi “entrevistado” por Nigro, demonstrando o apoio do canal à candidatura do ex-presidente.

Outra característica fundamental da nova direita no presente é o uso irrestrito dos meios digitais de comunicação para a propagação de seu discurso. A rapidez da comunicação *online* permite que alcancem um número muito maior de pessoas sem a necessidade do uso das mídias tradicionais (MARQUES e col., 2021, p.258). Além disso, a opção pela internet endossa uma postura antissistema, característica da nova direita, em oposição aos grandes conglomerados da comunicação que dominam o acesso à informação no país. A análise do canal *O Primo Rico* permite identifica-lo como agente nessa tarefa, uma pequena ferramenta na engrenagem que tem promovido o neoliberalismo no país. Isso não quer dizer que haja um trabalho oculto articulando a produção do canal com relação aos grupos políticos que tem com um projeto neoliberal para o país, mas que a afinidade do discurso aproxima as duas partes e faz de Nigro mais um porta-voz dos valores da nova direita no Brasil.

A proximidade entre *O Primo Rico* e as ideias da nova direita no país retorna a questão política vivida atualmente para o tema da comunicação, do seu papel nesse processo. Se o contexto da midiatisação tem produzido formatos de se comunicar baseados em uma lógica de

mercado, que atuam muito mais na intencionalidade de “vender produtos” e faturar do que no esforço pela prática do consenso, do respeito à pluralidade, como impedir o avanço de uma cosmovisão hegemônica que compreende toda a realidade a partir do viés econômico? Como salvaguardar a democracia diante das recentes investidas de grupos movidos por interesses puramente econômicos? Essa é uma tarefa complexa, mas que se constitui desafio para todo o estudioso da realidade social. A centralidade que a comunicação tem adquirido na configuração das práticas sociais implica que, através da transformação dos processos comunicacionais é possível avançar na direção de uma sociedade mais democrática. Nessa jornada, o esforço de compreensão acerca das mídias e do seu papel dentro das disputas de poder existentes constitui um primeiro passo em favor da mudança.

4.3 “POR UMA OUTRA COMUNICAÇÃO”⁷⁶

No texto de apresentação da obra *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*, Dênis de Moraes destaca o papel estratégico da comunicação enquanto “máquina produtiva que legitima ideologicamente a globalização capitalista” (MORAES, 2004, p.9). A expansão da informação, transportada por modernos aparelhos, difundem produtos, marcas e valores em níveis inimagináveis para um passado não muito distante. Além disso, as ideias que destacam a predominância do interesse econômico encontra bastante espaço na mídia em geral.

É o que pode ser observado pela análise do canal *O Primo Rico*. Ali, Thiago Nigro ensina os princípios capazes de conduzir as pessoas à riqueza. Toda essa informação aparece em um formato dinâmico e interativo de vídeos curtos e acessíveis. Colocando-se como modelo – o *influencer* –, Nigro vende a si mesmo e a sua visão de mundo como um produto atraente capaz de satisfazer os interesses daqueles que o consumirem. Mas paralelamente a toda instrução sobre finanças pessoais e enriquecimento existe a profusão de princípios que se tomados como ordenadores da realidade social, tem se mostrado perigosos.

Sociedade incivil é o termo utilizado por Muniz Sodré para descrever uma era em que as instituições já não se mantêm. Em que a representação democrática tem sido esvaziada por um capitalismo acelerado pelo desenvolvimento tecnológico, que impulsiona os interesses individuais de consumo. Nessa sociedade a pluralidade, a democracia e a cidadania são do

⁷⁶ O título desse tópico foi extraído do livro *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*, publicado sob a organização de Dênis de Moraes (MORAES, 2004).

interesse de poucos (SODRÉ, 2020). O paradigma da mediação na comunicação consiste em um dos pilares desse cenário de crise. Mas esse não é um processo irreversível.

A importância da comunicação para a formação das culturas eleva a importância da reflexão sobre os processos comunicacionais e os seus efeitos sobre o sujeito. Se a mensagem mediada tem conduzido ao narcisismo, ao consumismo e ao isolamento dos sujeitos, por meio da reflexão teórica é possível apontar caminhos de mudança desse cenário. Repensar a comunicação, além do seu aspecto técnico, de economia política, é trazer de volta aqueles componentes ontológicos que pertencem ao conceito, mas têm sido esquecidos na atualidade. Comunicação é partilhar, tornar comum, uma oportunidade de encontro, de construir o social através do consenso. Sodré aponta para a importância da *práxis* comunicacional como oportunidade de reconsiderar os rumos da humanidade no presente (SODRÉ, 2013). Esse é um processo difícil, mas os perigos do modo de vida presente – o aumento da pobreza e desigualdade, desastres ambientais, a insurreição contra as instituições e a democracia – podem gerar algum esforço de mobilização por parte da sociedade, governos e outras organizações. A crítica contida nesse trabalho é parte desse esforço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um artigo chamado *Comunicação: um caos criativo*, Muniz Sodré discute a dificuldade em se definir com clareza quais os limites do campo comunicacional (SODRÉ, 2012). Certamente que esta questão consiste em desafio para a área, já que figura em diversos outros trabalhos de epistemologia e metodologia da Comunicação (HOHLFELDT, *et al.*, 2019; MARTINO, 2018). Entre as justificativas para tal dificuldade citam-se a interdisciplinaridade presente em seus estudos ou o caráter profissional de muitos trabalhos produzidos na área. Apesar das complicações, uma coisa é indiscutível: a importância da comunicação para pensar a realidade social atual.

Atividade fundadora da cultura, a comunicação tornou possível o desenvolvimento do ser humano desde os tempos mais antigos, exercendo papel crucial não apenas na organização social, mas também na construção da própria identidade dos sujeitos, na elaboração das mediações a partir das quais ele interage com o ambiente em que está inserido. E o estágio atual de desenvolvimento dos processos comunicacionais, pautados por tecnologias midiáticas que participam continuamente das interações sociais, amplia o seu papel fundamental na busca por um entendimento mais completo da sociedade.

Este é o esforço desse trabalho. O estudo do canal de YouTube *O Primo Rico* é uma reflexão sobre esse produto da comunicação contemporânea, seus mecanismos de funcionamento e alguns de seus efeitos sobre as pessoas. Contudo, é, também, um exercício de caracterização do corpo social vigente, dos valores que tem direcionado o debate público sobre as noções de humanidade, desenvolvimento, justiça, riqueza, pobreza entre tantas outras que constituem pilares para a organização do corpo social.

Desse modo, a análise da produção de Thiago Nigro expõe que além de um conteúdo ligado à educação financeira, com instruções sobre a administração das finanças pessoais e a importância de se poupar dinheiro por meio de produtos de investimentos mais lucrativos, existe a propagação de um modo de vida ajustado ao capitalismo neoliberal, a despeito de todas as suas contradições e perversidades. Este padrão que, por aqui, tem sido chamado de subjetividade neoliberal, constitui a verdadeira mensagem do canal. A observação dos 89 vídeos produzidos em 2020 – do quais seis tiveram suas análises transcritas nesse trabalho – evidenciam a divulgação de uma conduta em que o sujeito pauta suas decisões a partir de uma lógica economicista, de mercado, portando-se como uma verdadeira empresa de si mesmo.

A pandemia da Covid-19, que poderia abrir espaço para repensar algumas características desse modelo econômico praticado atualmente – e, conseqüentemente, do modo de vida que o acompanha –, ao invés disso, tem o efeito oposto. Na mensagem de Thiago Nigro toda a tragédia causada pelo coronavírus aparece como reforço dos valores do

capitalismo neoliberal, e as características do homem empresa, a saber, o individualismo, a competitividade, o desempenho e a autorresponsabilidade (DARDOT & LAVAL, 2016) orientam a percepção do canal sobre o fenômeno. As duas lições extraídas da conjuntura pandêmica global são: 1. é fundamental ao sujeito administrar seus recursos com base em um planejamento estratégico e não tomar decisões com base na emoção. Aqui é interessante observar o caráter desumanizador que tal conduta é capaz de promover, na medida em que a corrida pelo sucesso necessita que se desconsiderem os próprios sentimentos diante de um cenário tão funesto em prol da ação programada, como de uma máquina. 2. toda crise é uma oportunidade de ótimos negócios, um ensinamento que estimula o sujeito a buscar o enriquecimento mesmo diante de tamanha tragédia e sofrimento e soa como propaganda da pior versão que a humanidade pode ser.

Como produto de seu contexto sócio histórico, *O Primo Rico* traz uma mensagem que converge com as características do neoliberalismo e da mediatização, atuando em defesa de um modo de vida individualista que potencializa os processos de acumulação de capital. Ao mesmo que impulsiona a prática desse modelo econômico, o alcance de sua mensagem é potencializado pelo cenário atual⁷⁷.

Mas a defesa do modo capitalista como caminho absoluto para o desenvolvimento humano e realização pessoal é questionável. Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, a satisfação através do capital, mote supremo do regime neoliberal, tem produzido um ambiente de insatisfação generalizada dos sujeitos. “Inferno do igual” é a expressão adotada por esse pensador para tratar do descontentamento que acomete a humanidade diante da homogeneização nas relações sociais, isso porque são majoritariamente relações que giram em torno de si mesmos. Além do esvaziamento do reconhecimento da alteridade, a busca incessante pelo sucesso produz o esgotamento das energias, o que explica tamanho número de doenças emocionais na era vigente (HAN, 2017).

Outra questão alarmante vinculada a prática desenfreada do modo de vida capitalista é o desajuste do meio ambiente. Em seu livro *Capitalismo e colapso ambiental* (2019), o pesquisador Luiz Marques defende categoricamente que preservação da natureza e capitalismo global são termos incompatíveis, e a partir de vasta observação de dados acerca do meio ambiente, alerta para a urgência de se repensar esse modelo econômico. Essa mesma

⁷⁷ É bom lembrar que o modelo neoliberal promove a deterioração dos laços sociais ao executar uma política econômica que desagrega o trabalhador por meio do processo de desregulamentação das relações no mundo do trabalho. Tudo isso em favor de mais acumulação por parte dos donos do capital (HARVEY, 2016; SENNET, 1999). Também que a mediatização cria um ambiente virtual de interações que não priorizam a troca, a comunicação, mas os valores narcisistas de promoção de si, dentro de uma lógica de mercado (SODRÉ, 2013).

mensagem aparece de modo diferente no trabalho do líder indígena Ailton Krenak. Em seu livro *A vida não é útil* (2020), Krenak argumenta que o ser humano é um com o planeta, e que os problemas de um estão irremediavelmente conectados com o outro, sendo, por isso, necessário, repensar a relação com o meio ambiente.

Por fim, a supervalorização do econômico é apontada por diversos estudiosos como um dos fatores por trás do levante autoritário que tem atacado as democracias ao redor do mundo (BROWN, 2019; CHAMAYOU, 2020; SODRÉ, 2021). Na defesa dos valores de reprodução do capital o autoritarismo constitui em ferramenta possível. E essa fórmula que já foi praticada no passado, volta a aparecer no cenário político global.

A descrição do componente neoliberal presente no canal de educação financeira *O Primo Rico* aponta, também, para todas essas questões citadas acima. Esse trabalho busca refletir não apenas sobre o conteúdo do canal, mas acerca dos caminhos da comunicação contemporânea e do modelo socioeconômico vigente no mundo atualmente. Esse é o trabalho do intelectual e a tradição crítica do pensamento comunicacional brasileiro, amplamente citada no decorrer desse estudo, tem como compromisso apontar caminhos alternativos para a comunicação e para a sociedade. No lugar de uma mídia que desinstitucionaliza, que plataformiza, que vive sobre a lógica da financeirização, que impõe uma subjetividade produtiva, é preciso uma comunicação que resgate o seu sentido original, do termo em latim *communitas*, que significa o “ser em comum”, enxergando a alteridade, buscando proposições coletivas, Sodré defende a prática de uma *práxis* partindo dos estudos da Comunicação, capaz de promover caminhos para a mudança. (SODRÉ, 2013).

Regenerar a política e o social é tarefa urgente diante de uma realidade que tem abraçado cada vez mais o autoritarismo com base em um individualismo insensível (JUDT, 2011). O interesse por esse trabalho nasceu da observação daqueles que não tem se conformado, mas tem se esforçado em apontar equívocos, recalcular caminhos e levantar possibilidades. É um esforço conjunto. Richard Sennet, no final de seu livro, *A corrosão do caráter* observa que incide sobre o “nós” – o “pronomes perigoso” – a força de alterar a ordem estabelecida em favor de um modelo mais humano e justo (SENNET, 1999, p.163), nesse esforço, repensar os rumos da comunicação que tem sido praticada atualmente é contribuir para uma realidade melhor no futuro. É possível.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e mundialização do capital: A nova degradação do trabalho na era da globalização**. Londrina: Editora Práxis, 1999.
- _____. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.
- _____. **Trabalho e Subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- _____. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.
- _____. **Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Editora Boitempo, 2009.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do liberalismo: a ascensão política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.
- BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2019.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- _____. Máquinas de ver, modo de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias da informação e da comunicação. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 110-124, jul. 2004.
- CARDOSO, Amadeu. A dimensão geográfica da internet no Brasil e no mundo. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo São Paulo, 2008.
- CASTRO, Gisela G. S. Entretenimento, sociabilidade e consumo nas redes sociais: cativando o consumidor-fã. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo – RS, v. 12, n. 2, p. 133-140, mai/ago, 2012.
- CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.
- DA VEIGA KALIL FILHO, Marcos; MANCINI, Renata. Os cursos de vida estabelecidos pelo neoliberalismo e os níveis de pertinência de um “daily vlog” no YouTube. In: SAPPIL –

Estudos de linguagem, 9., Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...] Rio de Janeiro: 2018. p. 607-623.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIAS, Kamyla; VIEIRA, Maura; ROCHA, Cristianne. Influenciadores digitais: entre o trabalho de plataforma e o empresariamento de si. **Brazilian creatives industries journal**, Novo Hamburgo, v.3, n.1, p. 50-69, jan/jun. 2023.

DUGNANI, Patrício. Meios de comunicação e o sujeito ensimesmado: o individualismo, a visibilidade e a falência da alteridade. *In: Revista Comunicação Midiática*, Bauru, SP, v. 15, n. 1, p. 37-47, jan./jun. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação, auto-referencialidade e incompletude. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 34, dez. 2007.

_____. Mediação, midiatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. *In: FERREIRA, Jairo [et al.]. Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?*. Santa Maria, RS: FACOS – UFSM, 2018. p. 63-99.

_____. Midiatização, prática social: prática de sentido. *In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS)*, 15, 2006, Bauru, SP. **Anais eletrônicos**.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martinso Fontes, 2008.

GALBRAITH, John. **1929: a grande crise**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

GALLEGO, Esther. Apresentação. *In: GALLEGGO, Esther (org.). O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

GROHMANN, Rafael. Financeirização, midiatização e datatificação como sínteses sociais. *In: Mediaciones de la comunicación*, v. 14, n. 2, p. 97-117, 2019.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 2016.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia. das Letras, 1995.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009. JOHNSON, Steven. *A Cultura da Interface*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JUDT, Tony. Pós-guerra: **Uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008
- _____. **O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- KARHAWI, Isaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: CORREA, Elizabeth Saad; SILVEIRA, Stephanie C. da. **Tendências em comunicação digital**. São Paulo: Universidade de São Paulo – ECA, 2016. p. 38-58.
- KRENAK, Aílton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LAVAL, Christian (org.). Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- LUKÁCS, Gyorgy. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.
- MARQUES, Rodolfo; LEITE, Breno Rodrigo de Messias; OLIVEIRA, André Silva. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas redes sociais. In: **Em Tese**. Florianópolis, v.18, n.2, p. 245-269, 2021.
- MARTINO, Luiz. **Métodos de pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- _____. Midiatização, norte e sul: pontuações e delineamentos do conceito de pesquisa brasileira e anglo-saxônica. In: FERREIRA, Jairo [et al.]. **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?**. Santa Maria, RS: FACOS – UFSM, 2018. p. 219-240.
- _____. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- MIÈGE, Bernard. Para uma atualização da abordagem da mediatização das ações infocomunicacionais. In: FERREIRA, Jairo [et al.]. **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?**. Santa Maria, RS: FACOS – UFSM, 2018. p. 39-62.
- MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGOS, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17-27.

- MORAES, Dênis. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: _____. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 33-50.
- _____. (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- NIGRO, Thiago. **Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- NIGRO, Thiago; SOUZA, Maurício. **Como cuidar bem do seu dinheiro**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
- PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: _____. (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre, Sulina, 2016. p. 13-32.
- PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 232. 2018.
- RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- _____. As redes da cultura: da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico. In: LOPES, Maria Immacolata; KUNSCH, Margarida Maria (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015. p. 33-54.
- SCHWARTZ, Gilson. Conferência de Bretton Woods (1945) In: MAGNÓLIO, Demétrio (org.). **História da paz: os tratados que desenharam o planeta**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 200-222.
- SENNET, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- _____. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de midiaticização”. In: **Revista Mediação**, Belo Horizonte, MG, v. 9, n. 08, p. 59-68, jan./jun. 2009.
- SOARES, Tiago. *Make it New: Hayek, modernismo e a invenção do neoliberalismo (1920-1950)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 209. 2019.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Comunicação: um caos criativo. In: **Revista Logos: comunicação & sociedade**, Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 02, p.6-16. 2012.

_____. Eticidade, campo comunicacional e mediatização. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-32.

_____. **Sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TRINDADE, Karili. A falácia do sucesso empreendedor. In: Seminário de comunicação e territorialidades, 5., 2019, Vitória – ES. **Anais eletrônicos** [...] Vitória: 2020.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, 1997.

VIANA, Luciane; WELTER, Marcio. Conexões dos influenciadores digitais dos canais de YouTube “O Primo Rico” e “Ports Trader”. **Revista científica de comunicação social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH)**, Belo Horizonte, v.14, p. 94-121, 2021.